

UNIVERSIDADE CATOLICA DE SANTOS – UNISANTOS

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

HEBE PRIMO OLIVEIRA SANTOS KUWAHARA

**AS MULTIPLAS FACES DA ESCOLA ESTADUAL VISCONDE DE SÃO
LEOPOLDO NO PERIODO DE 1963 A 1976 ATRAVÉS DAS
TRANSFORMAÇÕES ADMINISTRATIVAS.**

SANTOS

2014

HEBE PRIMO OLIVEIRA SANTOS KUWAHARA

**AS MULTIPLAS FACES DA ESCOLA ESTADUAL VISCONDE DE SÃO
LEOPOLDO NO PERIODO DE 1963 A 1976 ATRAVÉS DAS
TRANSFORMAÇÕES ADMINISTRATIVAS.**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado em Educação da Universidade
Católica de Santos para obtenção de título de
Mestre em Educação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida
Franco Pereira.

SANTOS

2014

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação apresentada à Universidade Católica de Santos como parte dos requisitos para obtenção de título de Mestre.

Aprovado em: 27/06/2014

Banca Examinadora

Prof. Luiz Carlos Barreira

Instituição: UNISANTOS

Assinatura: _____

Prof. Dra. Maria Izilda de Santos Matos

Instituição: PUC SP

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

Agradeço a Deus primeiramente, a minha orientadora Maria Aparecida Fanco Pereira que com extrema dedicação e competência soube me guiar pelas trilhas do aprofundamento da pesquisa e aprendizagem. Agradeço ao meu marido e filho, que suportaram a minha ausência mesmo quando estava presente. A diretora Maria Madalena Serralva que ajudou a não adiar o meu sonho de conquistar o meu título de Mestrado, a diretora Analdina M.M. Chagas que me recebeu, acolheu e abriu as portas do arquivo escolar da EE Visconde de São Leopoldo para que esta pesquisa obtivesse êxito e a parceria entre Capes e Secretaria Estadual de Educação pelo projeto da Bolsa Mestrado/Doutorado, finalmente aos entrevistados que me receberam e compartilharam suas doces ou amargas lembranças, mas que infinitamente souberam cultivá-las para propaga-las a quem se interessar por História e Educação.

Recomeçar um trabalho implica olhar para o que já foi e empenhar esforços em busca dos resultados desejados. Quando conhecemos os obstáculos, nos dispomos, esperançosamente, a superá-los.

Terezinha Rios

Resumo

KUWAHARA, HEBE PRIMO OLIVEIRA SANTOS. **As múltiplas faces da Escola Estadual Visconde De São Leopoldo no período de 1963 a 1976 através das transformações administrativas.** 2014 f. 117 Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica de Santos, Santos, 2014.

O tema da pesquisa é a unidade de Escola Estadual Visconde de São Leopoldo, localizada no bairro do Macuco, na cidade de Santos, litoral paulista. O período abrangido é de 1963 a 1976. Neste momento, o país é sacudido por grandes transformações no campo político, social, educacional e cultural. A escola como um organismo vivo e senhora de seu tempo não passaria imune a este reboiço. A escola será marcada por transformações estruturais e administrativas. No campo estrutural sua arquitetura republicana e esplendorosa irá se ganhar um novo pavimento para atender a legislação educacional e os anseios da comunidade do entorno e adjacências. Administrativamente três mulheres marcaram época: Isaura de Barros Mainardi, Zélia Ruiz e Sônia Elizabeth de Faccio Paolozzi. Caminhos que se cruzaram muitas vezes pelo capricho do destino e que deixaram suas marcas na escola quase centenária do bairro Macuco. A E.E. Visconde de São Leopoldo é o terceiro grupo escolar estadual de Santos, fundado em 1915 com a denominação Grupo Escolar Vila Macuco. Em suas entranhas recebeu classes de extensão de outras unidades escolares ou muitas vezes também necessitou ocupar outros espaços para abrigar seus inúmeros alunos. Através de seus arquivos muito bem conservados é possível perceber as múltiplas faces da Escola Estadual Visconde de São Leopoldo. O arquivo escolar revelou a vivacidade de outrora. Manipular os registros pedagógicos trouxe a nostalgia dos velhos tempos e a certeza de que uma escola pública é o lugar significativo como espaço produtor de cultura e de memória.

Palavras chaves: E.E. Visconde de São Leopoldo, Transformações administrativas, arquitetônicas e educacionais, Espaço de Memória e Cultura Escolar.

Abstract

The topic of research is the unit of State School Visconde de São Leopoldo, located in the Macuco neighborhood in the city of Santos, São Paulo coast. The period covered is 1963-1976. Currently, the country is shaken by major changes in the political, social, educational and cultural field. The school as a living organism and women of his time would not immune from this turmoil. The school will be marked by structural and administrative changes. In the structural field and its splendid architecture Republican will win a new deck to meet the educational legislation and the desires of the surrounding community and surrounding areas. Administratively three strong women epoch: Isaura de Barros Mainardi, Zelia Ruiz and Sonia Elizabeth Faccio Paolozzi. Paths crossed often at the whim of fate and left their marks in almost a hundred beautiful Macuco school district. The E. E. Visconde de São Leopoldo is the third state school group of Saints, founded in 1915 under the name Vila Macuco School Group. In its bowels received extension classes or other school units often also occupy other spaces needed to house its many students. Through its well-preserved files you can see the multiple facets of the State School Visconde de São Leopoldo. The school file revealed the liveliness of yore. Manipulate the educational records brought the nostalgia of the old days and the certainty that a public school is the producer significant place as a space of culture and memory.

Key words: E. E. Visconde de São Leopoldo, administrative, architectural and educational transformations, Memory and School Culture Area.

Lista de Tabelas

Tabela 1 Formação das professoras e ingresso no Visconde.	31
Tabela 2 Tabela de escolas frequentadas pelas professoras de Santos e demais localidades:	32
Tabela 3 Membros da APM de 1963.....	47
Tabela 4 Relação de escolas sob a administração de d. Isaura	63
Tabela 5 Relação de bairros/candidatos ao exame de admissão em 1967.....	84
Tabela 6 Relação de bairros/ candidatos ao exame de admissão em 1971.....	93
Tabela 7 Relação sobre as possíveis causas referentes à repetência e desistência dos alunos em 1970.	97
Tabela 8 Relação sobre as possíveis causas referentes à repetência e desistência dos alunos em 1970.	97
Tabela 9 Relação sobre as possíveis causas referentes à repetência e desistência dos alunos em 1970, relacionadas à administração.....	98

Lista de Figuras

Figura 1, Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo, 1929. Acervo da Escola	23
Figura 2 Construção da edícula nos fundos da Escola Visconde de São Leopoldo	25
Figura 3 2º pavimento da Escola Visconde de São Leopoldo.....	26
Figura 4 Galeria das professoras	34
Figura 5 Galeria das professoras.	35
Figura 6 Galeria das professoras	36
Figura 7 Galeria das professoras.	37
Figura 8 Galeria das professoras.	38
Figura 9 Galeria das professoras.	39
Figura 10 Galeria das professoras	40
Figura 11 Prof. ^a Stella Marques Pozzini, 1965.	41
Figura 12 Inspetor de Ensino Jarbas Godoy, 1965.	42
Figura 13 Eulália Vieira correia, Eurides P.B.A. Perez e Maria Magaly F. De Freitas, 1965.....	43
Figura 14 Diretora Isaura de Barros Mainardi, 1965.....	44
Figura 15 capa do convite para o Jubileu de Ouro, 1965.....	56
Figura 16 programação expressa no convite, 1965.....	57
Figura 17 integrantes da administração direta ou indireta da escola, 1965	57
Figura 18 Integrantes do quadro de professores e funcionários da escola, 1965.....	58
Figura 19 Administração, corpo docente e funcionários em 1915, 1965.....	58
Figura 20 Diretores durante os 50 anos ,1965	59
Figura 21 Carimbo das comemorações, 1965.....	62
Figura 22 D. Zélia Ruiz no Campo de Experiência em Registro/SP, 1959.....	77
Figura 23 . D. Zélia Ruiz, ao centro, em visita a Sociedade Humanitária, 1970.....	78
Figura 24 Comemoração do dia da Arvore, 1970, Visconde de São Leopoldo	80
Figura 25 D. Zélia Ruiz como professora no Externato Santa Rita Santos/SP	82
Figura 26 . Capa da caderneta de D. Maria Aparecida Rossignole.....	103
Figura 28 Prof. ^a Cida Rossengnole, atrás Professoras Edna e Mercedes e alunos.	105

Sumário

Capítulo 1 - Grupo: Uma escola para o bairro do Macuco	22
1.1 Origem da escola	22
1.2- Características do Grupo Escolar de Vila Macuco	23
1.3 O bairro Vila macuco nas décadas de 1960 a 1970	26
1.4 O quadro pedagógico e a cultura de uma escola que nasceu com o ensino primário. A presença feminina, no magistério.....	30
1.5 A administração de Isaura de Barros Mainardi.....	44
1.6 O contexto político da administração Mainardi	50
1.7 O Jubileu de Ouro na administração Mainardi	55
Capítulo 2 - Escola primária e escola secundária	65
2.1- Criação do II Colégio Estadual de Santos	65
2.2- Cenário educacional na década de 1960.....	66
2.3 A AMPLIAÇÃO DO PRÉDIO ESCOLAR	68
2.4 As práticas escolares do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo	71
2.5 A administração Zélia Ruiz	76
CAPÍTULO 3 - De II Colégio Estadual de Santos a Colégio Estadual Ruy Ribeiro Couto.....	83
3.1 Começa sede da extensão do Ginásio Estadual “Dos Andradas”.....	83
3.2 Uma escola dentro de outra escola: solução ou confusão?	86
3.3 Administração Sônia Paolozzi 1969/1976.....	90
3.4 As Reformas educacionais de 1971 e as repercussões nas escolas do Visconde de São Leopoldo. 95	
3.5- A reorganização do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo em 1975.	100
3.6 Enfim a fusão: a face da Escola Estadual de 1º Grau Visconde de São Leopoldo.	101
Considerações Finais.....	106
Fontes primárias e bibliografia.....	110
Anexo	115

Introdução

Esta dissertação pretende abordar as múltiplas faces da Escola Estadual Visconde de São Leopoldo, localizada no bairro Macuco na cidade de Santos, Litoral Paulista no período de 1963 a 1976. Esta unidade de ensino foi fundada em 1915, é o terceiro grupo escolar estadual da cidade de Santos, a seguir do Grupo Escolar de Vila Mathias, e o Grupo Escolar Barnabé e como tal nasceu com a finalidade de oferecer o curso primário.

O período abrangido é o momento político em que o País deixa de ter um governo civil para iniciar uma era de governos militares. As transformações políticas do País e a nova ideologia implantada com a ascensão militar irão repercutir também na legislação educacional e consequentemente na unidade escolar em questão.

Em 1971 é lançada a Lei 5692 que previa a reforma do ensino de 1º e 2º graus e que revogou alguns artigos da Lei 4024/61. Neste contexto a escola será marcada pela construção de um pavimento superior cujo destino seria o funcionamento do II Colégio Estadual de Santos. Isto significa que, em um dado momento da história da escola Visconde de São Leopoldo, entre os anos de 1968 e 1976, um único prédio abrigará duas escolas distintas, com administração, corpo docente e discente diferentes.

Estas instituições contaram com a administração de Zélia Ruiz, pelo Grupo Visconde de São Leopoldo, e Sônia de Fáccio Paolozzi, pelo Rui Ribeiro Couto, a partir da fusão das escolas que se dará em 1976, obedecendo ao decreto 7400/75 cujo teor estabelecia a estrutura da rede oficial de ensino do Estado de São Paulo em consonância com a Lei Federal n. 5.692, de 11 de agosto de 1971, que fixava as Diretrizes e Bases para o ensino de 1.º e 2.º graus. Este decreto foi lançado no governo de Paulo Egydio Martins, eleito indiretamente para governador do Estado de São Paulo durante o exercício presidencial de Ernesto Geisel.

Esta dissertação pretende estudar as várias transformações administrativas que a escola pública Estadual Visconde de São Leopoldo sofreu no período de 1963 a 1976, por força da legislação federal e estadual da Educação. A Lei 5962/71, que vem no bojo das mudanças propostas pelo regime militar e que unificou o primário com o ginásio estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de oito anos, (surgindo o 1º grau) traz consequências à unidade escolar em questão.

A escola já não conseguia atender a demanda existente no bairro de Vila Macuco e necessitou ocupar outros espaços para dar vazão ao ensino daí a mudança na estrutura física duplicado em dois andares.

Três mulheres administraram as escolas neste período: Isaura de Barros Mainardi, Zélia Ruiz e Sônia Elizabeth de Faccio Paolozzi. Essas mulheres conduziram a unidade escolar inicialmente sob a égide da LDBEN de 1961 e posteriormente sob a LDB para ensino de 1º e 2º graus de 1971, sendo esta última considerada um avanço para a educação brasileira.

A escola pública também é um lugar significativo como produtor de memória. Associar uma escola pública com um momento político expressivo para o País, como a ditadura militar, reconstituir sua história e de seus atores sob uma nova perspectiva remete a alguns campos historiográficos como memória e história, história social, história oral, a importância do testemunho. Neste sentido, Halbwachs, (2004, p.33) traduz a essência desta pesquisa quando diz:

Vejam um professor que ensinou durante dez ou quinze anos em um liceu. Ele encontra um de seus antigos alunos, e mal o reconhece. Este fala de seus colegas de outrora. Ele recorda os lugares que ocupavam em diversos bancos da sala de aula. Evocam muitos dos acontecimentos de ordem escolar que se produziram nessa sala de aula. Evocam muitos dos acontecimentos de ordem escolar que se produziram nesta sala de aula, durante esse ano, o sucesso, de uns e outros, as extravagâncias e as travessuras de outros, tais partes do curso, tais explicações que impressionaram particularmente os alunos ou lhes interessaram. Ora é bem possível que, de tudo isso o professor não tenha guardado nenhuma lembrança. Entretanto seu aluno não se engana. É indubitável, aliás, que naquele ano, durante todos os dias do ano, o professor teve presente no espírito o quadro que lhe representava o conjunto de alunos bem como a fisionomia de cada um deles, e todos esses acontecimentos ou incidentes que modificam, acelera, rompem ou tornam mais lento o ritmo de vida da aula, e fazem com que esta tenha uma história.

A escola é um espaço que produz memória e para (re) constituir esta memória é necessária à pesquisa em arquivos que nem sempre estão bem preservados e onde muitas vezes história e memória tornam-se meros relatos. Buscar o passado, rememorar-lo e escrever sobre ele não é desprovido de subjetividade. Portanto o historiador busca sua fonte de inspiração e compreensão em diferentes fontes do saber histórico. A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Assim a memória coletiva deve servir para a libertação e não para a servidão dos homens. (Le Goff, 1996, p.477).

A Escola Visconde de São Leopoldo é uma instituição importante não só no populoso bairro do Macuco, como na cidade de Santos. É, uma escola que nasce em 1915 para reunir

outras escolas isoladas em um único prédio e contribuir para a escolarização da população local e seu desenvolvimento social.

Santos é um município portuário, sede da região Metropolitana da Baixada Santista, localizada no litoral do Estado de São Paulo, no Brasil. Abriga o maior porto da América Latina, o principal responsável pela dinâmica da cidade ao lado do turismo e do comércio.

O bairro Macuco, pertence à área central e portuária da cidade de Santos. Em 2010 o bairro possuía uma população de 19.870 habitantes. Ocupa uma área de 1.545 KM². No centro da ilha onde o bairro está inserido, a densidade caiu (apesar de manter-se considerável) junto com outros bairros como Vila Nova, Vila Mathias e Paquetá – áreas nobres no início do século XX- que foram convertidos ao longo do século em áreas industriais e, em sua maioria, deteriorados com a proliferação de cortiços e a desvalorização urbana. Em 2013, Santos contava com 433.153 habitantes segundo o censo 2013 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (<http://www.santos.sp.gov.br/conheca-santos/dados-gerais>, acesso em 14/12/2013).

Para o entendimento desta dissertação, foi importante a dissertação de Mestrado de Marcio Brasil: O grupo escolar Visconde de São Leopoldo e a escolarização de Vila Macuco durante a Primeira República, defendida em 2008. O autor faz um estudo sobre a história da fundação da escola e a sua relação com o bairro no qual está localizada nos anos de 1915 a 1935, período da administração de José Olivar da Silva.

Contudo o estudo desta atual pesquisa é a análise que é feita sobre as muitas faces do grupo escolar Visconde de São Leopoldo. Uma escola que nasce exclusivamente com a vocação primária para atender a demanda do bairro Macuco e ao longo do tempo se adapta as novas exigências educacionais, a ampliação dos níveis de ensino e o aumento do número de alunos que irão para o ginásio e 2º Grau. A aplicação das políticas públicas dentro da escola em questão abrange um período superior e resulta de uma legislação que modificou até mesmo o aspecto físico vindo a influir na cultura tanto organizacional quanto escolar.

Entretanto, não foram encontradas outras pesquisas ou estudos sobre fusões de escola pública primária com escola pública secundária na cidade de Santos.

A presente dissertação pretende chegar aos bastidores da reorganização escolar proposta em 1975 da EE Visconde de São Leopoldo verificando como a política educacional

levou à utilização do mesmo prédio para duas escolas distintas e posteriormente a absorção do alunado do Colégio Estadual Ruy Ribeiro Couto pela Escola Estadual de 1º Grau Visconde de São Leopoldo.

Para tal algumas indagações são apresentadas:

1- Como a criação do II Colégio Estadual de Santos repercutiu no Grupo escolar Visconde de São Leopoldo?

2- Quais os principais artifícios para solucionar o problema da demanda escolar no bairro Macuco e na escola em questão?

3- De que forma o sistema político do regime militar foi sentido nas unidades educacionais nos anos de 1963 a 1976?

a) Até que ponto a cultura organizacional de uma escola convergiu/divergiu para a outra escola?

b) Até que ponto as administradoras foram conscientes, participantes e/ ou omissas nas decisões tomadas nessa época?

c) Como a fusão escolar repercutiu entre os educadores, alunos e a comunidade do bairro Macuco?

Esta pesquisa abrange especificamente o período 1963/1976, vigência da LDBEN 4024/61, LDB 5692/71(Reforma de Ensino de 1º e 2º Graus) e decreto 7400/75 (reorganização escolar) utilizo a data em que ocorre a fusão do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo com o Colégio Estadual Ruy Ribeiro Couto para finalizar esta dissertação.

Para analisar a escola e seus atores, há fontes históricas existentes na escola como os livros de matrícula, livros ponto, administrativo e docente, livros de atas de exames finais, composição das salas de aula, grade curricular, entrevista com ex-alunos, ex-professores e ex-diretores, fotografias e legislações em vigor na época.

A escola também é um espaço produtor de cultura. Segundo Marta Carvalho (1998, p. 32):

Penetrar a *caixa preta* escolar, apanhando-lhe os dispositivos de organização e o cotidiano de suas práticas; pôr em cena a perspectiva dos agentes educacionais; incorporar categorias de análise-como gênero-, e recortar temas- como profissão docente, formação de professores, currículo e práticas de leitura e escrita-, são

alguns dos novos interesses que determinam tal reconfiguração. Nesse processo, são sobretudo as perspectivas abertas e as questões lançadas pela chamada Nova História Cultural que vêm redesenhando as fronteiras e redefinindo os métodos e objetos da História da Educação.

Sobre cultura escolar, são utilizados dois estudiosos do assunto: Vinão Frago e Dominique Julia. Esses excertos encontram-se em Lima, (2010, p.275.).

Para Julia (2001, p.10) a cultura escolar é:

O conjunto de normas que definem os conhecimentos a ensinar e as condutas a inculcar e, um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos, normas e práticas coordenadas a finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização. Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional, os agentes que são obrigados a obedecer a essas normas e, portanto, pôr em obra os dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar a sua aplicação, a saber, os professores.

Para Frago (2012):

Un conjunto de teorías, ideas, principios, normas, pautas, rituales, inercias, hábitos y practicas – forma de hacer y pensar, mentalidades y comportamientos- sedimentadas a la largo del tiempo en forma de tradiciones, regularidades y reglas de juego no puestas en entredicho y compartidos por sus actores en el seno de las instituciones educativas.

Estudos sobre a Educação no período militar e as políticas públicas traçadas para escola foram importantes em especial para a articulação deste trabalho: os realizados por José Wellington Germano: “Estado Militar e educação no Brasil” (1993), onde o autor traz importantes considerações sobre a política educacional do período militar, destacando que existe um hiato entre o momento de elaboração e o de implementação das políticas sociais, nas quais se incluem a política educacional; Ivani Catarina Arantes Fazenda: “Educação no Brasil Anos 60, O Pacto do Silêncio”, (1985) a autora desvenda O Pacto do Silêncio, através de um passeio pela situação educacional e política do Brasil nos anos 1960 a 1970, incluindo uma retrospectiva dos anos 1920 a 1960.

Para abordagem sobre memória:

- LE GOFF, Jacques (1996). *História e memória*.

O autor faz uma importante análise sobre a relação entre a memória e a história, ampliando significativamente o conceito de documento, incluindo arquivos orais.

HALBWACHS, Maurice (2004). *A memória coletiva*.

O autor traz considerável contribuição ao elucidar a importância da memória coletiva e individual utilizada nos depoimentos das diretoras, professores e alunos.

Para análise do conceito de cultura escolar foram fundamentais os estudos de:

Julia, Dominique (2001). *A cultura escolar como objeto histórico*.

A escola é caracterizada por um conjunto de normas que definem os saberes a ensinar e um conjunto de práticas que conduzem a transmissão desses saberes. Conceitos que serviu para orientar a reflexão no interior da unidade escolar em questão.

VIÑAO FRAGO, Antônio (2012). *Historia de la educacion y historia cultural*.

O autor expõe a história cotidiana do fazer escolar, sua materialidade e o modo de pensar que ficam bastante claros nas falas das ex-diretoras e ex-alunos.

ESCOLANO, Agustín. *Patrimonial material de la escuela e história cultural*.

Ao aprofundar a questão da escola nos aspectos da cultura escolar, o esquema que Escolano adota, auxilia mais a análise que esta dissertação pretende: a cultura legal (influência da legislação), cultura teórica (ou seja, verificar os autores brasileiros que estão influenciando neste período) e cultura empírica, principalmente pela atuação das suas diretoras e professores.

SKIDMORE, Thomas (1989). *Brasil: de Castelo a Tancredo*.

O autor analisa os principais acontecimentos que antecederam o golpe militar no Brasil e explicita os fatos que marcaram a administração durante os anos de chumbo, básico para a compreensão de política.

Para análise de aspectos de escola primária e da escola secundária, subsídios fundamentais foram encontrados em várias obras de Rosa Fátima de Souza: *Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*, (1998).

A autora analisa a estrutura e a forma da escola primária criada no Estado de São Paulo pelo projeto educacional republicano através da reconstrução da institucionalização de um novo modelo que introduziu diversas inovações na escola primária, ou seja, o grupo escolar.

Alicerces da Pátria: Escola primária e cultura escolar no Estado de São Paulo (1890-1976), (2009).

A autora elege a cultura escolar como eixo de análise e o período por ela estudado abarca em parte o espaço temporal desta dissertação e permite estudos sobre a produção da escola em determinado período histórico, revelando as complexidades que envolvem os atores do cotidiano escolar.

A renovação do currículo do ensino secundário no Brasil: as últimas batalhas pelo humanismo (1920-1960), (2009).

O texto refere-se à história do ensino secundário brasileiro a partir da análise do currículo humanista implantado na escola no período entre 1920 e 1960, tendo presente os debates entre os intelectuais da educação de correntes diferentes. De defesa do currículo humanista no ensino secundário brasileiro travado no período entre 1920 e 1960. Esse currículo vai se transformando a partir da metade do século XX com introdução de outras disciplinas procurando ainda que timidamente responder as exigências do país desenvolvimentista.

Para análise da maciça presença feminina no magistério foram fundamentais estudos de:

Mattos, Maria Izilda S.de (2000). *Por uma História da Mulher*.

Que mostra a necessidade de tornar visível cada vez mais a presença da mulher na história, “recuperando o contexto de sua emergência e sua trajetória na historiografia brasileira”. (2000, p.8) Nesse sentido esta dissertação procura estudar a presença das mulheres educadoras, descobrindo campos de sua atuação e suas lutas, tornando- as visíveis na historiografia da educação apesar de um campo já bastante discutido que é o do magistério feminino. Procura-se nesse sentido estudar -utilizando a dimensão relacional da categoria de gênero- a presença das mulheres no campo da gestão, ainda muito permeada do elemento masculino. (MATOS, 2000, p.16-18)

A metodologia utilizada será fundamentalmente documental histórica. São importantes os livros oficiais de escrituração do acervo da escola.

Os livros de matrícula, constituídos de termo de abertura e encerramento, número de matrícula e de ordem, nome do aluno, dia, mês, ano do nascimento, idade, filiação, residência

e as observações de praxe. Por exemplo: comum, eliminado, recuperação, conservado, promovido.

Os livros de atas de exames finais traziam as seguintes informações: data da realização dos exames, número, aluno, data da matrícula, chamada, notas obtidas no exame e disciplinas avaliadas, e as observações de praxe: diplomada ou conservada. Ao final de cada registro havia um quadro-resumo no qual eram informados os matriculados presentes aos exames, julgados, mensais, quantidade de promovidos e conservados, porcentagens de promoção, idade, total de avaliados e o termo dos exames. Em 1961, o livro de ata de exame final, iniciava-se com o quadro de exames e com os seguintes dizeres: Estabelecimento GESC Visconde de São Leopoldo, nome da classe, nome do titular, nome do substituto, município do exame, natureza, estágio, zona urbana, nome do examinador e professor que compunham a sessão de exames, que eram sempre pessoas externas àquela escola.

No livro ponto do pessoal docente, constavam as seguintes informações: termo de abertura, número de ordem, cargo ou função, aulas/classes, turno, total de faltas e as seguintes observações: quantidade de dias letivos, licença saúde, licença gestante, situação funcional.

No livro de ponto administrativo constava o termo de abertura, cargo ou função, turno. O interessante de analisar este material foi saber que neste período esta escola pública contava também com profissionais da saúde, como dentistas e auxiliares de dentista.

Todo este material foi útil para traçar o perfil desta unidade escolar nos anos já mencionados. Para auxiliar nesta busca optou-se pela pesquisa qualitativa. Segundo BOGDAN e BIKLEN, (1994, p.19):

Ainda que a investigação qualitativa no campo da educação só recentemente tenha sido reconhecida, possui uma longa e rica tradição. As características desta herança auxiliam os investigadores qualitativos em educação a compreender a sua metodologia em contexto histórico.

A opção pelo estudo de caso de organizações numa perspectiva histórica foi auxiliada mais uma vez pela obra de BOGDAN e BIKLEN (1994, p.90):

Estes estudos incidem sobre uma organização específica, ao longo de um período determinado de tempo, relatando o seu desenvolvimento. Por exemplo, pode efetuar o estudo de uma determinada “escola aberta”, investigando como se deu o aparecimento, como decorreu o seu primeiro ano, que modificações se operaram ao longo do tempo, como se encontra atualmente (se ainda se encontra em funcionamento) ou as razões pela qual foi encerrada. O seu estudo irá basear-se em entrevistas com pessoas que tenham estado relacionadas com a organização, na

observação da escola e nos registros escritos existentes. Se é sua intenção efetuar este tipo de estudo, faça alguma investigação preliminar, no sentido de se informar quais pessoas disponíveis para entrevistar e sobre documentos que foram preservados.

Assim, além das obras escritas foram utilizados depoimentos.

Alguns investigadores tomam notas de campo extensas depois de uma entrevista para registrar as frases dos seus sujeitos. Confiam na sua capacidade de se lembrar e não num gravador. Mas as entrevistas longas são difíceis de captar de forma completa. Quando um estudo envolve entrevistas extensas ou quando a entrevista é a técnica principal do estudo, recomendamos que use um gravador. Chamaremos às entrevistas datilografadas transcrições. As transcrições são os principais “dados” de muitos estudos de entrevistas. BOGDAN e BIKLEN (1994c, p.172-173)

A técnica de entrevista e posterior transcrição foram utilizadas com as ex-diretoras, ex-funcionária, ex-alunos, ex-professores e uma moradora do bairro de Vila macuco com a finalidade de examinar as memórias que os entrevistados teriam da escola, de sua atuação enquanto administradoras e funcionárias e do bairro no qual a unidade escolar está inserida e é objeto deste estudo. Foram elaboradas perguntas abertas e a entrevista ocorreu de forma semiestruturada. A ex-diretora Zélia Ruiz e a ex-secretária de escola Maria Conceição Veloso foram entrevistadas por duas vezes: a primeira serviu para conhecê-las e saber quais possibilidades investigativas poderia advir dali. No segundo encontro, já com a estratégia definida e o território mais conhecido, foi possível descobrir várias curiosidades e facetas do grupo escolar Visconde de São Leopoldo.

Em linhas gerais a D. Zélia é indicada pela diretora anterior, Isaura de Barros Mainardi, quando D. Eurides P.B.A. Perez, diretora substituta entre 1968 a 1970, pede aposentadoria. A partir daí inaugura-se a era Zélia Ruiz que permanecerá no Posto como diretora de escola do Visconde De São Leopoldo até 1984, quando resolve se aposentar. Durante este período enfrentou reforma administrativa, estrutural e educacional tendo como período difícil o momento da junção das escolas.

Maria da Conceição ex-secretária da escola relembra como foi tumultuado, pois a cultura do Visconde era voltada ao antigo primário e os professores do ginásio eram completamente diferentes. Relembra das festas esplendorosas e foi escolhida pela d. Zélia para ficar na secretaria da escola.

Sônia Paolozzi, como gosta de se denominar, praticamente montou sozinha o II Colégio Estadual de Santos, pois recebeu a parte superior do Grupo Escolar para mobiliar,

planejar o conteúdo curricular e atribuir aulas para os professores em uma escola que ainda não tinha nem seus alunos. Segundo esta diretora os alunos do colegial foram arrebanhados nos arredores da escola, porque não haviam sido matriculados. Em 5 (cinco dias) montou a escola e pôs para funcionar permanecendo ali por 6 anos. Antes de ocorrer à fusão entre as escolas conseguiu montar o laboratório apenas com as doações dos pais e festas realizadas para tal. Em 1970, em uma ampla campanha eleitoral junto aos alunos conseguiu eleger o nome Ruy Ribeiro Couto para agraciar o antigo II Colégio Estadual de Santos. Com a junção do Grupo Escolar com o Ruy Ribeiro Couto, D. Sônia deixa a direção da escola e assume uma função na diretoria de ensino.

A ex-aluna Márcia que estudou na escola entre 1973 à 1976, tem viva em sua memória os anos passados dentro do Visconde(...) anos duros e a disciplina era muito rígida a diretora os levava com mão de ferro segundo a aluna, bastava ela aparecer e todos silenciavam. Mas gostava dos colegas e todos se respeitavam.

O ex-aluno Adilson Maraucci guarda consigo o uniforme escolar e documentação relativa ao seu desempenho escolar, tais como as carteirinhas escolares. Além de ter estudado no GESC Visconde de São Leopoldo por muitos anos, é morador do Bairro Macuco há 50 anos e reside na mesma casa localizada em frente à escola, desde 1964, ano em que nasceu. Em suas memórias relembra que no período da ditadura militar o ensino era ótimo e os professores eram bem capacitados e que até os ruins eram bons. Convergem com as memórias de Márcia, no sentido de que a disciplina era severa e todos eram tratados à mão de ferro. Relata que havia manifestação silenciosa para a melhoria da educação no bairro e o desejo de que a escola ampliasse os níveis de ensino para atender aquela região que era carente de estabelecimentos de ensino. Em relação ao bairro, Adilson Maraucci diz seu bisavô fora proprietário de muitas terras no Macuco, que iam da Rua Rodrigues Alves até a Avenida Nossa Senhora de Fátima, Zona Noroeste da cidade e que onde existe a imagem da santa Nossa Senhora de Fátima também pertencia ao bisavô. Para presentear seus filhos, o bisavô construiu um conjunto de 4 casas germinadas localizadas de frente ao colégio sendo uma para cada filho. Informa ainda que sua tia-avó Olga foi à segunda aluna da escola Visconde de São Leopoldo. Uma curiosidade interessante é que boa parte das fotos tiradas na época delas tem de fundo a escola em questão. Rosângela, moradora do bairro, tornou-se funcionária da escola em 2010 permanecendo até 2013 ano em que se exonerou da escola tem consigo a doce memória da infância no bairro, as grandes árvores que havia entorno.

O populoso bairro de Vila Macuco a partir de 1915 ganhou uma escola voltada ao ensino primário que veio ao encontro do desejo dos moradores que acreditavam na escolarização como forma de ascensão social.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo discorre sobre a origem e importância do Grupo escolar Visconde de São Leopoldo, a administração de Isaura de Bairros Mainardi e as transformações administrativas durante a sua gestão. O segundo capítulo discorre sobre a criação do II Colégio Estadual de Santos dentro do Grupo Escolar, as práticas escolares do Grupo Escolar, a duplicação do edifício e a administração de Zélia Ruiz. O terceiro capítulo discorre sobre o funcionamento do Colégio Estadual Ruy Ribeiro Couto sob administração de Sônia de Faccio Paolozzi e as situações criadas pelo funcionamento de escolas distintas no mesmo prédio escolar. Trata também da aplicação da legislação educacional vigente e da fusão decorrente desta mesma lei.

Capítulo 1 - Grupo: Uma escola para o bairro do Macuco

1.1 Origem da escola

Em 1914 erige-se no centro de um grande lote no Bairro Vila Macuco em Santos, litoral paulista o Grupo Escolar de Vila Macuco, seguiria o padrão republicano de construção, onde seria levado em consideração também as condições adequadas de higiene. Em sua dissertação, Brasil (2008, p. 62), relata que:

Portanto, é também no contexto de desqualificação da tipologia das edificações locais que o grupo escolar de vila macuco se insere. Diferente das construções de madeira e das edificações alinhadas na testada do terreno, o edifício ocupará o centro do lote, em sólida edificação de alvenaria, utilizando o que de melhor o conhecimento técnico oferecia de sistema construtivo.

Marcio Brasil (2008, p.64-65), faz referencia positiva sobre a construção do grupo escolar:

Apesar de não possuir os dotes arquitetônicos do GE de Vila Mathias, o GE de Vila Macuco se constituiu, como o outro no melhor edifício instalado em seu território de abrangência, dotado de todas as condições higiênicas e sanitárias, destinado a servir de referência para futuras construções no seu entorno.

Em 1915, o Grupo Escolar de Vila Macuco inicia o seu funcionamento, tendo a frente da direção José de Olivar da Silva, que ocupou este posto até 1934, ano de sua aposentadoria, e soube imprimir ao Estabelecimento em tal ritmo de trabalho que granjeou à esta Casa de ensino, a tradição de Estabelecimento de escol.(HISTORICO DE ESCOLA, CINQUENTENÁRIO). . O Grupo Escolar de Vila Macuco foi instituído com a reunião de quatro escolas isoladas... Em 1919 outras duas escolas são reunidas (Brasil; 2008; p.85). Oferecia o curso primário e o corpo docente em sua maioria era constituído por mulheres, nessa ocasião, época em que não havia ainda a Delegacia Regional de Ensino de Santos, era inspetor regional o Prof. Primo Ferreira, figura de destaque a quem Santos deve relevantes serviços no setor da educação e ensino. O corpo docente na época da fundação compunha-se

dos Sres. Professores: João Oliveira da Silva, Rosalina Alves Rodrigues, Maria Fontes e Amália Labruciano.

1.2- Características do Grupo Escolar de Vila Macuco



Figura 1, Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo, 1929. Acervo da Escola

Localizada em uma área central da cidade de Santos, litoral paulista, esta instituição já nasceu com características urbanas foi construída na Rua João Guerra com a Rua Silva Jardim. e segundo Brasil (2008, p.64):

Por outro lado, encravada em lote de esquina, sobra de loteamento, o Grupo Escolar de Vila Macuco era visível somente pela comunidade do núcleo urbano. Utilizou material mais barato, resultando em um edifício de um único pavimento (com porão baixo), o que justifica sua rápida construção (cerca de dois anos). (Brasil, 2008, p.64)

A sua construção também atendeu as necessidades sanitárias da época, pois se tratava de uma obra que resultou em um edifício de pavimento único, amplas janelas e porão baixo como pode ser visualizado na figura 1. O edifício tinha janelas altas o que assegurava a ventilação e a iluminação durante a maior parte do dia. O edifício ainda possuía uma entrada central para professores e demais pessoas e duas entradas menores para os alunos que

deveriam ser separados por sexo ¹. Quando anunciado o funcionamento da escola, esta atendia apenas um único período, fato este que nas décadas seguintes irá ser modificado, pois devido à demanda e à carência do bairro por mais unidades escolares esta passa a ser em três turnos.

Nos anos de 1963 a 1968 a escola possuía turmas femininas e masculinas estudando em alas e salas separadas, portanto havia livros de matrícula feminino e masculino. Esta situação perdurou até 1970, quando algumas turmas mistas foram criadas.

Na década de 1960 funcionava somente o antigo primário, hoje chamado de ensino fundamental I, e a escola se denominava Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo, desde o ano de 1922(HISTORIA DA ESCOLA, CINQUENTENÁRIO).

Na década de 1970, já sob a égide do novo plano de Lei de Diretrizes e Base do governo federal, a Lei nº 5692/71, o Grupo Escolar passou a abrigar os alunos que terminavam o primário em 1972. Paralelamente, funcionando no mesmo edifício, funda-se o II colégio Estadual de Santos para atender ao atual ensino fundamental II, Ensino Médio e Curso Profissionalizante. O GESC Visconde de São Leopoldo oferecia simultaneamente o antigo 1º grau.

Em 1972, o II Colégio Estadual de Santos passa a se denominar Colégio Estadual Dr. Ruy Ribeiro Couto. O curso profissionalizante neste colégio era o de Auxiliar Administrativo e funcionava no período noturno. Em 1974, funcionou uma sala de educação especial no GESC Visconde de São Leopoldo. Em 1976, as turmas pertencentes ao Ruy Ribeiro Couto passaram a integrar definitivamente a EEPG Visconde de São Leopoldo com as salas de aulas sendo compostas por meninos e meninas.

Enquanto ocorriam essas mudanças estruturais no interior da escola, o país seguia com seu modelo de governo autoritário. O cenário não era nada animador, como diz a célebre música de Chico Buarque: “A minha gente hoje anda falando de lado e olhando pro chão, viu...” (*Apesar de Você*, 1970, música).

Transformações do espaço físico no edifício acontecem. BRASIL (2008a, p.69-70), a descrição destas reformas:

¹ A descrição detalhada deste grupo escolar ganhará maior importância para evidenciar as transformações administrativas e físicas sofridas pela escola ao longo do século

As grandes reformas do edifício vão acontecer nos anos sessenta. Em 1965, edículas são construídas no fundo do imóvel e, em 1969, é construído o segundo pavimento [...].

[...] Apesar de contar com inúmeros lotes vagos, e com o ofício do Inspetor de Estudos Físicos, que solicitava empenho dos professores junto à municipalidade para a sua expansão, o Grupo escolar se apropriou mesmo foi dos terrenos laterais aos Pavilhões Cobertos. (BRASIL,2008, p.69-70)



Figura 2 Construção da edícula nos fundos da Escola Visconde de São Leopoldo em 1965

Fonte: Hebe, em 2012.



Figura 3 2º pavimento da Escola Visconde de São Leopoldo construída em 1969
Fonte: Hebe, 2012.

1.3 O bairro Vila macuco nas décadas de 1960 a 1970

O Macuco é um bairro comercial, portuário e residencial. É um bairro central onde grandes depósitos, áreas de comércio e residências de porte médio convivem com a exclusão social e a explosão de moradias precárias. Neste período, os números de residências diminuíram. Grande parte do comércio fechou as portas ou mudou para outros lugares e a vocação portuária acentuou-se. O número de cortiços aumentou, porém com outras características.

Este já foi um dos maiores bairros de Santos, hoje reduzido ao trecho entre as avenidas Afonso Pena e Siqueira Campos, Rua Almirante Tamandaré, Avenida Rodrigues Alves, Rua Conselheiro João Alfredo, até os muros da CODESP, Rua Xavier Pinheiro e Campos Melo. [...] Na última década, o Macuco Ganhou pouco mais de 1.000 habitantes. Dos 17.569 moradores registrados pelo censo de 1970, passou para 18.740 em 1980[...] A verdade é que a cada dia o Macuco acentua sua característica de suporte para o porto. A população procura outras áreas, onde não precisem conviver com o trânsito de caminhões, armazéns, barulhentos, depósitos de containers, firmas transportadoras e outras ligadas a reparos de equipamentos navais. [...] Para as 3.549 unidades residenciais registradas pelo Censo de 1970, havia 249 unidades comerciais, 194 de serviços e 102 industriais. Restam pouquíssimos daqueles chalés que dominavam a paisagem do começo do século, e mesmo os tradicionais sobradinhos geminados, de amplos porões e janelas e portas altas, que é da década de 20, sucumbem aos poucos. As empresas e os corretores não dão sossego [...]. (Fonte site Novo milênio disponível em: www.novomilenio.inf.br/santos/lendas.htm, acesso em 28/09/2012).

Rosângela, residente no bairro desde 1976, e que descreve a Vila Macuco da seguinte maneira:

Cheguei ao Bairro Macuco em 1976, eu tinha 9 anos, nunca estudei no grupo Escolar Visconde de São Leopoldo porque meu pai preferiu me matricular em uma escola perto de casa que era mais a próxima, o SESI. O que chamou mais a minha atenção no bairro foi o cais e o posto de gasolina Santo Antônio, lá tinha muitas árvores, grandes, lindas e brincava muito no posto. Seu Manolo, o espanhol, deixava brincar lá. O comércio tinha diminuído muito, tinha mais açougues, padarias e mercados, mas aqui virou área portuária, muitas empresas de transportes... Antigamente tinha casas que moravam muitas pessoas onde todo mundo morava direito, tinha quarto, cozinha e banheiro. Casas antigas divididas em cozinha, banheiro e quartos separados por um corredor. Agora, aluga-se quartos para famílias inteiras e o banheiro é coletivo. Em 1976, a escola Visconde de São Leopoldo era reconhecida como uma das melhores de Santos e estudavam pessoas de boa família. Enchiam a boca para falar do Visconde. O bairro era tranquilo, os bandidos respeitavam. Em todo esse tempo não senti a presença da ditadura militar, mas lembro de que tinha mais respeito.

A partir do depoimento acima se percebe claramente o saudosismo de uma época entendida na concepção da entrevistada como uma fase calma, respeitosa e onde aparentemente viviam muitas pessoas tranquilas e felizes com a condição que tinham. Esse depoimento corrobora a ideia do milagre brasileiro, já que a região viveu o expansionismo da área comercial voltada ao porto. A escola para ela também estava adaptada, visto que o entendimento da entrevistada era que o “ensino era de qualidade”, onde estudavam pessoas de boa família, ou seja, a educação advinda da lei 5692/71 satisfazia o imaginário da educação de qualidade. Ainda para corroborar esta ideia, segundo Adilson Maraucci, ex-aluno e morador antigo do bairro, relata que:

Eu moro neste bairro aproximadamente há 50 anos. As transformações no bairro, praticamente se transformou muito em setor comercial, no entanto, hoje em dia faltam hospitais e a educação também tá muito precária, antigamente tinha o

hospital do Estivadores que era como uma referência, e a escola, na época em que estudei era também um nível muito bom, melhor do que hoje em dia. De 63 a 76 meu bairro era muito tranquilo, as famílias todas punham as cadeiras nas portas, as crianças ficavam brincando, como uma cidade do interior, todas as famílias ficavam nas portas, todos se conversavam, todos os vizinhos se conheciam, todos os sábados tinham bailinhos na casa de alguém, toda turma, todo sábado, refrigerante, música, todo sábado na casa de outro, e as famílias eram muito dadas. Os pais costumavam muito frequentar a escola, os professores, diretores sempre vinham aqui na minha casa, gostavam da minha mãe, tinham amizade, sempre quando tinha festa na escola vinham buscar panelas, para fazer coisas, forma, meu pai também entendia de eletricidade e ajudava no som, na festa no aparelho de som da escola, caixa acústica e eu sempre participei de todas as festas. As atividades portuárias do meu bairro sempre foram forte porque grande parte dos moradores daqui são estivadores, agentes portuários, existiam alguns conferentes também mais a maior parte eram de estivadores. Grande parte da cidade é voltada para o porto, a maior atividade econômica para a época. Tinham muitas manifestações no meu bairro nesta época em 63/76, mas não políticas, não eram muito de política, eram manifestação mais hippies, jovens eram... As ruas sempre fechavam às vezes, tinham muitos eventos de jovens assim, tinham muitas brigas, depois disso ficou mais tranquilo, as ruas praticamente quase desertas... Meus pais foram os primeiros proprietários de linhas de telefone, praticamente a população não tinha telefone, então muitas pessoas vinham telefonar de madrugada, meu pai também consertava televisão, então eu ia com ele em praticamente todas as casas entregar televisão, serviços e quando eram pessoas que não tinham posse ele não cobrava nada. A minha mãe era costureira, então eles tinham uma vida social muito ativa com a comunidade local.

Esta reflexão remete a HALBWACHS, (2004b, p.53):

A ideia que representamos mais facilmente, composta de elementos tão pessoais e particulares quanto o quisermos, é a ideia que os outros fazem de nós; e os acontecimentos de nossa vida que estão sempre mais presentes são também os mais gravados na memória dos grupos mais chegados a nós. Assim, os fatos e as noções que temos mais facilidade em lembrar são do domínio comum, pelo menos para um ou alguns meios. Estas lembranças estão para “todo o mundo” dentro desta medida, e é por podermos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes, a qualquer momento, e quando quisermos, de lembrá-los.

Esta observação também serve para os depoimentos abaixo evocados pela memória dos entrevistados.

A especulação imobiliária assolava o bairro da Vila Macuco:

Há algo de forte e mágico nesse bairro operário de tantas lendas e tradição. Muita coisa da história do Macuco é também parte da vida de Oswaldo Martins, nascido ali há 70 anos. Os fatos lembrados por ele com tanta lucidez mostram uma região muito diferente do que é da de hoje: não existem mais os famosos comícios, nem os campos de várzeas e nem os bancos de areia na Bacia do Macuco. Mas ainda se podem encontrar alguns bares onde os moradores mais antigos se reúnem para rememorar fatos passados. Cada um deles lembra dos valentões que marcaram época e tenta esquecer que a especulação imobiliária expulsa a população e modifica hábitos.

[...] Seu Oswaldo presidia o Comitê popular do Bairro do Macuco e organizava comícios que reuniam milhares de pessoas, defronte do Bar da Rosinha hoje Bar e Restaurante Tremendão, na Bacia do Macuco. Comícios acalorados, onde não faltavam choques com a polícia e mortes.

[...] Oswaldo Martins foi considerado revolucionário e preso várias vezes, mas como nunca se provou nada contra acabava solto. Sem falsa modéstia, diz que representou uma grande força. Com a mesma naturalidade, afirma que a Bacia do Macuco está acéfala desde 31 de dezembro, quando a escola Pan- Americana, na Avenida Siqueira Campos, 83, que fundou aos 21 anos, encerrou suas atividades. Mais de 30.000 alunos passaram por suas mãos nesses 50 anos, a decadência começou em 1964, mas prefere não apontar detalhes. (MODIN, LEDA, A Tribuna de Santos, 06 de maio de 1982, on-line).

Este depoimento extraído de uma reportagem leva a algumas reflexões. Remete-nos novamente à questão da memória e da história. Algumas informações do depoimento dos moradores Rosângela e Adilson, coincidem com as entrevista de moradores do bairro realizados em 1982, por exemplo, “a especulação imobiliária expulsa a população e modifica os hábitos”, Rosângela diz: “O comércio tinha diminuído muito, tinha mais açougues, padarias e mercados, mas aqui virou área portuária, muitas empresas de transportes”. O morador Adilson afirma que no período de 1963 a 1976 o bairro se transformou: (...) muito em setor comercial, no entanto, hoje em dia faltam hospitais e a educação também tá muito precário, antigamente tinha o Hospital dos Estivadores que era como uma referência”. Entre o depoimento da moradora e dos entrevistados pelo jornal as memórias convergem para as mudanças ocorridas no bairro em outro ponto os entrevistados diverge, Rosângela afirma que: “O bairro era tranquilo, os bandidos respeitavam. Em todo esse tempo não senti a presença da ditadura militar, mas lembro de que tinha mais respeito.” Já os entrevistados da reportagem afirmam que: Cada um deles lembram dos valentões que marcaram época” e um deles em particular revela que presidia o Comitê popular do Bairro de Vila Macuco. Seu Oswaldo presidia o Comitê popular do Bairro do Macuco e organizava comícios que reuniam milhares de pessoas. Comícios acalorados, onde não faltavam choques com a polícia e mortes”. Para o morador e ex-aluno Adilson Maraucci “Tinham muitas manifestações no meu bairro nesta época em 63/76, mas não políticas, não eram muito de política, eram manifestação mais hippies, jovens eram... As ruas sempre fechavam às vezes, tinham muitos eventos de jovens assim, tinham muitas brigas, depois disso ficou mais tranquilo, as ruas praticamente quase desertas...”

Analisando os depoimentos observamos que em muitas situações as lembranças convergem para o sentido de que os moradores eram felizes, a escola era de qualidade, o avanço da área portuária modificou o bairro, pois aumentou sua vocação portuária e comercial e divergem no sentido da violência ou não existia ou era apenas manifestações de jovens ou existia a violência na figura dos valentões, nesse sentido, HABWACHS, (2004c, p.29):

Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que já sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras. Portanto podemos evocar a memória para contar a história. Realizando uma análise minuciosa daquilo que será o objeto dessa história, observando as divergências e convergências desta memória que pode ser individual ou coletiva.

1.4 O quadro pedagógico e a cultura de uma escola que nasceu com o ensino primário. A presença feminina, no magistério.

A Escola Visconde de São Leopoldo nasceu com a vocação do ensino primário, visto que este nível de ensino exclusivamente perdurou de sua inauguração em 1915 até o ano de 1971 e que também na instituição era cada vez mais forte a presença feminina. No livro de prontuário de data de posse e exercício (de 16/02/1947 a 18/02/1970), consta cinquenta e dois professores efetivos, sendo cinquenta do sexo feminino e apenas dois professores do sexo masculino. São eles: Adalberto Luz Ferreira e José Alberto Zorzi. Segundo Jane Almeida (1998, p.29):

A sociedade brasileira, na década de 1970, assistiu a verdadeiras revoluções femininas no noticiário internacional e constatou que as mulheres da segunda metade do século eram diferentes das pioneiras dos anos iniciais. No magistério, definitivamente feminizado, elas, aos poucos, tiveram alguns direitos assegurados, como jornada de trabalho compatível salários não diferenciados dos salários masculinos, aposentadoria aos 25 anos de serviço, licenças de saúde e maternidade, entre outros benefícios, embora a profissão, seguindo uma tradição de décadas, continuasse sendo mal remunerada.

Tabela 1 Formação das professoras e ingresso no Visconde.

Professora Efetiva	Formação	Ingresso no G.E Visconde de São Leopoldo.
Ada Artese Moro	Escola Normal Oficial de Mococa	20/11/1962
Adna A. Pinto	Colégio Batista Brasileiro São Paulo.	22/06/1950
Alzira Gomes	Escola Normal Livre José Bonifácio	28/05/1952
Áurea C. da Silva Mazzeo	Escola Normal Livre José Bonifácio	13/03/1951
Aurora Moraes de Paula	Escola Normal Particular José Bonifácio	29/08/1959
Carmen Kohl	Escola Normal Livre de Lins.	15/02/1953
Carmem M. G. de Marcos	Inst. de Ed.”Peixoto Gomide”	1952
Dirce N. Prado	Colégio Santo André	12/10/1953
Diva T. Oliveira	Escola Normal Canadá	16/02/1963
Eivacyr J. Giglio Gomes	Escola Normal Livre S. Escolástica (Sorocaba)	04/09/1960
Emma Goes Barreto	Colégio Batista brasileiro (S.P)	17/02/1964
Graça C. Ardito	-	16/02/1962
Irene F.G. de Oliveira	Escola Normal Livre Coração de Maria	16/02/1962
Lília A. Bosco	Instituto de Educação “Peixoto Gomide”	19/10/1964
Maria Clarice L. Spina	E.N. e G.E. Dr. Manuel José Chaves	25/05/1962
Maria G. Charleaux	Escola Normal Livre José Bonifácio	03/1951
Maria José C. de Souza	Escola Normal Livre Paulistana.	04/09/1960
Maria M. Mancio	Escola Normal Livre Coração de Maria.	30/06/1950
Maria Jesus Siqueira	Escola Normal José Bonifácio.	01/03/1962
Maria Leite dos Santos	Escola Normal Livre São José	30/05/1956
Mª de Lourdes. P. Atanes	Instituto de Educação Caetano de Campos	1602/1965
Maria Oliveira	Escola Normal Oficial de Mococa	12/09/1960

Maria Tereza O. França	Escola Normal José Bonifácio.	09/08/1963
Neusa silva Adan	Escola Normal Livre Coração de Maria	10/08/1963
Nilda Machado Simão	Escola Normal São José.	21/05/1956
Nilse C. Leite de castro	Escola Normal Particular José Bonifácio	16/02/1947
Olivia Pinheiro Souza	Escola Normal Municipal de Mogi das Cruzes	19/08/1944
Regina H. M. C. Machado	Escola Normal Canadá	12/06/1963
Stella Marques Ponzini	Escola Normal Padre Anchieta	19/03/1952

Fonte: Livro de prontuário de funcionários, 1941.

Autora: Hebe P. O. S. Kuwahara

Tabela 2 Tabela de escolas frequentadas pelas professoras de Santos e demais localidades:

Escola em Santos	Quantidade
Escola Normal José Bonifácio	7
Escola Normal São José	2
Escola Normal Coração de Maria	3
Escola Normal Canadá	2
Total	14
Escola em São Paulo (Oficial)	Quantidade
Escola Normal Oficial de Mococa	2
Instituto de Educação Caetano de Campos	1
Escola Normal Padre Anchieta	1
Escola em São Paulo (Livre)	
Colégio Batista Brasileiro São Paulo	2
Escola Normal Livre de Lins	1
Instituto de Educação Peixoto Gomide	2
Colégio Santo André	1
Escola Normal Livre S. Escolástica (Sorocaba)	1
E. N. e G. E. Dr Manuel José Chaves	1
Escola Normal Livre Paulistana	1
Escola Normal Municipal de Mogi das Cruzes	1

Total	15
--------------	-----------

Fonte: Livro de prontuário de funcionários, 1941.

Autora: Hebe P.O.S. Kuwahara.

A escola possuía em seu quadro professoras efetivas e substitutas efetivas. Algumas dessas professoras já faziam parte do quadro pedagógico anterior à administração Mainardi, deste período. A maioria das professoras fez o curso Normal na Cidade de Santos, diplomadas pela Escola Normal Livre José Bonifácio LIVRO PRONTUÁRIO DE FUNCIONÁRIOS, (p. 05, 1941). Grande parte das professoras do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo ingressaram antes do exercício de D. Isaura a frente do Estabelecimento. Verificam-se na tabela, os locais onde as professoras se licenciaram para exercer o magistério e o período de ingresso no grupo Escolar.

Galeria das professoras efetivas do ano de 1965.



Figura 4 canto esquerdo superior Prof.^a Ada A. Moro, canto direito superior, Professora Adina A. Pinto, canto esquerdo inferior Alzira Gomes e canto direito inferior Prof.^a Áurea da S. Mazzeo. Acervo próprio da Escola.



Figura 5 canto esquerdo superior Prof.^a Aurora M. de Paula, canto direito superior, Prof.^a Carmen Kohl, canto esquerdo inferior Prof.^a Carmem M. G. de Marcos e canto direito inferior Prof.^a Dirce N. Prado. Acervo próprio da Escola.



Figura 6 canto esquerdo superior Prof.^a Diva Oliveira, canto direito superior, Prof.^a Eivacyr J. Giglio Gomes, canto esquerdo inferior Prof.^a Emma G. Barreto, e canto direito inferior Prof.^a Estela o. Arantes. Acervo próprio da Escola., canto esquerdo superior



Figura 7 canto esquerdo superior Prof.^a Irene F.G. de Oliveira, canto direito superior, Prof.^a Lília A. Bosco, canto esquerdo inferior Prof.^a Maria Clarice L. Spina, e canto direito inferior Prof.^a Maria G. Charleaux. Acervo próprio da Escola.



Figura 8canto esquerdo superior Prof.^a Maria José da C. Souza, canto direito superior, Prof.^a Maria José M. Mancio, canto esquerdo inferior Prof.^a Maria de Jesus Siqueira, e canto direito inferior Prof.^a Maria leite dos Santos. Acervo próprio da Escola.



Figura 9 canto esquerdo superior: Prof.^a Maria de L. P. Atanes, canto direito superior: Prof.^a Maria de Oliveira, canto esquerdo inferior Prof.^a Maria Tereza de O. França, e canto direito inferior Prof.^a Neusa da Silva Adan. Acervo próprio da Escola.



Figura 10 , canto esquerdo superior Prof.^a Nilda M. Simão, canto direito superior, Prof.^a Nilse Camargo L.de Castro, canto esquerdo inferior Prof.^a Olivia P. de Souza, e canto direito inferior Prof.^a Regina Helena M.C. Machado. Acervo próprio da Escola



Figura 11 Prof.ª Stella Marques Pozzini, 1965.

Acervo da Escola

A administração regional era composta em 1965 pelo professor Suetônio Bittencourt, Delegado de Ensino da Delegacia de Santos e o Inspetor de Educação era o Professor Jarbas Godoy que além de inspecionar a vida escolar do Grupo Visconde de São Leopoldo também inspecionava as escolas isoladas sob a tutela deste Grupo. Figura importante para administração escolar o Sr. Jarbas Godoy desenvolveu grande simpatia e respeito pela administração de d. Isaura de Barros Mainardi. Juntos trabalharam pelo Grupo escolar e pelas escolas isoladas, todos os relatórios destas escolas eram enviados para o Inspetor Escolar que fazia vistorias rotineiras no Estabelecimento. Sempre com elogios a higiene e disciplina do Grupo Escolar.



Figura 12 Inspetor de Ensino Jarbas Godoy, 1965.

Acervo da escola.

Esse respeito é registrado em várias atas de visitas, aqui reproduzo uma das atas registradas no Livro de Visitas Oficiais (p.18, 1963):

Estive hoje em visita ao Grupo Escolar “Visconde de São Leopoldo” estabelecimento que se encontra sob a direção da Sra. Professora Isaura de Barros Mainardi.

Visitei no período da manhã; em companhia da Sra. diretora percorri várias classes (4º e 5º) nas quais pude verificar e sentir o ritmo de trabalho que vem sendo realizado.

A diretora do Grupo Escolar no período de 1963 a 1968 foi Isaura de Barros Mainardi e contava com três auxiliares de direção são elas: Eulália Vieira Correia, Eurides Pereira Braga Alvarez Perez e Maria Magaly Ferreira de Freitas.



Figura 13 foto superior Eulália Vieira correia, foto lado esquerdo: Eurides P.B.A. Perez e lado direito: Maria Magaly F. De Freitas, 1965.

Acervo da escola.

Quando havia algum impedimento da diretora Isaura de Barros Mainardi, ela era substituída por uma dessas mulheres seguindo uma ordem escalonada.

Em meados da década de 1960 o Quadro do magistério do Grupo Escolar era composto apenas por mulheres, que frequentaram as escolas normais e puderam ter acesso a uma carreira com direito a receber proventos.

A parceria Diretora Isaura de Barros Mainardi / Inspetor Jarbas Godoy duraria até o ano de 1966, Livro de Protocolo de Correspondência (p.3/4, 1966). Neste ano d. Isaura presta homenagens para o este inspetor por ocasião de sua aposentadoria.

1.5 A administração de Isaura de Barros Mainardi



Figura 14 Diretora Isaura de Barros Mainardi, 1965.

Acervo próprio da Escola

Em que pese D. Isaura de Barros Mainardi ter vivido sua infância no interior paulista, ela optou na vida adulta e profissional em se radicar na cidade de Santos, litoral do estado de São Paulo. Filha de pai cuja profissão era diretor de escola e mãe professora, D. Isaura durante a infância viveu e estudou em diferentes cidades e escolas no interior paulista como Pirajuí e Pederneiras. Coursou o Ensino Ginásial e a Escola Normal na cidade de Agudos, interior paulista, no Colégio Nossa Senhora do Sagrado Coração. O curso de pedagogia fez na cidade de Mogi das Cruzes. Como diretora trabalhou na cidade de Cabrália, após ser removida para cidade de Bariri, Cubatão e finalmente Santos. Nesta cidade foi diretora do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo entre 1963 e 1968.

Após sua passagem pelo Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo ocupou uma função no Setor de Orientação Pedagógica onde fez diversos cursos pela Secretaria Estadual de Educação. Viveu e trabalhou na cidade de Santos entre 1963 a 1981. Em 1981 após longo tempo na Delegacia de Ensino como membro do Setor de Orientação Pedagógica, aposentou-

se. Ato contínuo a aposentadoria, retornou para a cidade de Bauru para cuidar dos pais que estavam idosos. Neste sentido, Denilda (irmã de D. Isaura) faz o seguinte relato:

Isaura a vida inteira foi o esteio da família. Ela não se casou e cuidou do pai e da mãe, criatura doadora e cuidou de todos. O pai era diretor de escola e a mãe professora, antes da mãe, a tia Ines foi professora na cidade de Piracicaba. Nessa época 1931 a 1939 a remoção de diretor era política, por esse motivo fez o primário em diversas escolas: Pirajuí, Pederneiras. O ginásio ela fez em Agudos no COLÉGIO NOSSA SENHORA DO SAGRADO CORAÇÃO, ela fez o ginásio e o curso normal. A pedagogia fez em Mogi das cruzeiras. Como diretora trabalhou em Cabralia, após Bariri e depois se removeu para Cubatão e de Cubatão para Santos. Trabalhou em Santos com o setor de orientação pedagógica, fez diversos cursos pela Secretaria Estadual de Educação. Adorava o serviço que era cumpridora dos deveres. Sempre elogiou o corpo docente e funcionários da escola. Em Cubatão sofreu um desastre, era véspera do primeiro de maio, Dia do Trabalho, ela saiu da escola para ir a Delegacia de Ensino para conversar sobre as comemorações, estavam trocando sinaleiro na cidade de Cubatão, ela foi passar por dentro do bar e um carro na contramão a atingiu da cintura para baixo. Após o afastamento ela retornou as atividades normalmente. Ela se aposentou e todos sentiram a sua falta. Ela retorna para Bauru em 1981 para cuidar dos pais, onde logo os pais faleceram e ela ficou com a sobrinha (paixão da vida dela). Ela faleceu em 22 de outubro de 2007 aos 81 anos. O delegado de ensino da cidade de Bariri mandou uma carta de apresentação a qual a entidade pertencia e regia grande parte da região elogiando o trabalho dela. Nunca tinha ouvido falar de alguém que tivesse feito isso, a família ficou muito orgulhosa. Isaura fazia festa na escola, era extremamente cívica, fazia concurso de declamação dos hinos pátrios. Primeiro estudava o hino e após declamação do hino nacional, a bandeira e depois se cantava o hino. Era também bastante religiosa por causa disso fazia questão da aula de religião e respeitava todas as religiões. O professor tinha que respeitar a religião de cada um e de civismo também. As crianças cantavam junto. Na época da guerra fez um curso de socorrista de guerra e foi enfermeira de guerra. Entre 1941 e 1942 foi professora no Núcleo Japonês em Pompeia, auto paulista e deu-se muito bem com a colônia japonesa. Ela ia às reuniões pedagógicas a cavalo e sempre mandavam alguém junto com ela para proteção. Ela fazia festa com bailadinhos com músicas japonesas e com as nossas, ela sempre respeitou a cultura do outro. Nós somos apolíticos, o meu pai foi político e tivemos muito medo disso, houve uma diretora do litoral que desapareceu durante a ditadura e quando ela voltou estava acabada, era uma pessoa falida. A Isaura estava no Leopoldo e foi colega desta diretora que foi presa. Foi na teoria do amor e não exigia que as pessoas adotassem a ideologia dela, respeitava a dos outros. Foi uma pessoa íntegra, odiava a violência e nunca agiu de forma drástica. (Denilda Aparecida de Barros Mainardi Nagata entrevistada em 17 de maio de 2014)

A professora Isaura de Barros Mainardi tomou posse como diretora do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo, removida de Cubatão, em 01 de fevereiro de 1963. (Registro de Correspondência, (1963, p.23)). Ao assumir enviou ofício para o Delegado Regional de Ensino de Santos e para a Diretoria da Recebedoria de Rendas comunicando a sua posse com os seguintes dizeres:

Tenho a honra de comunicar a V.S. que assumi como diretor efetivo do “Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo” em Santos, hoje dia 1 de fevereiro de 1963, cargo para qual fui removida, por ato 23, publicado a 24 de fevereiro, digo, janeiro último.

A diretora quando assumiu encontrou uma escola com mais de 1200 alunos matriculados e pouca infraestrutura para mantê-los.

Junto com a administração do G.E. Visconde de São Leopoldo veio também à função de Auxiliar de Inspeção das Escolas Isoladas. Encontrou um Grupo escolar estabelecido há 48 anos e alvo de depredações conforme ofício nº3/63, no Registro de correspondência (1963, p.23):

Venho respeitosamente solicitar de V.S. o especial favor de mandar providenciar conserto de vidraças das janelas do G.E. “Visconde de Leopoldo”, em Santos, bem como colocar uma tela de proteção nas mesmas, para evitar depredação e a invasão que o colégio tem sofrido. Peço encarecidamente providências urgentes, pois, o Estabelecimento tem sofrido invasão contínua de elementos estranhos, durante a noite e nos dias que não funciona.

A nova diretora assumiu encontrando depredação do prédio, problemas estruturais, deterioração do gabinete dentário e em suas correspondências não foram poucos os pedidos para a manutenção do espaço físico, tal zelo nas soluções de problemas lhe rendeu em visita do Inspetor Escolar Jarbas Godoy, o seguinte registro na sua ata de inspeção (livro de visitas oficiais, 1963, p17):

Visitei nos dia 15 e hoje, o grupo “Escolar Visconde de São Leopoldo” agora sob a direção efetiva da senhora professora D. Isaura de Barros Mainardi. A senhora diretora recém-removida de um Grupo Escolar de Cubatão, para êste, está perfeitamente entrosada com a orientação da delegacia, é pessoa dedicada ao trabalho e competente.

Os registros feitos em sua administração são detalhados e através deles consegue-se (re) construir as principais características de sua época.

Em sua administração foi fundado em 04/04/1963 a Associação de Pais e Mestres (APM), a reunião de sua fundação foi presidida pelo Inspetor Escolar Jarbas Godoy. A APM ficou assim constituída:

Tabela 3 Membros da APM de 1963.

Diretora	Isaura de Barros Mainardi
1ª secretária	Alzira Gomes
2ª secretária	Maria Gonçalves Charleaux
1ª tesoureira	Maria Leite dos Santos
Comissão fiscal	
1-	Reinaldo Cesar Diniz Branco
2-	Antônio Pasquareli
3-	Casemiro Alvares
4-	Rosa Mina Rachman

Fonte: Livro de Correspondência (1963, p. 30.)

Autora: Hebe P. O. S. Kuwahara

Todos eram professores com exceção da comissão fiscal que era composta por professores e pais de alunos.

A fundação da APM do G.E rendeu saudações até da Câmara Municipal de Santos, pois Isaura agradece ao ofício nº 1036/DE no qual a Câmara Municipal de Santos enviava congratulações à escola por este acontecimento (Livro de correspondência, 1963, p.34). Este relacionamento especial com a Câmara Municipal de Santos está relacionado também ao fato do Vereador Aristóteles Ferreira ser o presidente da Caixa Escolar deste Grupo.

A escolha de pessoas que integrassem a diretoria da Caixa Escolar deveria ter o seguinte perfil (Livro de Atas de Reunião Pedagógica, 1963, p.01): além do interesse que dispensem à Caixa Escolar, possam comparecer às reuniões, tomar parte nas campanhas, enfim participar das atividades da caixa escolar; pessoal de projeção e de preferencia do bairro. A Caixa Escolar do grupo era bastante utilizada tanto para a compra de livros e material escolar como na de sapatos e agasalhos para o inverno. Como a arrecadação era insuficiente para suprir a demanda Isaura Mainardi recorria à Companhia Docas de Santos, à Sociedade Amigos da Cidade de Santos, ao Lions Club de Santos, ao Rotary Club de Santos para que estes contribuíssem para as aquisições necessárias.

Não raro encontramos ofícios dirigidos à Secretaria da Educação no sentido de melhorar a escola para beneficiar o aprendizado das crianças nela matriculadas. Este em especial chama a atenção, pois é a reiteração de um pedido anterior sobre a melhor utilização do terreno no qual a escola está construída, (Registro de Correspondência, 1963, p.40/41):

O grupo Escolar “Visconde de São Leopoldo” tem mais de 1200 alunos. No primeiro e segundo período, notadamente no segundo período, mais de setecentas crianças têm sacrificado seus horários de almoço. A fim de melhorar a situação pensamos em proporcionar as crianças merenda escolar.

Infelizmente o grupo Escolar não tem uma cozinha para que se prepare o lanche das crianças.

Não dispomos também de um salão para festas escolares, reuniões, ou sessões de cinema educativo, pois o galpão não comporta a presença dos alunos de mais de um período escolar.

Como o grupo tem um terreno enorme e inaproveitado solicitamos do Senhor Secretário da Viação e Obras Públicas, a construção da cozinha e do salão de festas, a primeira em caráter de urgência.

Com esses melhoramentos a criança teria a possibilidade de assistir as aulas melhor alimentadas e teríamos um local apropriado para as aulas de educação física, cinema educativo, reunião de pais e mestres, festas escolares etc.

O Grupo Escolar “Visconde de São Leopoldo” há quase 50 anos, vem proporcionando em instrução primária a grande parte da população santista. Construído em à 48 anos não foi até agora, ampliado ou modernizado. Seu mobiliário é ainda o mesmo de sua fundação, conforme pode constatar pelo Livro de Inventário de Material.

Justo seria, pois, que como paga, feita ao serviço prestado em todos esses anos, fosse, o nosso prédio dotado de melhorias para que se pudesse propor, ensinar aos alunos de hoje, algumas das vantagens determinadas pela pedagogia atual.

As atas de reunião pedagógica eram minuciosas, nelas estão registrados os procedimentos metodológicos a serem adotadas pelas professoras, as comemorações anuais, o material pedagógico adotado para todos os graus (1º ao 5º grau).

Em 11 de dezembro de 1962, o Governo estadual lança o decreto 41.170/62 que dispõe sobre a regulamentação do concurso de remoção das professoras primárias do Estado de São Paulo. Sobre este decreto, Livro de Ata Pedagógica, (1963, p.15/16) a diretora faz a seguinte apreciação, envolvendo também a necessidade de reformulações no ensino:

Parece que estamos iniciando uma remodelação no ensino primário. Já era mesmo tempo que se fizesse algo para renovar um ensino que caía cada vez mais nos processos rotineiros já superados afogando todas as manifestações isoladas de remodelação e melhoria do nosso sistema educacional. Até ontem, o professor primário vivia jungido a um sistema de julgamento e classificação de há muito vencidos nos centros adiantados. O professor vivia subjugado pelo “bicho papão” que era o exame, pois só a promoção de alunos é que contava na sua avaliação de trabalho. O seu trabalho mais importante o de “Educador”, esse não lhe era nunca computado. Vivia tão assoberbado pelo resultado do exame, que outras matérias, não sendo as de linguagem e aritmética, não tinham função. O esforço de socializar a criança e prepara-la para a vida, criando-lhe um padrão moral, inculcando-lhe sentimentos de brasilidade, de civismo, de respeito ao dever, a civilidade, etc., ficavam a margem. As aulas de Conhecimento Gerais, de educação Moral, social e Cívica, eram tratadas apenas como um preparo casual para que os alunos respondessem as perguntas quando fossem arguidas. O exame que fora criado como uma medida de avaliação em função da escola teve invertido o seu papel; a escola é

que passou a viver em função de exame. Mais de uma vez, tive ocasião de dizer aqui que a melhor professora nem sempre é a que promove mais alunos e sim a que prepara melhor a criança. É aquela que não relega os menos favorecidos ao esquecimento. É a que vai procurar o “porquê” da não correspondência do aluno. É a adapta seu sistema de ensino à necessidade da criança e não faz com que ela o se adapte ao seu método ou então deixa de aprender. Até agora, não se reconhecia para premiar, o mérito dos professores que se dedicam as atividades extracurriculares; as que mais se dedicavam, as que tinham mais entusiasmo por processos novos, as que providenciavam material didático e pedagógico, para dar mais interesse às suas aulas, as que saíam do marasmo e da rotina, não eram bem vistas pelas colegas que achavam mais cômodos se restringir a métodos rotineiros e marasmáticos. As que se dedicavam de corpo e alma à causa do ensino eram julgadas com os mesmos pesos e medidas das que se limitavam a preparar as crianças para os exames. Algumas tinham medo de quebrar a rotina, de modificar seus métodos, pois temiam que o tempo não sobrasse para o preparo do aluno para o exame. Felizmente parece que conseguimos quebrar o “tabu”. Com o Boletim de merecimento, todos terão oportunidade de dar o máximo de suas aptidões. Todas serão julgadas dentro do mesmo padrão e as que tiverem mesmo mais valor terão seu método reconhecido. A finalidade do Boletim de Merecimento, é preciso que fique bem claro, não é dar nota ao professor. É julga-lo sobre todos os aspectos de sua vida escolar, para que seja evidenciado tudo o que ele fez de bem para a criança e pelo ensino. Varia a contagem de pontos de 10 a 40 por item. Sendo 30 itens, os pontos variam de 300 o mínimo ao máximo de 1200.

Na apreciação deste decreto, por Isaura, há várias passagens em que critica a atuação de professoras que visavam preparar seus alunos apenas para passar nos exames (critério de remoção de professores). Para estes se removerem de uma unidade escolar para outra dependiam do número de aprovação dos alunos em cada série que atuavam.

Em outra passagem também avalia as professoras que criticavam colegas por saírem do marasmo. Em suas palavras apreciou este novo Critério de Remoção, pois traria uma nova remodelação e modificaria a atuação dos professores que davam ênfase somente à linguagem, esquecendo-se de formar o desenvolvimento integral da criança.

Esta expectativa de formação integral da criança esta relacionado ao proposto na Carta de Punta del Este. Esta propunha a medidas de integração para garantia da soberania dos Estados Americanos, (FAZENDA, 1985, p.50) e um dos meios para alcançar este objetivo seria o desenvolvimento educacional dos países americanos. Na Carta de Punta del Este estão presentes os ideais positivistas que nortearam o planejamento educacional. Em setembro de 1962, o Conselho Federal de Educação aprovou o Plano Nacional de Educação para o período de 1962/1970 (FAZENDA, 1985, p.51). Em ata Isaura Mainardi atenta a politica educacional de sua época, escreve que é necessário o esforço de socializar a criança e prepará-la para a vida, criando-lhe um padrão moral, inculcando-lhe sentimentos de brasilidade, de civismo, de respeito ao dever, a civilidade, ficavam à margem. As aulas de Conhecimento Gerais, de educação Moral, Social e Cívica, eram tratadas apenas como um preparo casual para que os

alunos respondessem às perguntas quando fossem arguidas. Nestes termos não há divergência com os ideais positivista contidos na Carta de Punta del Este e solidificado no Plano Nacional de Educação. Segundo Fazenda (1985, p.52):

Novamente também, a Educação precisa ter um papel na formação de *mão-de-obra profissional e técnica*. Ressalta também o *valor econômico* de uma educação primária, no sentido de proporcionar ao indivíduo as ferramentas mínimas para participar na economia moderna como *produtor e consumidor*.

Na Carta de Punta del Este estão contidos os ideais de Aliança para o Progresso, assim é promovido nas escolas o concurso “Aliança para o Progresso do Brasil” quando as crianças deveriam desenvolver trabalhos com o tema citado. Essa base de desenvolvimento econômico através da educação encontrará amplo esteio no sistema político que se avizinhava nos idos de 1964.

1.6 O contexto político da administração Mainardi

Este período administrativo, anos (1963/1968) corresponde a grandes mudanças políticas no país que influenciaram economia, sociedade e educação. Em 1963 o país era administrado pelo então presidente João Goulart que assumira a direção da nação após a renúncia de Jânio Quadros. Não fora fácil chegar a presidência, pois os setores conservadores do país eram resistentes às reformas propostas por Jango. A solução encontrada foi que Goulart assumiria a presidência com poderes limitados (SKIDMORE, 1988, p.31). O clima no país era tenso, vários setores da sociedade estavam em polvorosa: havia grandes manifestações populares pró e contra Goulart. Com o plebiscito realizado em janeiro de 1963 foi lhe devolvido o sistema presidencial. Em meados de 1963, ele passou a defender com crescente entusiasmo um conjunto de “Reformas de Base” que incluíam reforma agrária, educação, impostos e habitação (SKIDMORE, 1988, p.39). No setor educacional após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 4024/61 algumas reivindicações dos setores estudantis e da sociedade foram satisfeitos, segundo SKIDMORE (1988, p.31/32):

O sistema educacional era um pouco melhor. A instrução primária e secundária era atribuição dos municípios e dos estados, mas menos de 10 por cento dos alunos matriculados no primeiro grau concluíram o curso primário, e apenas 15 por cento dos estudantes secundários conseguiam ir até o final do curso. As causas incluíam recursos inadequados para contratar professores e construir escolas, indiferença dos pais, falta de dinheiro para pagar uniformes escolares, pressão dos pais para que seus filhos trabalhassem e muitas outras. Na maior parte das cidades as melhores escolas secundárias eram particulares e atendiam aos filhos dos ricos que levavam vantagens nos exames de admissão às universidades federais gratuitas. Não causava surpresa o fato de as universidades do governo serem frequentadas em sua maioria por filhos de gente bem de vida. Com Mais da metade das verbas para educação canalizadas

para as universidades federais, o governo na realidade trabalhava contra a ascensão social via educação.

Entre 1963 e 1964 o cenário político brasileiro não era nada animador. O então presidente João Goulart não tinha apoio suficiente para implementar sua Reforma de Base e enfrentava a desconfiança da elite brasileira que se sentia ameaçada pelos rumos de seu governo. Neste sentido, SKIDMORE (1989, p.42), comenta:

Havia ainda a questão das reais intenções do presidente; no início de 1964 todos tinham suas suspeitas, para as quais havia amplos motivos. Em outubro de 1963 ele havia solicitado ao Congresso a decretação do estado de sítio por um prazo de 30 dias. O pedido supostamente originou-se da inquietação dos ministros militares com a onda de greves e a violência de fundo político através do país. Três dias mais tarde, contudo Goulart retirou o pedido. É que ele alarmara até os líderes sindicais que receavam ir para a cadeia durante o estado de sítio. Com essa medida o presidente generalizou o temor entorno de seus planos.

As reformas de base, então defendidas pelo presidente João Goulart, acentuaram mais ainda as desconfianças que os setores mais conservadores da sociedade tinham sobre o seu governo. Essas se referiam a um conjunto de reparações sociais que incluíam reforma agrária, educação, impostos e habitação. Esta reforma propunha mudanças profundas e, se colocada em prática, segundo a classe conservadora, dificultaria a vida desses setores. Nesse sentido, SKIDMORE (1988, p.43), esclarece “que uma vez mais, como em 1954, um governo populista foi posto abaixo pelos homens de farda”.

Em fins de março de 1964 já praticamente sem apoio político, Goulart participava de uma série de movimentos sociais ruidosos que levaram o General Castelo Branco achar que a mudança de Goulart para as hostes da esquerda havia simplificado o seu trabalho. Em 31 de março de 1964, o país sofre o golpe militar apoiado por setores da burguesia brasileira, latifundiários, multinacionais, do governo dos Estados Unidos, de setores da classe média e dos militares responsáveis pela intervenção executiva. Nesse sentido SKIDMORE (1988, p.22) relata que:

Os conspiradores sustentavam ideias marcadamente anticomunistas desenvolvidas na ESG (Escola Superior de Guerra), segundo o modelo do National War College dos Estados Unidos. No Brasil, a ESG já era um centro altamente influente de estudos políticos através de seus cursos de um ano de duração frequentados por igual número de civis e militares destacados em suas áreas de atividade. Da doutrina ali ensinada constava a teoria da “guerra interna” introduzida pelos militares no Brasil por influência da Revolução Cubana. Segundo essa teoria, a principal ameaça vinha não da invasão externa, mas dos sindicatos trabalhistas de esquerda, dos intelectuais, das organizações dos trabalhadores rurais, do clero e dos estudantes e professores universitários.

Na educação ainda vigoravam os princípios positivistas que vinham ao encontro do ideal militar e refletiam exatamente o que se esperava da formação do cidadão daquele momento político.

Segundo NORONHA, (1998, p.225-226):

Nos anos que se seguem ao golpe militar, ocorreu maior intervenção do Estado na economia através da elaboração das condições de funcionamento dos mercados de capital e força de trabalho (fatores básicos de produção) garantidas pela hegemonia absoluta do Poder Executivo e do aparelho repressivo do Estado.

Ainda nesse sentido NORONHA, (1998, p.227):

No campo da educação, essa tendência vai se expressar no tecnicismo (onde o planejamento educacional surge como prioridade de competência – meios adequados para se atingirem os fins) e na educação compensatória, que vai se apresentar como alternativa política adequada para resolver o problema do atraso cultural.

O novo regime político precisava se legitimar. O país passaria por grandes transformações, a modernidade enfim chegaria. Era necessário, a toque de caixa, preparar a população para estas mudanças: mão de obra mais qualificada, os investimentos externos no Brasil eram abundantes. Neste cenário, a ditadura militar vai se mascarar como um governo que também vai cuidar do social desde que, claro: este social não gerasse preocupações ou resistências.

Diante deste quadro nacional encontramos a diretora Isaura de Barros Mainardi, administrando a escola seguindo os moldes determinados pela secretaria Estadual de Educação, constantemente sendo elogiada pela higiene e capacidade de sua equipe.

O país em polvorosa e no Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo, em 31 de março de 1964, durante a Reunião Pedagógica foram tratados os seguintes assuntos (Livro de Atas de Reunião Pedagógica, 1964, p.31/32): Boletim de Merecimento, Campanhas em favor da Caixa Escolar e Associação de Pais e Mestres, Biblioteca e Farmácia Escolar. Recomendação sobre as aulas de ginástica, Dia das mães e Planejamento. Sobre as Comemorações Cívicas fez as seguintes recomendações:

...de 13 a 21- semana de Tiradentes, tendo como centro de interesse, o valor da liberdade democrática. Lembrou às colegas no grande empenho que devem dar às aulas de civismo para levantar o grau de Educação Cívica nas crianças de hoje, que serão os homens de amanhã.

Isaura Mainardi, segundo relato de sua irmã Denilde Mainardi, era uma pessoa muito cívica acreditava realmente na importância de ensinar o civismo para a criança de hoje futuro cidadão de amanhã. Um dos seus projetos nesse campo era a declamação dos hinos patrióticos. As crianças deveriam entender o que estavam cantando então primeiramente,

deveriam ler o hino, após a leitura declamariam e só a partir daí que deveria cantar, o resultado deste preparo é que todas as crianças cantavam juntas, neste sentido, Denilde Mainardi relata:

Isaura fazia festa na escola, era extremamente cívica, fazia concurso de declamação dos hinos pátrios. Primeiro estudava o hino e após declamação do hino nacional, a bandeira e depois se cantava o hino. Era também bastante religiosa por causa disso fazia questão da aula de religião e respeitava todas as religiões. O professor tinha que respeitar a religião de cada um e de civismo também. As crianças cantavam junto. (Denilda Aparecida de Barros Mainardi Nagata entrevistada em 17 de maio de 2014)

Ainda nesta ata Isaura Mainardi comunica o seu afastamento de 45 dias para realizar tratamento de saúde e anuncia a substituição pela professora D. Maria Magaly Ferreira de Freitas. Analisando as atas seguintes percebe-se que se deu continuidade aos trabalhos seguindo a orientação de Isaura Mainardi. No mês de abril são as atividades pelas professoras na semana de Tiradentes. Ressalta-se a importância dos semanários. A diretora substituta assistindo aula de ginástica, apresenta satisfação no que vê e faz o seguinte comentário, Livro Ata (1964, p.35): as aulas que tem assistido são boas, apresentando as partes de exercício e recreativa, bem, dosadas, animadas e com ordem e disciplina. Sugere que as aulas de religião devem ser dadas dentro do horário estabelecido, podendo ser aproveitadas para uma aula de moral, quando necessário.

Também nesta ata de reunião do dia 27 de abril de 1964 comenta sobre o Concurso Aliança para o Progresso feito pela parceria Brasil e Estados Unidos no qual dois alunos foram classificados. Traços da ditadura militar foram sentidos em concursos ou comemorações cívicas ou ainda em campanhas como a promovido pela União Paulista de Educação com os títulos: “Como melhorar a compreensão internacional através dos ideais das Nações Unidas” direcionados aos professores e para os alunos um desenho com o tema: “Só a amizade entre os povos” em aulas de Educação Moral e Cívica ressalta os “Deveres de Cidadão” e campanha como “Campanha do ouro para o bem do Brasil”.

De volta em agosto de 1964 Isaura Mainardi agradeceu a sua substituta e aos professores pela colaboração no período em que esteve licenciada. Prepara a programação de setembro com as seguintes anotações, Livro Ata (1964, p. 43/45):

Hinos Patrióticos: Campanha já foi publicada no diário oficial. Em nosso estabelecimento já é feita desde o ano passado. Cabe às professoras explicar detalhadamente o significado da letra, passando mesmo para prosa, para que os

alunos ao cantar, compreenderem o que estão fazendo. Estamos na época propícia de estudar o hino da Independência.

Semana da Pátria- De 31/08 a 5/09. O assunto a ser tratado necessita ser bem dividido, pois é extenso. É interessante que as professoras conte aos alunos a história das bandeiras.

Item 1- Bandeira-Este tema é uma recordação dos estudos feitos na semana de Caxias...

Item 2- Amor a Pátria- estudar os areltois históricos cujo exemplo é digno de ser imitado, assunto que deve ser abordado constantemente.

Item 3- Hino da Independência- Analisar e comentar sua letra e música diariamente.

Item 4- Tiradentes- Não se concebe, falar em liberdade sem focalizar o mártir da Independência.

Item 5- Os Andradas- figuras inesquecíveis do 7 de Setembro, principalmente para os santistas.

Item 6- D. Pedro e a proclamação-Fatos que antecederam, causas e influência.

Item 7- Panteon dos Andradas- estátuas comemorativas, praças, ruas, etc.

Ainda sobre as comemorações de setembro no dia 28 de agosto de 1964, Isaura Mainardi abriu a reunião pedagógica, abordando os seguintes assuntos:

Campanha cívica encetada pelos “Amigos da Cidade” e “União Cívica Feminina” cujo slogan é “Uma bandeira em cada lar”. Pediu às senhoras professoras a colaboração entusiástica que elas costumam dar as campanhas realizadas no Estabelecimento, pois só através do professor poderá o Brasil fazer-se amado pelo seu povo. Que cada professora propugne em fazer colocar no lar de cada aluno, uma Bandeira Nacional, rica ou modesta, pequena ou de grande dimensão, mas que seja ela colocada no lugar de honra em nosso lar e em lugar de destaque em nossos corações.

Disse ainda, que a campanha visa dotar cada sala de aula de Santos, de uma Bandeira. a primeira deverá ser entregue solenemente pela comissão dia 2, quarta-feira às 9:30 horas e a recepção constará do seguinte: 1- Hino a Bandeira. 2- discurso por um aluno. 3- Saudação a Bandeira pelos alunos do Grupo. 4- guarda de Honra que acompanhará a Bandeira até a classe.

A reunião e cerimônia serão repetidas nos 2º e 3º períodos.

As classes receberão as visitas da bandeira nos seguintes dias: Dia 2 sala 10; 3 sala 9; 4 sala 8; 5 sala 6; 8 sala 7; 9 sala 5; 10 sala 4; 11 sala 3; 12 sala 2; 13 sala 1.

Até que outras salas recebam as bandeiras essas visitas continuarão até 19 de novembro, quando será encerrada a campanha.

Embora as comemorações da semana da Pátria e Dia da Bandeira fossem programações de praxe nas escolas nota-se que a primeira Semana da Pátria e o Dia da Bandeira, após o Golpe Militar no Brasil deveriam ser meticulosamente preparados, ganhando contornos de grandes eventos. Nota-se que muitos setores da sociedade civil que apoiaram o

Regime de Exceção também contribuíram no preparo desta comemoração como “Amigos da Cidade” e “União Cívica Feminina”.

Em 18 de fevereiro de 1965, o Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo faria seu jubileu de ouro, pois comemoraria 50 anos de existência. Na mesma ata em que programou a semana da Pátria, organizou e constituiu a comissão de professoras que deveriam organizar os festejos, são elas:

Festejos: d. Eurides Pereira Alvarez Perez, d. Carmem Kohl, d. Antonietta da Rocha Garcia, d. Maria José Motta Mâncio, d. Stella Marques Ponzzini, d. Carmem Maria Thereza Giordano de Marcos, d. Maria de Oliveira, d. Ada Artese Moro, d. Diva Terezinha de Oliveira, d. Dirce Nogueira prado e d. Eulália Vieira Corrêa. Campanhas: d. Maria Leite dos Santos, d. Maria Lúcia P.R.P. amaro, d. Sylvia F. Oliveira, d. Alice Albuquerque, d. Maria Thereza O. França, d. Ruth Prestes Camargo, d. Maria Clarice L. Spina, d. Marlene de Oliveira Fernandes, d. Emma Góes Barreto, D. Maria Gonçalves Charleaux, d. Aurea Caetano da Silva Mazzeo e d. Eivacyr Josephina Gíglia Gomes. Exposição histórica: d. Nilse Camargo Leite de Castro, d. Maria José Cunha Souza, d. Regina helena Machado Simão.

Ficou também assentado que se coletaria uma contribuição mensal do corpo docente de CR\$500,00 a partir do próximo mês e foram eleitas tesoureiras as professoras D. Eurides pereira Alvarez Perez, d. Diva Terezinha de Oliveira e d. Maria Gonçalves Charleaux.

As comissões reunir-se-ão periodicamente, a fim de discutir e realizar os andamentos dos preparativos dos festejos. Será realizada uma reunião em conjunto com as diretorias da Caixa escolar e Associação de Pais e Mestres, para traçar planos para as mesmas.

1.7 O Jubileu de Ouro na administração Mainardi

A comissão instituída por Isaura Mainardi para cuidar dos festejos de 50 anos de criação do Grupo escolar Visconde de São Leopoldo realizou uma comemoração memorável.

No arquivo da escola foi possível encontrar um álbum de fotografias que retratam a memória institucional desta festa. São fotos de diretores, inspetores, professores, alunos e funcionários. Também neste álbum consta o convite do Jubileu de Ouro, comemorado em 26/06/1965.



Figura 15 capa do convite para o Jubileu de Ouro, 1965.

Acervo da escola.

Este convite fora enviado para as principais autoridades do período em questão e contava com a seguinte programação:

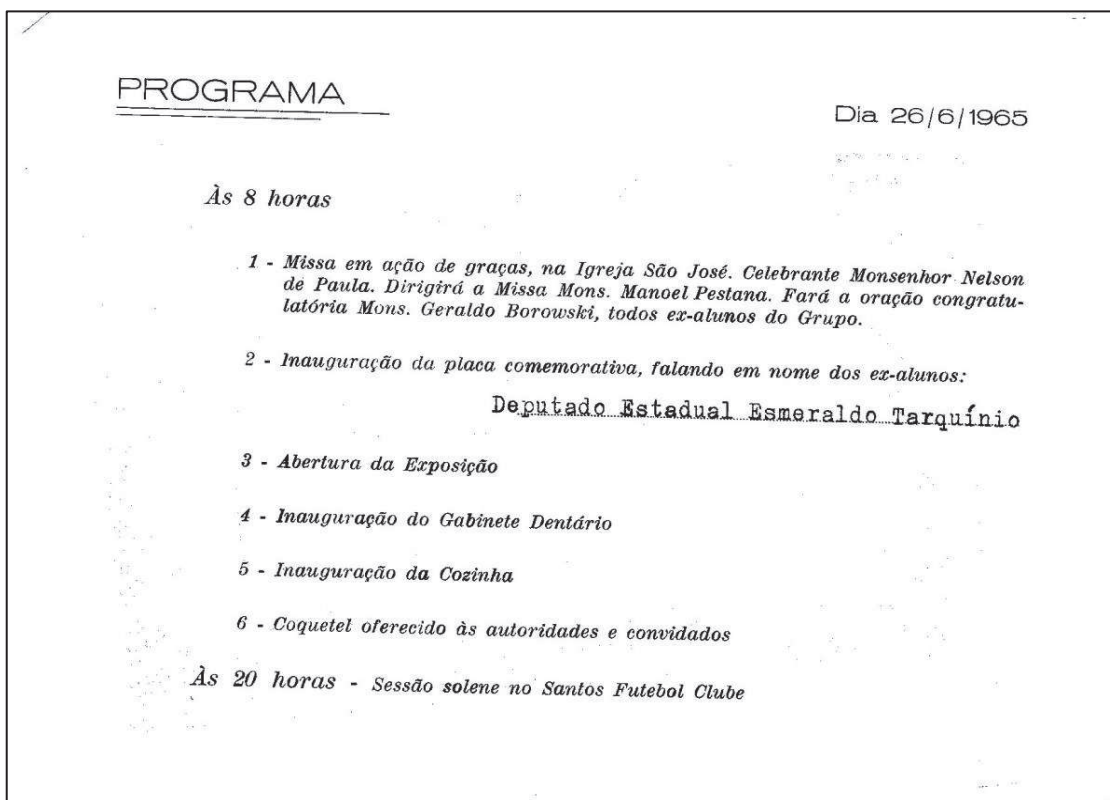


Figura 16 , programação expressa no convite, 1965

Acervo da escola.

Outras imagens do convite da festa de 50 anos mostram os nomes dos que atuavam no Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo:

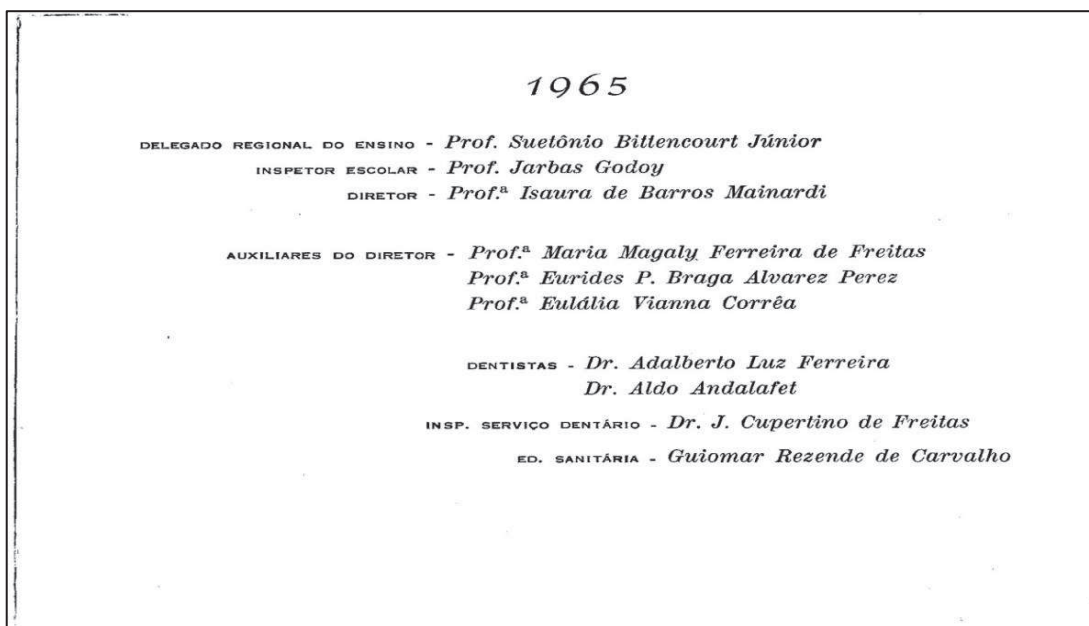


Figura 17 integrantes da administração direta ou indireta da escola, 1965 Acervo da escola.

<i>Professoras</i>		
Ada Artese Moro	Maria Clarice L. Spina	
Adna A. Pinto	Maria Gonçalves Charleaux	
Alzira Gomes	Maria José C. Souza	
Áurea C. da Silva Mazzeo	Maria M. Mancio	
Aurora Moraes de Paula	Maria Jesus Siqueira	
Carmen Kohl	Maria Leite dos Santos	
Carmem M. Giordano de Marcos	Maria de Lourdes P. Atanes	
Dirce N. Prado	Maria Oliveira	
Diva I. Oliveira	Maria Tereza O. França	
Eivacyr J. Giglio Gomes	Neusa Silva Adan	
Emma Goes Barreto	Nilda Machado Simão	
Estela Oliveira Arantes	Nilse C. Leite de Castro	
Graca C. Ardito	Olivia Pinheiro Souza	
Irene F. G. de Oliveira	Regina H. M. C. Machado	
Lília A. Bosco	Stella Marques Ponzini	
SUBSTITUTAS EFETIVAS		
Alice G. P. Albuquerque	Dalva F. Santos	Marlene F. Monteiro
Ana Grotone	Dirce P. Marques	Marlene Rolan
Maria Ivalda D. Diegues	Ermilena Cinti Oliveira	Miriam M. Barboza
Maria Lúcia P. Amaro	Maria do Carmo Silva	Nanci Nabusuke
Neide Lourenço	Maria Mercedes Costa	Sônia M. Freitas Meira
Silvia F. Oliveira		Terezinha Diniz
Benedita Q. Gouvinhas		Wilma P. Alonso
PORTEIRO		
David de Carvalho		
SERVENTES:		
José da Silva		Anna dos Santos Moraes
Antônia Gregghi da Silva		Noêmia Luz Santos
		Regina N. C. Lourenço

Figura 18 Integrantes do quadro de professores e funcionários da escola, 1965

. Acervo da escola.

<i>Fundação - 1915</i>	
<i>Corpo Docente e Administrativo</i>	
<i>Diretor:</i>	<i>Prof. José Olivar da Silva</i>
<i>Profs.:</i>	<i>João Oliveira da Silva</i>
	<i>Rosalina Alves Rodrigues</i>
	<i>Maria Fontes</i>
	<i>Amélia Labruciano</i>
<i>Subst. Efetivos:</i>	<i>Otilio de Oliveira</i>
	<i>Déborah Rato</i>
	<i>Lúcia E. M. Ribeiro</i>
	<i>Maria Amélia Ortiz</i>
	<i>Albertina Barboza Leituga</i>
	<i>Júlia Nogueira de Almeida</i>
<i>Porteiro:</i>	<i>Martinho Silva</i>
<i>Serventes:</i>	<i>Fernando Manoel da Silva</i>
	<i>Maria da Silva Santos</i>

Figura 19 Administração, corpo docente e funcionários em 1915, 1965.

Acervo próprio da escola.

Comparando o quadro administrativo, de professores e funcionários é capaz de ver o crescimento do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo nesses 50 anos, pois se no seu início contava apenas com o diretor prof. José olivar da Silva, quatro professores, seis professoras substitutas, um porteiro e dois serventes. Em 1965 d. Isaura contava com três auxiliares de direção, trinta professoras efetivas, dezenove professoras substituta, um porteiro e cinco serventes. Se no início da escola contou com quatrocentos e cinquenta alunos em apenas um período e 10 salas funcionando em apenas um turno, no jubileu contava com 30 classes, número máximo que o prédio comportava e em horário tresdobrado com um mil e duzentos alunos.

No convite ainda constava os diretores durante os 50 anos e o Histórico do grupo escolar “Visconde de São Leopoldo”. Conforme as próximas imagens:

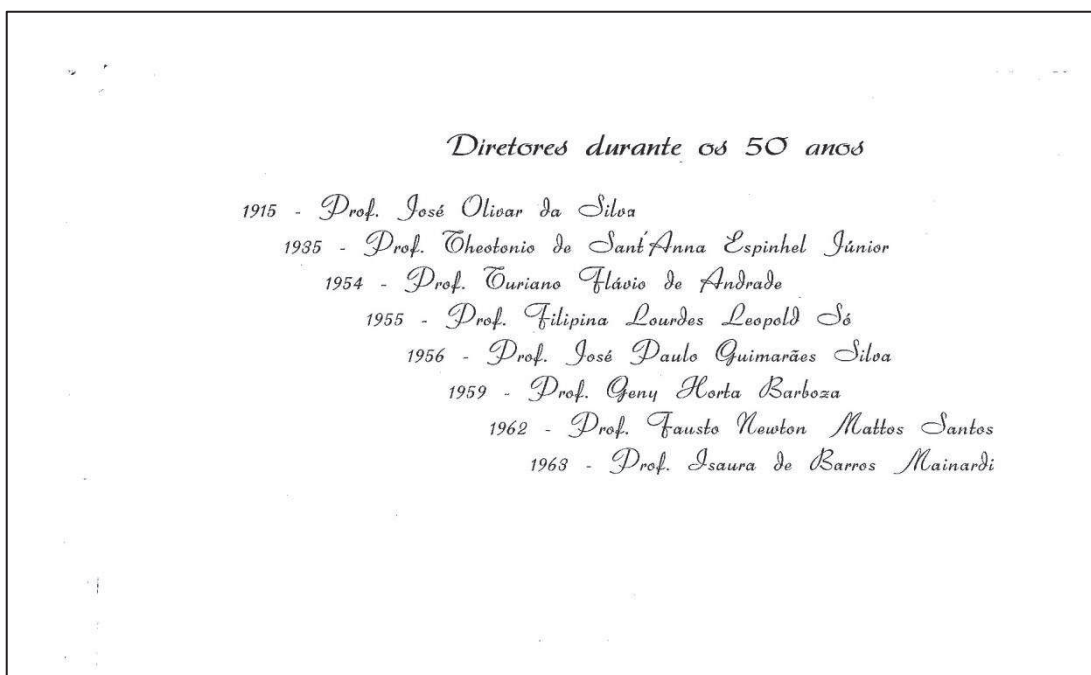


Figura 20 , Diretores durante os 50 anos ,1965

Acervo próprio da escola.

Vale a pena reproduzir aqui o histórico da escola de autoria aparentemente da comissão de exposição histórica: d. Nilse Camargo Leite de Castro, d. Maria José Cunha Souza, d. Regina Helena Machado Simão.

Histórico

Grupo Escolar “Visconde de São Leopoldo”

Criado no governo do conselheiro Rodrigues Alves, que tinha como secretário do Interior o Dr. Altino Arantes, no início de fevereiro de 1915, só começou a funcionar o antigo grupo escolar “Villa macuco”, a 18 de fevereiro desse ano distante.

Nessa ocasião, época em que não havia ainda a Delegacia Regional de Ensino de Santos, era inspetor regional o Prof. Primo Ferreira, figura de destaque a quem Santos deve relevantes serviços no setor da educação e ensino.

Para organizar o Grupo, foi nomeado como diretor o Prof. José Olivar da Silva que permaneceu na direção do Grupo por 20 anos e soube imprimir ao Estabelecimento em tal ritmo de trabalho que grangeou à esta Casa de ensino, a tradição de Estabelecimento de escol.

Dotado das melhores instalações em aparelhos didáticos que havia na época, desde início teve, excelentes resultados o ensino aqui ministrado.

O corpo docente na época da fundação compunha-se dos srs. Professores: João Oliveira da Silva, Rosalina Alves Rodrigues, Maria Fontes e Amália Labruciano.

A princípio funcionou num só período, com 450 alunos matriculados nas dez classes existentes.

O número sempre crescente de candidatos à matrícula levou à necessidade de criação de novas classes, número máximo que o prédio comporta, nos bons tempos dos horários apenas desdobrados.

Com o correr dos anos a expansão do bairro cada vez maior, obrigou a criação de mais classes passando o Estabelecimento a partir de 9 de abril de 1931, a funcionar com 23 classes e em horário tresdobrado.

Atualmente conta com trinta classes, número máximo que o prédio comporta, abrigando em seu teto 1200 alunos.

Por decreto do Ilmo. Sr. Governador do Estado, datado de 22 de agosto de 1922, como preito de merecida homenagem, passou o Grupo Escolar de “Villa Macuco” a denominar-se Grupo Escolar “Visconde de São Leopoldo”, propiciando aos nossos alunos como paradigma a figura do ilustre santista- conselheiro José Feliciano Fernandes Pinheiro, cuja memória grata a toda Santos é reverenciada com especial carinho pelo que militam nesta Casa de Ensino.

Nêsses cinquenta anos de existência o “Visconde de São Leopoldo” tradicional Estabelecimento de Ensino, desta cidade, inquestionavelmente vem prestando relevantíssimos serviços na educação e instrução da infância santista.

Passaram pelos seus bancos mais de 49.363 escolares e foram alfabetizados cerca de 9.244 alunos.

Dos 7276 diplomados, grande número se destaca em todos os campos de ação, no magistério, na política, no clero e profissões liberais.

Todos tenho certeza, têm inculcado em sua formação, os sãos ensinamentos de civismo, patriotismo e moral, que nossos mestres nêste ininterruptos passar de anos, fizeram e fazem questão de imprimir nos alunos que lhes são confiados.

O caráter de didática atualizada que desde os primórdios de sua existência teve o Estabelecimento vem sendo mantido ininterruptamente e o entusiasmo, boa vontade, idealismo e dedicação que caracterizavam os primeiros mestres que aqui militaram, continuam a ser padrão dos atuais.

Desde o início as instituições auxiliares da Escola, fizeram parte dos programas aqui realizados, datando a Caixa Escolar de 1915, o Orfeão Escolar de 1936, a Biblioteca de 1915 e o Clube Filatélico a partir de 1958.

Todas essas instituições vêm funcionando sempre e com êxito e a preocupação constante dos que as dirigiram, foi propiciar às crianças melhores meios para sua educação.

Atualmente funcionam, além das citadas, a Associação de Pais e Mestres, fundada a 4 de abril de 1963, o Grêmio de Leitura “José Bonifácio”, a partir de 11 de junho de 1963 e o clube de Arte Infantil a partir de março de 1964.

Propicia as crianças, o Estabelecimento, assistência dentária, desde 1925.

Inicialmente era o serviço proporcionado pela Caixa Escolar “Galeão Carvalhal” e o seu primeiro gabinete foi doado ao Grupo pelo Dr. Samuel Bacarat em 1925, instalações estas que serviram ao “Visconde de São Leopoldo” até o ano de seu cinquentenário.

Houve por bem o governo estadual, por intermédio do Serviço Dentário Escolar, doar ao estabelecimento como “presente de aniversário” novo gabinete dentário, dotado dos mais modernos melhoramentos.

Por iniciativa da diretoria da Caixa Escolar e associação de Pais e Mestres, por meio de campanhas realizadas, foi dotada também a nossa Casa de Ensino, de cozinha, podendo ser agora distribuída à merenda escolar, fator primordial para garantir aos menos privilegiados, melhor saúde para que se consiga maior aproveitamento escolar.

Nesta data, feliz, para todos, nós queremos consignar o nosso voto de louvor, respeito e admiração, aos mestres que nos procederam; aos que nos seguirem, nosso incentivo, votos de coragem, paciência e perseverança para que continuem a tradição a nós legada pelos que nos antecederam: a de dedicação plena e profícua a causa da educação de nossa infância.

Finalizarei a apresentação do convite com a imagem do carimbo - na última parte da capa do convite- criado para comemorar o cinquentenário:



Figura 21 carimbo das comemorações, 1965

Acervo próprio da escola

Após as comemorações do Jubileu de ouro D. Isaura continuou a frente da administração do estabelecimento até agosto de 1968 quando sai para exercer atividade junto ao SEROP (Serviço de Orientação Pedagógica). Em setembro de 1968 assume como diretora substituta a d. Eurides Pereira Braga Alvarez Perez, professora já conhecida da escola e que fazia parte do grupo de auxiliares da administração Mainardi. Neste curto período administrativo, (pois d. Eurides vai se aposentar em 1972), tem início a construção do segundo pavimento da escola que teve como função abrigar o ginásio e o colegial, fato que tornou a ampliação do grupo escolar um setor independente.

Em 1965, Isaura Mainardi estava à frente do Grupo Escolar comemorando assim o jubileu de ouro. A Isaura também fora Auxiliar de Inspeção, pois o Grupo Escolar era sede de Inspetoria Escolar e cuidava das seguintes escolas em 1965: Escola Mista Madre Bárbara, Escola Mista Maria Imaculada, Escola Mista Orfanato Santista, Escola Mista Cruzada das Senhoras Católica, Escola Mista Casa do Senhor, Escola Mista do Asilo de Órfãos, Curso pré-

primário do Educandário Anália Franco, 1ª Escola de Emergência do Sítio Sandy, Curso de alfabetização da 1ª Companhia de Comando, Curso de alfabetização do 6º Batalhão dos Caçadores e Escola Mista Santa Tereza (Livro de Correspondência, 1965, p.11).

Veja tabela abaixo:

Tabela 4 Relação de escolas sob a administração de d. Isaura

Escolas	Turmas
Orfanato Santista	1ª Escola Mista Feminina 2ª Escola Mista Feminina 3ª Escola Mista Feminina 4ª Escola Mista Feminina 5ª Escola Mista Feminina 6ª Escola Mista Feminina 1ª Classe de deficientes Mentais 2ª classe de deficientes Mentais
Casa do Senhor	1ª Escola Mista Feminina 2ª Escola Mista Feminina
Madre Bárbara	1ª Escola Mista Feminina 2ª Escola Mista Feminina 3ª Escola Mista Feminina 4ª Escola Mista Feminina 5ª Escola Mista Feminina 6ª Escola Mista Feminina 7ª Escola Mista Feminina
Escola de Emergência de Santos	
Maria Imaculada	1ª Escola Mista Feminina 2ª Escola Mista Feminina
Cruzadas das Senhoras Católicas	Curso Pré-Primário 1ª Escola Mista Feminina 2ª Escola Mista Feminina 3ª Escola Mista Feminina 4ª Escola Mista feminina
Educandário Anália Franco	Curso Pré-Primário 1ª Escola Mista Feminina 2ª Escola Mista Feminina 3ª Escola Mista Feminina
1ª Companhia de Comando	Curso de alfabetização
6º Batalhão de caçadores	Curso de alfabetização
Santa Tereza	1ª Escola Mista Feminina 2ª Escola Mista Feminina 3ª Escola Mista Feminina 4ª Escola Mista Feminina
Asilo dos órfãos	1ª Escola Mista Feminina 2ª Escola Mista Feminina

Autora: Hebe P. O. S. Kuwahara

Em 18 de novembro de 1965 é publicada no Diário Oficial do Estado a portaria de dispensa do cargo de Auxiliar de Inspeção de Isaura Mainardi, esta informação não traz maiores detalhes sobre a cessação de suas funções (Livro de protocolo de correspondência,

1965, p.44). Devido ao armazenamento precário dos documentos escolares, só foi encontrado o rol de escolas do qual D. Isaura auxiliava em inspeção no Livro de Correspondência de 1965 não havendo maiores detalhes das atividades exercidas nestas escolas a não ser o registro de atuação de professores que ocupavam postos nestas escolas em substituição ou afastamento (podendo ser comissionados na escola Canadá devido ao curso de Administração escolar), o relatório de faltas de qualquer natureza ou ocupação como professora substituta efetiva. Em ofício de número 38/65 de 10/05/1965 (livro Protocolo de correspondência, 1965, p.11) é feita a seguinte comunicação:

Cumprir comunicar a V.Sa., que Edith Costa Pires, professora efetiva da 2ª escola Mista do Orfanato Santista, em Santos, encontra-se comissionada junto ao Instituto de Educação Canadá, em Santos, de acordo com o artº1º item I do decreto 36476/60 e ato 103/64, a fim de frequentar o Curso de Administração Escolares, a contar de 3/3/65, de acordo com o ato de 4, publicado no D.O. de 5 de maio último.

Administrar o Grupo Escolar e estas escolas isoladas não foi tarefa das mais fáceis ainda no protocolo de correspondências a D. Isaura faz a seguinte solicitação (livro protocolo de correspondência, 1965, p.11/12):

Solicito de V.Sa. providenciar o conserto do pilar que segura o portão de entrada de alunos no Estabelecimento, que foi ao chão, estando o acesso do Grupo Escolar completamente a mercê de pessoas estranhas.

Reitero aqui o meu pedido feito anteriormente, de cimentar a entrada de alunos até ao galpão, pois devido à umidade do terreno e o trânsito frequente dos alunos, forma-se verdadeiro lamaçal na entrada, acarretando-nos inúmeros problemas, agravados este ano, com a caída ininterrupta das chuvas.

Em 1965 foram realizadas as seguintes campanhas e festividades publicadas em Diário Oficial da época: semana da Criança, Campanha de Higiene Dentária, Sorteio do Talão da Fortuna Mirim, Dia do Professor, Reverência a José de Anchieta, 1º Mestre Escola do Brasil; Dia do Desarmamento Infantil; Semana da Asa e “Dia Do avião”; Semana antialcoólica,

Capítulo 2 - Escola primária e escola secundária

2.1 - Criação do II Colégio Estadual de Santos

Começou como uma extensão do Colégio dos Andradas que se localizava na Av. Bartolomeu de Gusmão, em frente a praia.. Eram apenas duas classes em 1967, para atender a demanda daquele estabelecimento. Mas em 1968 a extensão se tornou o II Colégio Estadual de Santos. Um novo estabelecimento de ensino dentro de outro, cuja face, era a tarefa de fornecer instrução primária à população do bairro Macuco e a do novo colégio a instrução ginásial.

Entre 1968 e 1972 o Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo será administrado por D. Eurides Pereira Braga Alvarez Perez, sucessora de D. Isaura de Barros Mainardi. Em visita, Manoel L. Wanderley Santos, Inspetor de ensino deixa o seguinte registro:

Visitei hoje êste grupo escolar dirigido pela professora d. Eurides Pereira Alvarez Peres, que substitui a titular, comissionada na delegacia de Ensino Elementar de Santos, como coordenadora do SEROP.

Visitei 6 classes de 1ª grau do 3º período (12:30 -15hs) e fiz o levantamento do permanente. Pedi ao dentista lotado neste grupo escolar o inventário do material existente no gabinete, faz juz entrega do referido inventário à sua diretora substituta. O prédio continua em obras de ampliação. A disciplina na classe era boa. Santos, 10.03.1969. LIVRO DE VISITAS (1969, p.21).

O II colégio Estadual de Santos funcionou no período noturno ofertando o curso ginásial. A convivência não era pacífica como registrava o Inspetor de ensino Manoel L. Wanderley Santos:

Visitando hoje, a convite da senhora diretora, para tomar conhecimento das depredações feitas pelos alunos do ginásio que funciona a noite no prédio deste grupo escolar. Constatei os estragos e sobre o ocorrido dei ciência ao Senhor Delegado de Ensino. LIVRO DE VISITAS (1969 p.21/22).

Em outra passagem, em 10/08/1969 ele acrescenta:

Retornei hoje a este estabelecimento de ensino pra solicitar relação dos estragos feitos pelos alunos do ginásio neste grupo escolar e avaliação dos prejuízos para as devidas providências da Delegacia de ensino junto a Inspetoria Seccional do ensino secundário. LIVRO DE VISITAS (1969 p.21/22).

2.2 - Cenário educacional na década de 1960

Embora na década de 1960 florescessem acordos e convênios com o Ministério de Educação e Cultura (a partir de 2003 é criado o Ministério da Cultura, mas permanece a sigla MEC para Ministério da Educação) com o objetivo de ampliação ao acesso à educação básica, o governo militar adota uma posição tecnicista e celebra vários convênios para desenvolver o setor educacional brasileiro. Segundo Ivani Fazenda (1985 p.61/62):

Foi a época em que o MEC entregou a reorganização do sistema educacional brasileiro aos técnicos oferecidos pela AID (entretanto pagos pelo governo brasileiro).

Esses acordos foram aparecendo na seguinte ordem cronológica:

- 1- 26 de junho de 1964- Acordo MEC/USAID, para aperfeiçoamento do ensino primário. Visava ao contrato, por 2 anos, de 6 assessores americanos.
- 2- 31 de março de 1965 - Acordo MEC/CONTAP (Conselho de Cooperação Técnica da Aliança para o Progresso) /USAID- para melhoria do Ensino Médio. Envolvia assessoria técnica americana para o planejamento do ensino e treinamento de técnicos brasileiros nos Estados Unidos;
- 3- 29 de dezembro de 1965- Acordo MEC/USAID para dar continuidade e suplementar com recursos e pessoal o primeiro acordo para o ensino primário;
- 4- 5 de maio de 1966- acordo do Ministério da Agricultura, CONTAP/USAID, para treinamento de técnicos rurais;
- 5- 24 de junho de 1966- Acordo MEC/ONTAP/USAID, de Assessoria para a Expansão e Aperfeiçoamento do quadro de professores do Ensino Médio no Brasil. Envolvia assessoria americana, treinamento de técnicos brasileiros nos Estados Unidos e proposta de reformulação das faculdades de Filosofia no Brasil;
- 6- 30 de junho de 1966- Acordo MEC/USAID de assessoria para a modernização da Administração Universitária. Em vista da reação geral, esse acordo foi revisto 10 meses depois;
- 7- 30 de dezembro de 1966- acordo MEC/INEP/CONTAP/USAID, sob a forma de termo aditivo dos acordos para aperfeiçoamento do ensino primário. Nesse acordo, aparece, pela primeira vez, entre seus objetivos, o de *elaborar planos específicos para melhor entrosamento da educação primária com a secundária e superior*. Envolve igualmente, assessoria americana e treinamento de brasileiros;
- 8- 30 de dezembro de 1966-Acordo MEC/SUDENE/CONTAP/USAID, para a criação do centro de Treinamento Educacional de Pernambuco;
- 9- 6 de janeiro de 1967-Acordo MEC/SNEL (Sindicato Nacional de Editores de Livros) / USAID de Cooperação para Publicação de Normas Técnicas, Científicas e Educacionais. Por esse acordo, seriam colocados, no prazo de 3 anos, a contar de 1967, 51 milhões de livros nas escolas. Ao MEC e ao SNEL caberiam apenas as responsabilidades de execução, mas ao técnicos da USAI, todo o controle, desde os detalhes técnicos de fabricação do livro, até os detalhes de maior importância como: elaboração, ilustração, editoração e distribuição de livros, além da orientação dos

editores brasileiros no processo de compra de direitos autorais de editores não-brasileiros, vale dizer americanos;

10- Acordo MEC/USAID de reformulação do primeiro acordo de assessoria à modernização das universidades, então substituído por Assessoria do Planejamento do Ensino Superior, vigente até 30 de junho de 1969. Nesse acordo, a tática da justificativa foi mudada e houve determinação de uma ação mais ativa do MEC nos programas, o que na realidade não aconteceu;

11- 27 de novembro de 1967- Acordo MEC/CONTAP/USAID de cooperação para a continuidade do primeiro acordo, relativo à orientação vocacional e treinamento de técnicos rurais;

12- 17 de janeiro de 1968- Acordo MEC/USAID para dar continuidade e complementar o primeiro acordo para desenvolvimento do ensino médio (Planejamento do Ensino Secundário e Serviços Consultivos). Envolvia e ampliava a mesma cooperação assinalada nos acordos anteriores e reafirmava a necessidade de *melhor coordenação entre os sistemas de estaduais de educação elementar e média.*

Essas orientações dizem respeito à assessoria que seriam dadas e aplicadas ao ensino primário, médio, técnico e universitário no país.

Esses acordos internacionais acabaram refletindo no universo educacional brasileiro no sentido de atrelar o desenvolvimento econômico ao da educação.

A ditadura militar implantada no país a partir de 1964 racionaliza o sistema educacional brasileiro. Atendendo a legislações anteriores, havia a obrigatoriedade da educação primária de quatro anos que poderia ser estendida para seis anos, o governo militar cumprindo acordos anteriores como o da Carta de Punta del Este, amplia o ensino básico de 4 para 6 anos. Em 1968, o então presidente Costa e Silva lança a Lei 5537, (complementada pelo decreto lei 872/69) que previa o funcionamento do Fundo Nacional de Educação. Segundo Vieira, (1995, p.214):

O movimento de 1964 prodigalizou leis e decretos- leis para a Educação. Em 1964, surgiu a Lei nº 4.440, instituindo o salário educação, gerando recursos para o ensino primário. Este salário educação, a princípio fornecido pelas empresas, abrangeu todos os empregadores, públicos e privados, por meio do decreto lei nº 55.551, de 1965. No ano de 1966, o Decreto-Lei nº 53 introduzia no ensino superior... O ano de 1968, também para as atividades educacionais, representou um turbilhão legislativo: baixaram-se a Lei nº 5.537 (complementada pelo Decreto- Lei nº 872 de 1969, ambos relativos ao Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação), o Decreto nº 63341 (fixa critérios para a ampliação do ensino superior), o Decreto Lei nº 405 (trata de normas para o aumento de matrículas no ensino superior e o liga com o ensino Médio). Em 1969, publica-se o decreto Lei nº 477, proibindo-se manifestações políticas ou de protesto dentro das universidades e atingindo-se diretamente professores, alunos e funcionários.

Ainda no sentido de análise de legislação educacional, Horta (1982, p.136), lista os seguintes programas que deram atenção a questão educacional no país:

Vejamos até que ponto estas novas opções concretizaram-se nos planos brasileiros posteriores a 1964, ou seja, no Programa de Ação Econômica do Governo (1964-

1966), no Plano Decenal de Desenvolvimento Econômico e Social (1967-1976) e no Programa Estratégico de Desenvolvimento (1968-1970).

A administração Mainardi (1963/1968) e a de sua sucessora Eurides Pereira Braga Alvarez Perez (1968/1972) no Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo foram permeadas pelos programas educacionais que previam o aumento da escolaridade e a ampliação de vagas nas escolas. Neste sentido para atender estas demandas o turno de atendimento aos educandos foi dobrado, posteriormente triplicado e excepcionalmente quadruplicado, pois quando houve a ampliação do prédio escolar foi necessário modificar o tempo de permanência na escola, devido à falta de mobiliário para atender a todos os estudantes. Sobre a ampliação do número de vagas, Horta (1982, p.138), observa:

Com base nesses critérios, o PAEG prevê, para o ensino primário nas zonas urbanas, um acréscimo de 300.000 matriculas, até 1970, “não só para atender os déficits de certas áreas urbanas do País, como também para permitir que os centros mais avançados possam ampliar o período de escolaridade do ensino primário para 6 anos e melhorar qualitativamente as condições atuais de funcionamento”. Com relação ao ensino primário nas áreas rurais de população concentrada, será necessário “ampliar-se o sistema para mais de 3.300 mil matriculas até 1970, a fim de atingir-se 100% de escolarização da população da faixa de 7 a 11 anos de idade”. Caso estas metas fossem atingidas, deveriam estar matriculadas no ensino elementar em 1970, cerca de 11 milhões de crianças de 7 a 11 anos e cerca de 3 milhões de crianças de 12 a 14 anos.

Com relação ao aumento da escolaridade básica, Horta (p.164,1982) faz a seguinte colocação:

Em relação ao 1º ciclo de ensino médio, a posição do Conselho Federal de Educação é semelhante. Desde o primeiro momento, ao insistir sobre a extensão da escolaridade primária, o CFE deixou clara a sua posição de que o ensino gratuito e universal não podia limitar-se a quatro anos. Esta posição firmou-se em 1963, através da Indicação apresentada pela Câmara de Ensino Primário e Médio à Reunião Conjunto dos Conselhos de Educação, na qual se afirmava claramente que a escola média não é uma escola seletiva, e sim uma escola para todos, pelo menos quanto ao primeiro ciclo, prolongamento natural do ensino primário. Nesta indicação recomendava-se uma articulação harmoniosa entre o ensino médio, evitando-se no ingresso ao ginásio, qualquer exigência descabida ou meramente formal.

2.3 A AMPLIAÇÃO DO PRÉDIO ESCOLAR

Atendendo à necessidade de acomodar o número crescente de matriculas e ampliação dos níveis escolares no Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo foi determinada a construção do segundo pavimento.

Nas palavras de Sônia Paolozzi, diretora do então II Colégio Estadual de Santos, entre 1970 e 1976, houve uma “duplicação do prédio”, pois seguiu a arquitetura do primeiro pavimento: linhas retas, pé direito altos e grandes janelões.

Enquanto as obras da duplicação não aconteciam para atender o excedente de matrículas, a solução adotada pela Secretaria Estadual da Educação de São Paulo através do decreto lei nº 177/69, era a de atender a demanda excedente em outra unidade de ensino, ou seja, o decreto permitia esta solução provisória.

Desde 1967, havia o funcionamento de classes oriundas do Ginásio Estadual de Santos no prédio do Grupo Escolar, a princípio apenas como uma extensão. O funcionamento de salas de aulas em outros estabelecimentos não era fato raro e isolado. Não só o Ginásio Estadual funcionava com turmas e professores em outras unidades como o Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo também possuía classes em outros estabelecimentos. No Livro Protocolo de Ofício, (1970, p.14), o ofício 13/70 apresenta a seguinte solicitação:

Venho solicitar a V.A., de acordo como artigo do Decreto Lei nº 177, D.D. de 31/12/1969 a criação de três (3) classes provisórias para o GESC “Visconde de São Leopoldo”, pois o Estabelecimento conta com 95 alunos excedentes. Estas classes deverão funcionar no prédio da “Escola Espiritualista Ordem e Progresso”.

Em outro registro, desta vez no Livro de Visitas Oficiais, encontra-se o seguinte termo, (1970, p.26)

Aproveitei o ensejo para esclarecer as Sras. Professoras das classes de emergência que funcionariam no Centro Espírita Ismênia de Jesus, que a matrícula e organização dessas classes compete ao Gesc. Visconde de São Leopoldo embora os alunos pertençam aquele local.

O que poderá ser feito, será completar o número de lá com excedentes daqui.

Observação: as classes de emergência a que me refiro, são “escolas provisórias” na realidade.

Para atender a demanda de alunos para o curso primário foi necessário criar as escolas provisórias, que seriam a utilização de espaços externos em outros estabelecimentos para que as crianças residentes no bairro Macuco e adjacências não ficassem de fora da educação já que as políticas públicas até aquele momento previa a inserção obrigatória de crianças entre 7 e 11 anos matriculadas nas escolas.

A construção do segundo pavimento (iniciada em 1967) trouxe alguns transtornos para a escola, pois deixava o prédio vulnerável aos atos de vandalismo que não eram poucos.

A obra seguiu os padrões da construção anterior e deixou impressionado a Inspetora de Ensino Substituta, Aurea de A. Moreira Pinto que registrou em sua ata de visita oficial o seguinte parecer, Livros de Visitas Oficiais, (1970, p.23):

A serviço do cargo,visito nesta data este grupo escolar que encontrei funcionado normalmente sob a direção da Sra. Prof.^a d. Eurides Pereira Braga Alvarez Perez, que substitui D. Isaura de Barros Mainardi, titular efetiva.

O estabelecimento esta funcionado a título precário em quatro períodos de duas horas e 15 minutos pelo motivo de não haver ainda recebido o material para as novas salas, construídas recentemente pelo D.O.P.

Em companhia da Sra. Diretora visitei a parte nova do prédio, tendo ficado agradavelmente impressionada pelo ótimo aspecto da mesma.

A reforma do Grupo Escolar exigia outras reformulações na escola:

Como a reforma do prédio onde funciona o Gesc “Visconde de São Leopoldo”, em Santos, está quase terminada, venho renovar o pedido a V.Sa., da feitura de armários em nossas 20 salas de aula (aliás esse pedido foi feito em ofício nº 29, datado de 15/09/1966, cujo despacho de V.S.^a foi favorável, apenas que esperássemos a reforma do prédio, que ora se processa) Os armários não precisam ter acabamento esmerado; poderão ser rústicos de qualquer madeira e pintura, contanto que o material ali guardado esteja de fato, protegido. Estamos aplicando o ensino globalizado. O material pedagógico a ser utilizado é enorme e não temos onde guarda-lo. Não podemos deixar exposto, pois a noite funciona em nosso prédio, um ginásio, e o material deixado a vista, é, depredado e em geral desaparece. O material usado pelas professoras é caro e conseguido através de grande sacrifício das mesmas e da diretoria. Para melhor elucidar meu pedido, remeto a V.Sa. o um croquis, dos armários a serem construídos.

Tomo a liberdade de solicitar a V.Sa. também o seguinte: 1ª construção da zeladoria; é de grande importância para a proteção do prédio contra os indesejáveis que destroem e depredam as benfeitorias, isso sem contar com os roubos que têm acontecido aqui infelizmente, e com muita frequência .2º grades de ferros par 36 janelas, das salas do andar térreo do prédio para a proteção contra os inimigos do alheio.3º aumentar o galpão existente pois o grupo escolar, funcionará no ano próximo com 20 salas em cada período, com mais ou menos 800 alunos, tornando-se o atual galpão muito pequeno para comportar tantas crianças. (ofício 24/69 Livro de Protocolo, 1969)

A construção do segundo pavimento ampliou o prédio escolar e suas adjacências. A quantidade de salas dobrou de 10 para 20. Foram construídas escadas no canto esquerdo e direito ligando as alas inferiores com as superiores, banheiros, sala para laboratório, leitura e bebedouro.

O pavimento superior era praticamente independente do 1º pavimento. Quem estudasse nas salas do andar térreo não precisaria subir para tomar água ou ir ao sanitário já que ambos possuíam estes equipamentos.

Porém pelos registros em atas já citadas o novo pavimento apresentava alguns problemas como: hidras quebradas, instalações elétricas deficientes, falta de fios nos conduites para fazer a extensão dos cabos telefônicos para o novo andar, entre outros. O

funcionamento também não foi imediato, pois ainda citado nas atas, o mobiliário escolar não havia chegado para montar as salas de aula.

Apesar da construção recente do segundo pavimento, este apresentava alguns problemas como, por exemplo:

a) O do telefone:

O telefone deste GESC funciona em condições precárias, com ligações provisórias, não podendo ser usado o aparelho da extensão na sala de Diretoria no 2º pavimento, parte nova da recente ampliação do prédio, porque segundo explicações da Companhia Telefônica não foi colocados fios de ligação, no conduíte instalado para esse específico fim. Exige ela, também que a caixa onde está a instalação da entrada dos fios, seja rebaixada. (ofício 40/70, Livro de Protocolo de Ofício, 1970, p.25).

b) O das instalações elétricas e hidráulicas:

-Venho solicitar de vossa Senhoria, reparos urgentes na instalação elétrica do andar superior do prédio. Houve um curto- circuito em um dos pontos de luz estourando as tomadas, lâmpadas e plafonier. A noite funciona o II colégio estadual, razão pela qual, solicito de Vossa Senhoria, urgência no atendimento. . (ofício 60/70, Livro de Protocolo de Ofício, 1970, p.34).

Em outra passagem consta o ofício 62/70, no Livro PROTOCOLO DE OFICIO, (p.35, 1970).

Venho, mais uma vez, solicitar de Vossa Senhoria, que muito nos tem atendendo, providências para que se proceda reparos e trocas de interruptores, tomadas e espelhos, das instalações elétricas, do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo. Solicito ainda, que se façam reparos e trocas de torneiras, ralos, válvulas Hidras, que não estão funcionando. . (ofício 62/70, Livro de Protocolo de Ofício, 1970, p.35).

2.4 As práticas escolares do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo

O Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo nasce inicialmente para ofertar exclusivamente a educação primária: entre sua fundação em 1915 até o ano de 1975 o grupo escolar atendeu prioritariamente o ensino primário obrigatório. Foi um dos estabelecimentos educacionais mais importantes deste período, não havendo concorrentes em seu raio de atuação.

Durante a década de 60 o responsável pelo Grupo escolar era também o responsável pelas chamadas escolas isoladas. A documentação destas escolas, a atuação das professoras e

o conteúdo pedagógico eram supervisionados pelos Diretores do Grupo Escolar entre eles Isaura de Barros Mainardi, cuja denominação para esta função era Auxiliar de Inspetoria (como já referido no Capítulo 1).

A legislação pertinente a década de 1960 é a Lei de Diretrizes e Bases, nº 4024/61. Em relação a organização do ensino primário, manteve a distribuição em quatro séries, podendo estender a duração por seis anos.

Capítulo II

Do Ensino Primário

Art.26. O ensino primário será ministrado, no mínimo, em quatro series anuais.

Parágrafo único. Os sistemas de ensino poderão estender a sua duração até seis anos, ampliando, nos dois últimos anos, os conhecimentos do aluno e iniciando-o em técnicas de artes aplicadas, adequadas ao sexo e a idade.

O currículo escolar atendia as seguintes disciplinas: Leitura e Linguagem Oral e Escrita; Aritmética; Geografia e História do Brasil; Ciências; Desenho; Canto Orfeônico e Educação Física.

A comunidade escolar do GESC Visconde de São Leopoldo participava de várias atividades internas e externas, voltadas ao desenvolvimento físico e mental.

Em uma passagem com data de 1969 consta o seguinte convite a Dom David Picão, Bispo Diocesano de Santos.

Venho em nome das professoras do GESC “Visconde de São Leopoldo”, convidá-lo a fazer- nos uma visita; a presença de V. Revma. e o calor de suas palavras nos orientarão para a grande tarefa de complementarmos a educação religiosa de nossas criança.

Assim também V. Revma. poderá ver os cadernos dos alunos, seus trabalhos, incentivando-os a terem, aquela vivência religiosa tão necessária para nós.

As nossas aulas de religião são dadas às quintas-feiras, sendo o seguinte o horário de funcionamento do G. Escolar: 1º período 7, 30 às 10,30h, 2º priodo 10, 30às 13,30h e 3º período 13,30 às 16:30. Sr. Dom David Picão, bispo diocesano de santos. . (Livro de Protocolo de Oficio, 1969, p.6).

No canto da margem esquerda consta a seguinte observação: “*Feito a pedido da Irmã Dulce.*”.

O ensino religioso era aplicado no GESC nos moldes estabelecido na legislação, ou seja, facultativo para o aluno e oferecimento obrigatório pela instituição já que deveria ser oferecido pelos estabelecimentos oficiais de ensino. Não era raro a pedido das diretoras Isaura/Eurides o comparecimento e as homenagens aos membros da Igreja. A religião predominante entre os alunos matriculados no GESC era o catolicismo daí as aulas de catequese e os membros da comunidade religiosa atuante na escola serem de origem católica.

Programas de saúde eram também desenvolvidos entre 1971 a 1978. Therezinha Gouveia Fabrício trabalhava na área de orientação à saúde, sua função era promover a capacitação de professores para desenvolver práticas preventivas no cuidado à saúde das crianças das escolas públicas estaduais. No GESC Visconde de São Leopoldo, ela atuou durante a administração Mainardi semanalmente e de forma escalonada na administração de D. Zélia Ruiz. Em suas memórias relembra a atuação das diretoras e professoras (entrevista em 23/12/2013).

Relata primeiramente como se desenvolvia, de modo geral, o Programa de Saúde:

Trabalhava no setor de Orientação Pedagógica. Todas as delegacias tinham o setor de orientação pedagógica. Coordenadoria de Setor e dentro dessa coordenadoria havia o setor de disciplinas. A orientação vinha de São Paulo, curso para mães e crianças e orientações para professores. Era o Setor de Orientação a Saúde. Por exemplo, tinha que treinar professores para treinar acuidade visual, 5 alunos de cada vez, passavam os resultados e após era encaminhados para mim, que entrava em contato com a família. Vacinação: preparava as crianças para a vacina e também professores para orienta-los, as crianças e as famílias. Os professores eram treinados para detectar problemas nas crianças. Chegavam com problemas de saúde ortopédico, pele... Visitava os centros de assistência para encaminhar os recursos a comunidade. Professora era orientada e a família avisada e orientada.

(...) Eu sai do Leopoldo e fui trabalhar na delegacia no Departamento de Saúde Escolar da Secretaria Estadual de Educação, nunca fiz parte do quadro do magistério, não era funcionária da Secretaria da Educação, tinha direito as férias do funcionário público, mas só poderia tirar em julho e janeiro. O Departamento oferecia muitos cursos para aprimorar o trabalho. Quando introduziram o BCG (para tuberculose) intra-dermo (na pele) a orientação foi muito boa com material específico produzido pela secretaria. A tuberculose era muito comum. A periferia de Santos e São Vicente têm problemas com a habitação o que era comum a transmissão da tuberculose. Passei a trabalhar no setor na Delegacia atendendo a todas as escolas estaduais para receber orientações

No grupo Escolar Visconde de São Leopoldo o desenvolvimento do Programa de Saúde era bem aceito, dentro da realidade do bairro. Continua Therezinha Gouveia Fabrício:

Lá no bairro existia o centro de saúde na rua Luiza Macuco, nº40. A Secretaria da Educação tinha médico e trabalhava na escola Cesário Bastos. Isso tudo entre 1965/1966. D. Isaura era muito disciplinada, sempre tinha alguém que a achava rígida. Eu ia duas vezes por semana no Visconde. Escola tranquila. Corria tudo muito bem. Os professores eram exigentes em lição de casa. Ela trabalhava com as professoras e estimulava as professoras para fazer visitas domiciliares. As professoras conheceram as condições das crianças. As mães trabalhavam a noite e dormiam durante o dia, muitas crianças não conheciam o mar. A partir deste trabalho as professoras mudaram o nível da disciplina. A dona Isaura tinha uma medida humana neste aspecto.

[...]D. Isaura já estava no SEROP e me incentivou muito. Recebia a programação e passava a D. Isaura que a incentivava muito. Passou a ir ao Visconde diante de escalas e a Diretora já era D. Zélia e nesse dia as aulas eram suspensas para orientação de saúde. As Reuniões eram periódicas e aconteciam uma vez por mês, dependendo do diretor (ficava a critério deles), não participava das reuniões administrativas. As professoras gostavam das reuniões com conteúdo, na área da saúde tinham muito interesse e trabalhavam muito e viam os resultados. Não encontrei resistência por parte dos professores para aplicar os trabalhos desenvolvidos. Uma vez a professora se recusou a fazer e disse que não ganhava

para isso, para medir acuidade visual. Na sala de professores descobriram os problemas visuais e os encaminhamentos dado e a professora resolveu fazer o teste na sala dela. Quem determinava as escolas que iam fazer era a chefia em São Paulo. Recebia o comunicado que iria trabalhar no Visconde, se apresentava a diretora. Mexia com a escola, fazia reunião com professoras, tinham que escolher a data, tinha que andar bem com os diretores, pois no dia não tinha aula. Dei cursos para serventes na área da saúde. Os serventes eram bem tratados, mas dar curso de saúde dava certa importância e valorizava o trabalho deles.

Outros setores do Programa de Saúde eram realizados:

Os dentistas faziam parte do mesmo quadro, os médicos e educadores sanitários, não tinham coordenação em Santos e sim São Paulo. D. Isaura a incluía em muitas programações que muitas vezes não vinham de São Paulo e sim do SEROP. Não havia fotografias, eram uma coisa muito rara e achava que o momento feliz que a gente vivia e não pensava no futuro. Tenho recordações muito boas do curso para educação de 4º série de Orientação Sexual. Década de 70, cursos para professores e diretores, convidamos médicos, psicólogos, Padre Waldemar, na própria delegacia. Após o curso foi dado para as mães e depois para as crianças. Alguns pais inicialmente não gostaram da ideia, após aceitaram e falado das revistas, televisão, que falavam abertamente sobre sexo ao final dava certo. Dava curso sobre anatomia de do aparelho genital feminino e masculino com cartazes. Isaura era solteira e criou uma sobrinha com quem morou no final da vida em Bauru, faleceu há uns 3 ou 4 anos. (Terezinha Gouvea Fabrizio, entrevista realizada em 23/12/2013).

O relato da Educadora de Saúde, atuante no GESC de forma mais intensiva entre 1965 e 1966, e depois de forma escalonada deixa entrever as formas de organização do estabelecimento, exemplos de práticas pedagógicas e de resistência. A educadora Sanitária relata a colaboração de Isaura de Barros Mainardi. Entre 1965 e 1966, D Isaura de Barros Mainardi era a diretora e posteriormente quando esta foi para o SEROP (Setor de Orientação Pedagógica) continuaram trabalhando juntas (D. Isaura já estava no SEROP e me incentivou muito. Recebia a programação e passava a D. Isaura que me incentivava muito.).

Em outro trecho declara: D. Isaura me incluía em muitas programações que muitas vezes não vinham de São Paulo e sim do SEROP. Também relata a forma de representação desta diretora por algumas pessoas que conviveram com ela: D. Isaura era muito disciplinada, sempre tinha alguém que a achava rígida.

Em relação a pratica docente, enquanto escola primária, as professoras eram consideradas muito exigentes com os alunos daí a necessidade de conhecer a sua moradia e famílias, proposta feita por D. Isaura que após esta visita modificavam o nível de exigência no trato com os alunos.

Também relata que os professores eram treinados para medir a acuidade visual das crianças, gostavam de reunião com conteúdo, faziam ações preventivas e que não havia resistência ao que era proposto, no entanto, apesar de gostar das orientações relata que uma das professoras se recusou a fazer o teste, sob o argumento que não ganhava para isso, porém

que após vir os testes sendo feito, na sala dos professores permitiu que sua classe também fizesse.

Outro detalhe importante é o cuidado que se deveria ter com a possibilidade de marcar a reunião uma vez que as reuniões com a educadora sanitária suspendia a aula durante aquele dia. Segundo Therezinha G. Fabrizio dava curso para os serventes, que eram bem tratados e que se sentiam valorizados, pois fazer o curso dava certa importância e valorizava o trabalho deles. Também relata que havia casos de indisciplina, mas que eram casos bem isolados. Os relatos coincidem com o registro em algumas atas pedagógicas e orientações recebidas pela instituição. Para Goldenberg (p.56, 2001):

O pesquisador deve estabelecer um difícil equilíbrio para não ir além do que pode perguntar, mas, também não pode ficar aquém do possível. Além disso, a memória é seletiva, a lembrança diz respeito ao passado, mas se atualiza sempre a partir de um ponto do presente. As lembranças não são falsas ou verdadeiras, simplesmente contam o passado através dos olhos de quem o vivenciou.

É sobre o prisma de Goldemberg de que as lembranças não são falsas ou verdadeiras, simplesmente contam o passado através dos olhos de quem o vivenciou que a próxima entrevista será analisada. Por isso, os relatos são importantes para balizar a realidade. Selecionamos a seguir, a visão de um aluno sobre práticas escolares.

O aluno Adilson Marauci recorda que dentro da escola havia organização e disciplina os alunos entravam e saíam somente após a formação de fila. Relata que os alunos que não queriam *nada com nada eram convidados a se retirar da escola para não atrapalhar quem quisesse aprender*. Para ele *todos os professores eram bons até os ruins eram bons*. Segundo ele *a época da ditadura era muito boa, pois havia respeito*.

Embora tenha estudado no Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo de 1971 a 1974 no primário, deu continuidade ao ginásio em 1975, pois neste ano foi inaugurada a primeira série do ginásio. Nota-se a diferença da nomenclatura da escola que deixou de ser denominado Grupo Escolar para se tornar Escola Estadual de 1º Grau Visconde de São Leopoldo, essa mudança está de acordo com a reforma do ensino de 1º e 2º graus proposta em 1971.

Nas memórias do aluno Adilson destaque para a excelência dos professores na seguinte fala:

Os pais sempre frequentaram a escola, davam sugestões, tinham boas relações na escola. O estudo era muito puxado, tinham que se preocupar com a qualidade do aluno. A carteirinha era sempre carimbada, para comprovar a frequência. Em toda época há bons e ruins profissionais. O ginásio durante a ditadura passou a chamar Ruy Ribeiro Couto e depois voltou a ser Visconde. Havia muitos eventos, a turma

era unida e havia muitas excursões. A aula de educação física era no mar, no campo de futebol onde havia o antigo BNH. O inglês era puxado usava o dicionário do MEC em todas as aulas, fazia-se tradução, a aula de educação física era produtiva. O uniforme escolar era calça comprida azul, sapato Vulcabras ou conga, e um avental de manga curta com o distintivo da escola no bolso. Guardei por causa da nostalgia. As quatro operações e ler aprendi no pré-primário, no primeiro ano já sabia ler e escrever. Na ditadura foi a melhor época de se estudar todos os professores eram bons até os ruins eram bons! Havia manifestações mais eram silenciosas não fazia alardes, tranquilo, a comunidade via a escola como muito boa!

2.5 A administração Zélia Ruiz

Zélia Ruiz administrou a escola Visconde de São Leopoldo entre 1972 e 1984, ano de sua aposentadoria. Mas sua relação com o Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo, data desde 1958, recém-formada. Estudou o ginásio no colégio José Bonifácio e frequentou a escola Normal do Colégio Estadual Canadá, em Santos. Fez curso de administração escolar por dois anos também no Colégio Canada com o professor Edésio Santoro, na direção e após fez pedagogia em Mogi das Cruzes. D. Zélia faz o seguinte relato:

Após a formatura em 1952, fiz estagio no Externato Santa Rita cuja administradora era minha madrinha D. Ziloca, profissional muito disciplinada e exigente, para se ter exemplo do grau de exigência nós encapávamos os cadernos das crianças e ela passava em vistoria antes de entregar aos alunos se houvesse uma ruga no papel teria que refazer o trabalho. Fui substituta no Barnabé, no curso noturno de alfabetização de adultos em 1952. Queria montar a sua classe de alfabetização e foi à delegacia de ensino conversar com o delegado Luís Damasco Pena, a diretoria era composta pelo Litoral Sul, Baixada e Vale do Ribeira. Para montar um curso noturno de alfabetização eram necessários 30 alunos. Minha mãe saiu em busca destes alunos e voltou com uma lista de 60 nomes. Fui falar com Damasco Pena e ele perguntou aonde eu queria abrir o curso respondi que seria no Visconde. Quando fui levar a lista o então diretor Espinhel não quis o curso. Fui à diretoria e contei que o diretor não queria que abrisse o curso, o professor Pena ligou para o diretor e autorizou o curso. (Zélia Ruiz, entrevista em 20/12/2013).

Embora tenha conseguido montar o curso noturno de alfabetização de adultos no Visconde, no ano de 1953 presta concurso público e ingressa na zona rural da cidade de Fernandópolis no interior de São Paulo, em uma fazenda chamada “Cidade do Arabá”. Neste sentido D. Zélia expõe toda a dificuldade do ingresso da jovem normalista neste relato:

Depois quando ingressei em 1953, efetivei na fazenda Cidade do Arabá. Longe... Saía daqui, pegava o trem às 5 da tarde na Estação da Luz e chegava lá às 9:00 horas da manhã, pegava uma jardineira e chegava na escola às 17:00 horas da tarde. Era época do Adhemar de Barros, fiquei quatro meses sem pagamento, minha mãe me ajudava, até sair à remoção. Saía um relatório no Diário Oficial. Quando saiu a lista,

minha colega estava muito na minha frente e a remoção era por idade. A inscrição estava errada, houve um erro na data de nascimento dela, após a retificação escolhi o Grupo Escolar Campo de Experiência em Registro, era uma escola pequena e dei aula para 4ª series desta escola, a turma era mista, andavam de 6 a 8 quilômetros para chegar ao grupo. (Zélia Ruiz, entrevista realizada em 20/12/2013)



Figura 22 D. Zélia Ruiz (sentada) como professora no Campo de Experiência em Registro/SP, 1959

Acervo particular de Zélia Ruiz

Após ficar alguns anos na cidade de Registro em uma nova remoção foi transferida para o Grupo Escolar Lacerda Franco, localizado no Alto da Serra Barão de Paranapiacaba. Após um tempo removeu novamente para uma escola agora em Vicente de Carvalho no Guarujá e finalmente, saiu do Guarujá e retornou ao Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo, como professora efetiva em 1968.



Figura 23. D. Zélia Ruiz, ao centro, em visita a Sociedade Humanitária, 1970.

Acervo próprio da escola.

Como professora no São Leopoldo trabalhou com a diretora D. Isaura de Barros Mainardi que logo se afastou para trabalhar no Serop e posteriormente com a diretora Eurides Pereira Braga Alvarez Perez. Porém em 1972 D. Eurides se aposentou e a função de diretora substituta ficou vaga. Isaura chamou Zélia à delegacia e a escolheu para ocupar a função no Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo. Sua assunção à frente do Grupo escolar causou certa resistência, pois havia pessoas mais antigas e aptas para ser diretora. Neste sentido D. Zélia justifica sua escolha no seguinte relato:

A admissão no Visconde Veio através de uma remoção de Vicente de Carvalho no Guarujá, eu estava grávida do 2º filho. Coincidiu com a administração de d. Isaura, fui professora de uma classe de 4º ano primário. Fiquei três anos mais ou menos como professora. Como era trabalhar com D. Isaura? Ela era exigente, correta, o estilo de minha madrinha D. Ziloca, do externato Santa Rita, exigente e disciplinada acho que por isso fui escolhida pela d. Isaura para sucedê-la na administração da escola. A escolha não foi muito aceita devido a ter chegado há pouco tempo. Quando d. Isaura foi para o Serop e deixou d. Eurides, que quis se aposentar na sala de aula. A direção ficou vaga, D. Isaura no Serop, D. Euridice na sala de aula, a escolhida seria alguém que tivesse o mesmo estilo. Fui chamada na delegacia por d. Isaura que perguntou se ela queria ficar na direção. Algumas pessoas mais antigas achavam que deveria ser uma professora mais antiga e que conhecesse melhor a

escola. D. Isaura enfatizou que sua vontade deveria ser respeitada e d. Zélia ficou na direção.

Zélia Ruiz fez parte da equipe gestora de 1972 até 1984; portanto sua administração perpassou por boa fase do governo ditatorial. Também em sua administração havia as classes emergenciais em outras unidades escolares em Santos como “Ordem e Progresso”, “Colégio São José” e “Casa da Criança“. As professoras destas classes emergenciais eram subordinadas à Escola Visconde de São Leopoldo. Embora o prédio escolar tivesse sido duplicado não atendia a demanda para o curso primário: funcionavam 20 classes em dois períodos, matutino e vespertino, e ainda necessitava de classes emergenciais. Em relação à documentação existente no arquivo escolar justifica as instalações da seguinte forma:

Naquela época (uma crítica) se envolvia tanto no trabalho no corpo a corpo que então não se preocupava. Chegamos a ter livros de atas escritos a pena largada em um quartinho dos fundos. Trabalhava o dia a dia. Foi feita cada festa no Visconde e não há nada documentado. (Zélia Ruiz, entrevista realizada em 20/12/2013)

Foram feitas muitas festas na Escola Visconde de São Leopoldo e compareciam além de pais e alunos, autoridades importantes como Aristóteles Ferreira, Prefeito Antônio Manoel de Carvalho, vereador e ex- aluno Heraldo Aurélio Francesi, Padre Antônio Olivieri, pároco da Paróquia São José do Macuco. As festas movimentavam o bairro Macuco. Pais e alunos compareciam em grande quantidade e contribuíam com doações. As festas juninas eram um acontecimento no bairro e as sobras da festa eram encaminhadas para as creches e entidades beneficentes.

Esses eventos marcaram as lembranças do aluno Adilson Maraucci, sobre a participação da comunidade intra e extraescolar nas festas do Visconde.

Os pais costumavam muito frequentar a escola, as professoras, diretoras sempre vinham aqui na minha casa, conversando com minha mãe, tinham amizade, sempre quando tinham festas nas escolas, a gente vinha pegar, a gente levava panela, formas, meu pai também entendia de eletricidade ajudava no som das festas, no aparelho de som da escola, na vitrola que tinha, caixa acústica, essas coisas. E eu sempre participei de todas as festas. (entrevista em 20/01/2014).

Durante a administração de d. Zélia Ruiz algumas comemorações se tornaram oficiais tais como o data 9 de maio, dia do Patrono da Escola. Comemorava a data de nascimento de José Feliciano Fernandes Pinheiro, o Visconde de São Leopoldo. As festas juninas, contavam com grande apoio do prefeito Antônio Manoel de Carvalho que sempre atendia suas solicitações no sentido de mandar pessoas para montar e desmontar as barracas e a fazer a iluminação do pátio.

Na festa de 9 de maio era realizado o concurso de quem fazia o brasão mais bonito da escola em forma dos tapetes como os realizados no dia de Corpus Christi, quem julgavam eram os professores.

Nesse sentido as memórias de D. Zélia convergem para a do ex- aluno Adilson Maraucci no tocante à participação dos pais nos eventos escolares. Segundo D. Zélia: A equipe melhor era a dos pais que davam total liberdade e a apoia muito. As festividades contavam com o apoio das mães. Havia também a festa do folclore, a festa do dia das mães, dia dos pais, dia da árvore, dia do professor.



Figura 24 Comemoração do dia da Arvore, 1970, Visconde de São Leopoldo.

Acervo da escola

Em sua administração foi criada uma Escola de Pais. Funcionava uma vez por semana e o dia escolhido era terça feira. Contava com o apoio do casal João Carlos e Maria Regina Grecco. Enquanto os pais participavam do curso, os filhos brincavam no pátio. Tratavam de assuntos como relacionamento de pais e filhos, acompanhamento da lição de casa, religião e aconselhamentos. Os pais contribuíam com arrecadação para a Associação de Pais e Mestres e

o dinheiro arrecadado servia para enriquecer a merenda e pagar um funcionário que consertava cadeiras quebradas.

Embora funcionasse o II Colégio de Santos dentro do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo uma organização não interferia na outra. Segundo a D. Zélia:

O Grupo escolar nada tinha a ver com o ginásio. Tudo era bem dividido. Com a reforma não houve interrupção de atividade nem mudaram para outro lugar. Após ficar pronto chegou o ginásio. Eu saía às 17:00 horas e entrava D. Sônia. Os alunos do primário faziam trabalho e os alunos do ginásio às vezes rabiscavam e as professoras comentavam, deixavam bilhetes. Os alunos do primário esqueciam os materiais e os alunos do ginásio não devolviam. Não era o ideal uma vez que eram duas escolas funcionando. As secretarias eram separadas, havia duas secretárias d. Maria conceição pelo Ginásio e d. Cleomar pelo Visconde. (Zélia Ruiz, entrevista 20/12/2013).

Entre 1972 e 1976 o país seguia a diretriz do regime militar. Estava no governo o general Garrastazu Médici (1969/1974) e posteriormente Ernesto Geisel (1974/1979). Embora sua administração tenha sido dentro de um contexto político militar, Zélia Ruiz dá o seguinte relato:

Disciplina era na base do respeito. Os alunos eram valorizados. Certa vez chegou na escola e havia polícia dizendo que ia entrar na escola para ir atrás do aluno que supostamente havia roubado na rua e estava com a camiseta da escola. Eu não deixei entrar, pois teria que chamar os pais primeiro, o aluno era menor. Outra passagem foi de uma professora que chamou a polícia por causa de uma régua. A escola era subordinada a Delegacia de Ensino. Sempre respeitei hierarquia (após passar pelo Externato Santa Rita). Havia reuniões na delegacia e recebia orientações da delegacia, se houvesse greves e não aula era para carminar o ponto... Certa vez o professor Sodré estava falando de greve, eu o chamei no canto e disse que dentro da sala de aula não poderia e colocaria falta se continuasse. Eu era subordinada a diretoria de ensino. Tive mais facilidade durante o período militar do que em outro momento. No governo de Maluf, a escola foi assaltada levaram mimeógrafos, aparelho de som, projetor de slides, sujaram de tinta a escola toda. Fiz um ofício, o supervisor veio e deixou em ata e um mês depois recebi todo o equipamento. O governo dava a tinta para pintar a escola, eu conseguia a mão de obra na Capitania dos Portos. Em 7 de setembro, 15 de novembro era obrigatório o comparecimento e se não viessem tinha que carminar o ponto. Cantavam hinos nacionais, declamavam e dava tudo certo. Não senti a presença da ditadura porque vinha de uma formação disciplinar desde a minha infância. Havia duas linhas: o Centro do Professorado Paulista linha antiga, mais conservadora e a APEOESP. De repente juntam-se as duas turmas... Choque... (Zélia Ruiz, entrevista em 20/12/2013).

Zélia Ruiz comenta, pois, que apesar de estar dentro de um regime político militar não sentiu o peso desta política visto que sua formação era voltada para a disciplina e obediência à hierarquia. Iniciou sua carreira de professora sendo estagiária no Externato Santa Rita onde a disciplina era rigorosa e a observação às regras também. Em várias passagens de seu relato afirma que era subordinada a delegacia de ensino que orientava a atuação dos diretores de

escola, conforme orientação e legislação pertinente ao momento. O Centro do Professorado Paulista segundo d. Zélia era uma linha mais antiga, portanto mais conservadora e orientava as ações das professoras primárias em relação a sua representatividade, a frente de uma escola primária não havia tanta resistência. Resistência maior enfrentou quando houve a fusão das escolas em 1976.



Figura 25 D. Zélia Ruiz como professora no Externato Santa Rita Santos/SP, 1952.

Acervo particular de Zélia Ruiz.

CAPITULO 3 - De II Colégio Estadual de Santos a Colégio Estadual Ruy Ribeiro Couto.

3.1 Começa sede da extensão do Ginásio Estadual “Dos Andradas”.

Embora o II colégio Estadual de Santos tenha suas raízes na extensão do Ginásio Estadual “Dos Andradas” em 1967, é a partir da década de 1970 que esta unidade escolar vai ganhar autonomia de sua extensão.

Apesar de seu início contar apenas com duas classes, funcionando dentro do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo estas têm administração própria, independente do grupo escolar. De 1967 a 1969 a escola foi administrada por d. Célia de Paula Zaragoza e funcionou no período noturno.

Com o advento da Lei de Diretrizes 4024/61 o ensino Médio foi dividido em dois ciclos: o ensino ginasial com duração de 4 anos e o ensino colegial com duração de 3 anos. Para ingressar no Ensino Médio era necessário fazer uma prova de admissão. A lei 4024/61, que fixou as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, orientava os Estados a organizarem seus sistemas de ensino de acordo com os seus preceitos, mantendo uma prática que advinha do período imperial, os exames de admissão. Em seu artigo 36, dizia:

O ingresso na primeira série do 1º ciclo dos cursos de ensino médio depende de aprovação em exame de admissão, em que fique demonstrada satisfatória educação primária, desde que o educando tenha onze anos completos ou venha a alcançar essa idade no correr do ano letivo (BRASIL, Lei nº 4.024/1961).4024/61.

Portanto para dar prosseguimento aos níveis de ensino subsequentes eram necessário realizar e se classificar no exame de admissão.

No exame de admissão realizado pela extensão do Ginásio “Dos Andradas” de 16/08/1967 que já funcionava junto ao grupo escolar Visconde de São Leopoldo, participavam 166 candidatos, sendo 68 do sexo feminino e 98 do sexo masculino, predominantemente do bairro Macuco, mas com participação de outras cidades, bairros próximos e distantes do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo.

Tabela 5 Relação de bairros/candidatos ao exame de admissão em 1967

Bairro/cidade de SANTOS	Nº de candidatos
Bertioga	03
Boqueirão	02
Embaré	01
Gonzaga	01
Jabaquara	01
Macuco	135
Mercado	09
Paquetá	02
Vila Matias	11
Vila Nova	01

Fonte: Livro de Inscrição para o Ginásio, (1967, p.01/07).

Autora: Hebe Primo O. S. Kuwahara

Em 1968 (decreto 50.337/68) a extensão “Dos Andradas” fora extinta e passou a denominar-se Ginásio Estadual de Santos. As classes ginasiais continuam reduzidas e seu funcionamento permanece em um único turno, pois durante a manhã e à tarde funciona o grupo Escolar Visconde de São Leopoldo aplicando o ensino primário.

É necessário observar que ainda não haviam sido concluídas as obras de ampliação do prédio escolar.

Em 1970 (Decreto 52.400 de 26/02/1970) o então Ginásio Estadual de Santos, passou a denominar-se II Colégio Estadual de Santos, com instalação do curso Colegial. Seguindo a legislação em vigor passou a receber neste ano matrículas apenas para o 1º ano do curso colegial mediante o exame de admissão. Em 1970 o pavimento superior já havia ficado pronto e segundo depoimento de D. Sônia Paolloszi, diretora deste estabelecimento “não foi

necessário o exame, pois com a abertura do Colégio matriculamos todos aqueles que se inscreveram para o curso”.

Em 1971, o II Colégio Estadual de Santos, passou a denominar-se de Colégio Estadual “Dr. Ruy Ribeiro Couto” e atendia ao ensino ginásial e colegial ocupando, os dois pavimentos, com o horário a partir das 17:30 h. O Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo funcionaria das 07h00min horas da manhã até as 17h00min horas da tarde.

No arquivo da escola Visconde de São Leopoldo existe uma boa documentação sobre a Escola Ruy Ribeiro Couto embora esta escola tenha tido sede própria alguns anos depois. O arquivo contém alguns volumes de livros de matrículas, de livros de ata pedagógica, volume de livro de ocorrência, volume do livro da fundação do senado estudantil, volume de ata do centro cívico e alguns volumes de requerimentos e protocolos. Estão bem preservados embora não tenham uma sequencia ordem cronológica completa. A análise destes documentos institucionais, o depoimento de Sônia Paolozzi, diretora a frente do II Colégio Estadual de Santos, e de Maria Conceição Veloso, secretária do II Colégio, possibilitaram a compreensão do funcionamento de escolas distintas no mesmo prédio.

No ano de 1985, quando a escola Visconde de São Leopoldo completou 70 anos elaborou-se uma retrospectiva histórica sobre esta unidade escolar, (alguns dados já foram colocados nessa dissertação). Os dados a seguir são extraídos do Livro Retrospectiva Histórica, (1985):

O Grupo Escolar da Vila Macuco foi instalado em 18/02/1915, a Rua João Guerra, 251. Criado no Governo do Conselheiro Rodrigues Alves, que tinha como secretário do interior Dr. Altino Arantes.

O diretor deste estabelecimento de ensino foi nomeado o professor José Olivar da Silva.

Por decreto o Ilmo. Sr. Governador do Estado, datado de 22 de agosto de 1922, como preito de merecida homenagem a José Feliciano Fernandes Pinheiro, “Visconde de São Leopoldo”, nascido em 09/05/1774, em Santos, passou o Grupo Escolar de “Vila Macuco” a denominar-se Grupo escolar “Visconde de São Leopoldo”.

Em 1967, passou a funcionar no mesmo prédio o curso ginásial, como extensão do Ginásio Estadual “Dos Andradas”.

Em 1968, pelo Decreto nº 50.537 de 12/10/1968, passou a denominar-se Ginásio Estadual de Santos.

Em 1970, pelo Decreto 52.400 de 26/02/1970, D.O. de 27/02/1970, passou a denominar-se II Colégio Estadual de Santos, com instalação do curso Colegial, que funcionou até 1977.

Em 1971, conforme Lei de 05/10/71, D.O. de 06/10/1971, o II Colégio Estadual de Santos, passou a denominar-se de Colégio Estadual “Dr. Ruy Ribeiro Couto”.

Em 1976, Conforme Resolução S.E. nº 18, D.O. de 23/01/1976, retificado no S.O. de 10/02/1976, o Gesc. “Visconde de São Leopoldo”, fundiu-se com o Ginásio Estadual Dr. Ruy Ribeiro Couto”, passando-se a denominar-se Escola Estadual de 1º grau “Visconde de São Leopoldo”.

3.2 Uma escola dentro de outra escola: solução ou confusão?

Embora os relatos das diretoras Zélia Ruiz pelo Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo e D. Sônia Paolozzi pelo Colégio Ruy Ribeiro Couto convirjam para um clima organizacional tranquilo e sem maiores problemas, encontram-se diversos indícios de que uma escola interferia na outra no sentido de constar várias queixas registradas em atas pedagógicas, requerimentos e protocolos em relação à presença da escola ginasial. As principais queixas se relacionavam às atividades pedagógicas em exposição feitas pelos alunos do Grupo Escolar e que supostamente seriam destruídas ou rabiscadas pelos alunos do ginásio.

Em 1969, por exemplo, consta uma destruição de algumas peças do patrimônio da escola promovida pelos alunos do Ginásio (Livro de Protocolo de Ofício, 1969, p.4/5):

Of.16/69

Ilmo. Sr. Delegado de ensino Elementar de Santos.

Em virtude, dos estragos cada vez maiores que os alunos que frequentam o Ginásio Estadual de Santos, funcionando no período no prédio do GESG “Visconde de São Leopoldo”, comunico-lhe que foram os seguintes:

Cadeiras quebradas-10..... NCR\$ 210,00

Sofá grande de Madeira-1..... NCR\$ 100,00

Vidros das portas- 15..... NCR\$ 12,00

Lavatório completo - 1..... NCR\$ 65,00

Filtros - 2..... NCR\$ 20,00

Cadernos roubados de um armário-25. NCR\$ 20,00

Cadeados roubados – 5.....NCR\$ 27,00

Relógio de parede (êste não posso avaliar, pois, é um relógio antigo)

Total NCR\$ 454,50

Isto, sem contar com flanelógrafos, cartazes e trabalhos de alunos, danificados ou desaparecidos.

O aumento da escolarização e a demanda para o prosseguimento dos estudos (previstos já na constituição de 1967), não acompanharam a realidade educacional do período. Segundo este artigo:

Art 168 - A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola; assegurada a igualdade de oportunidade, deve inspirar-se no princípio da unidade nacional e nos ideais de liberdade e de solidariedade humana.

§ 1º - O ensino será ministrado nos diferentes graus pelos Poderes Públicos.

§ 2º - Respeitadas as disposições legais, o ensino é livre à Iniciativa particular, a qual merecerá o amparo técnico e financeiro dos Poderes Públicos, inclusive bolsas de estudo.

§ 3º - A legislação do ensino adotará os seguintes princípios e normas:

[...]

II - o ensino dos sete aos quatorze anos é obrigatório para todos e gratuito nos estabelecimentos primários oficiais;

Embora tenha instituído a obrigatoriedade do ensino dos sete aos quatorze anos de idade o governo não aumentou as verbas no sentido de edificação de prédios escolares e assim passou a utilizar dos grupos escolares inicialmente como forma de extensão ou fundando outra escola dentro do prédio dos grupos escolares. O governo paulista, seguindo a tendência, reestruturou sua rede de ensino seguindo a legislação federal. Daí a evolução da escolarização dentro do GESC “Visconde de São Leopoldo”. Embora sendo perfis diferentes, funcionando independente uma da outra, com quadro administrativo diferente e quadro docente diferenciado, os problemas existiram.

Em 17 de junho de 1970 foi encaminhado o ofício 31/70 com o seguinte teor registrado no livro de Protocolo de Ofício (1970, p.21):

Comunico a Vossa Senhoria que na manhã de ontem, constatei a falta de sete bandeiras das salas de aula e hoje, as onze restantes, perfazendo um total de dezoito bandeiras. Essas bandeiras, com pedestal, foram doadas ao Grupo Escolar pelo Rotary Clube de Santos na Campanha “Uma bandeira para cada sala de aula.”.

Venho solicitar de Vossa Senhoria, quais as providencias que devo tomar.

O os alunos do ginásio do II Colégio Estadual de Santos continuavam interferindo no desenvolvimento pedagógico do GESC “Visconde de São Leopoldo” no sentido de ocuparem as mesmas salas de aula e ter programações diversas dos alunos do primário. O GESC, por exemplo, recebeu orientações para trabalhar o dia da Bandeira e os Símbolos Nacionais e colocava isto em pratica com seus alunos, na própria comemoração. As bandeiras em sala de aula faziam parte de um projeto da Associação do Rotary Clube de Santos. O desaparecimento das bandeiras causou transtornos e no dia seguinte ao desaparecimento das bandeiras foi mandado um novo ofício à Delegacia do Ensino Básico de Santos:

Cumpre-me informar a Vossa Senhoria que das bandeiras desaparecidas conforme ofício 30/70, de 16 do corrente, faltam apenas 6; essas bandeiras serão repostas pelos alunos do ginásio, que funciona no mesmo prédio do Grupo Escolar. Assim sendo este assunto já está resolvido. (Livro Protoco de Ofício, 1970, p.21/23).

Segundo o Ofício encaminhado pela D. Eurides, diretora do GESC Visconde de São Leopoldo, do total das bandeiras desaparecidas faltavam apenas 6 das quais seriam repostas pelos alunos do ginásio do II Colégio Estadual de Santos.

Os símbolos nacionais eram teor de grandes comemorações cívicas. Dado o momento político estas comemorações tinham uma repercussão maior, daí a ênfase do GESC em disseminar entre seus alunos primários a formação do futuro cidadão brasileiro. É possível verificar nas palavras de Eurides Braga:

Ilmo.Sr. Diretor

Nesta hora, em que nosso país chama seus professores para a grande tarefa de formar uma consciência moral e cívica, em seus alunos, eu como diretora substituta, venho solicitar de Vossa Senhoria, uma contribuição valorosa: a presença do Sr. Professor Ochelsio T. Laureano, para dia 1º às 8 horas, proferir a palestra: Símbolos Nacionais, ao corpo docente do Grupo Escolar “Visconde de São Leopoldo” (Ofício 48/70. Livro Protocolo de Ofício, 1970,p.28).

Com a proximidade da Semana da Pátria, no dia 25 de agosto de 1970, Eurides Braga solicita a presença do professor Ochelsio T. Laureano para proferir uma palestra sobre símbolos pátrios. Este pedido via ofício foi encaminhado ao Sr. José Mariano Camargo, Diretor do ginásio Estadual dos Andradas e não para o II Colégio Estadual de Santos que funcionava no mesmo prédio.

Em outra passagem o II Colégio Estadual de Santos lotado no prédio do GESC solicita a instalação de uma cantina o que foi negado.

Ilmo Sr. Delegado de Ensino Básico de Santos.

A pretensa instalação de uma cantina, Proc. 627/70, nas dependências deste GESC. Pleiteada pelo 2º Colégio Estadual em funcionamento neste estabelecimento escolar, não é possível, por princípio primordial de falta absoluta de espaço. Haja vista a aglomeração onde se abrigam cerca de 700 alunos sem cada período. Exígua a área coberta, perto de 315m², tanto que até mesmo quando da recente reforma do prédio, houve pedido Of. 27/69 ao Diretor de Obras Públicas para ampliar a área do galpão, solicitação esta ainda não atendida. De outro lado, não há, utilidade ponderável, obviamente em razão da merenda escolar fornecida às nossas crianças. É o que tenho a informar, e aproveito o ensejo para apresentar os protestos da mais alta consideração. (Ofício 45/70. Livro Protocolo de Ofício, 1970, p.27/28).

A cantina não foi instalada e causou transtornos aos alunos do II colégio Estadual de Santos visto que muitos vinham para a escola logo após a saída do trabalho.

Os problemas entre o Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo e o II colégio Estadual de Santos continuaram. Segundo ofício 41/71, foram solicitados reparos nas instalações elétricas e dos sanitários. Mais uma vez os envolvidos nestes atos de vandalismo, segundo a administração do GESC, seriam os alunos do II Colégio.

Venho solicitar de Vossa Senhoria reparos urgentes na instalação elétrica do sanitário masculino: vândalos que os há em grande número atualmente, dentro os alunos que aqui frequentam o 2º C.E.S., destruíram parte das instalações elétricas, pondo em perigo, nossas crianças. Os sanitários estão fechados causando transtorno para a administração. (Livro Protocolo de Ofício, 1971, p.45).

Outro relato de vandalismo encaminhado para a diretora Sônia Elizabeth de Faccio Paolozzi comunicava o roubo de cortinas em diversas salas de aulas e o corte de outras, um ato de puro vandalismo. (Livro Protoco de Ofício, 1971, p.49/50).

Sra. Diretora

Não contentes com a destruição de material escolar, e das dependências do Grupo escolar “Visconde de São Leopoldo” os alunos que frequentam o Colégio Estadual “Dr Ruy Ribeiro Couto” iniciaram há três dias o roubo das cortinas. Das seguintes salas:

Sala nº 10- 3 cortinas

Sala nº 09-1 cortinas

Sala nº 05-1 cortinas

Sala nº 03-4 cortinas

Sala nº 02-3 cortinas

Sala nº 01-3 cortinas

Sala nº 13-2 cortinas

Sala nº 14-2 cortina

Sala nº 12- 2 cortinas

Sala nº 20-1 cortina

Total 22 cortinas

Além do desaparecimento dessas cortinas, há 5, nas salas de aulas que foram cortadas pela metade.

Solicito de vossa senhoria providências quanto ao ocorrido.

A solução aparente de aumentar o número de vagas na escola com o aumento da escolarização não levou em conta as especificidades dos níveis de ensino aplicados nos grupos escolares e nos ginásios posteriormente colégios públicos. Uma escola primária tinha as suas especificidades que contemplavam o material pedagógico e suas atividades voltadas para aquele nível. A escola ginásial tinha outras especificidades completamente diferentes do primário. A estrutura física que abrigou duas escolas de níveis de ensino diferentes causou transtornos a outra à medida que os alunos maiores acabavam se relacionando de outra forma com a unidade escolar e quando prejudicavam uma classe seja roubando a bandeira, quebrando instalação elétrica, vidros sujando as carteiras, roubando ou cortando cortinas,

atrapalhavam de sobremaneira os alunos do primário. O inverso também acontecia quando a diretora do estabelecimento do primário pediu a diretora do ginásio para que não houvesse mais trabalho em grupo para não desarrumar a posição das carteiras do primário.

Esses eventos e atos de vandalismo exigem um estudo mais profundo de suas causas.

3.3 Administração Sônia Paolozzi 1969/1976

Sônia Elizabeth de Faccio Paolozzi estudou em escola pública, fez o Ginásio e o Curso Normal na Escola Canadá, em Santos, em um período em que não havia muitas escolas públicas nesta cidade. Após a passagem pela Escola Canadá foi para a cidade de São Paulo estudar Pedagogia na Universidade de São Paulo, terminou em 1962. Entre 1968 e 1969 fez pós graduação em Educação também na Universidade de São Paulo. Na década de 1980, matriculou-se na Universidade Católica de Santos para cursar Direito.

Atuou como professora não efetiva no colégio Canadá de 1963 a 1968, quando realizou concurso público e ingressou em São José do Rio Preto. A família estabelecida em Santos dificultou a permanência na cidade que havia escolhido para trabalhar e a solução encontrada seria assumir a direção de uma escola. Estabeleceu contato com o delegado de ensino Professor Olinto (...) e solicitou uma escola na cidade de Santos que precisasse de um diretor de escola para assumir como cargo comissionado.

Segundo seu relato:

Eu estudei sempre em escola pública, graças a Deus! Eu sou resultado da escola pública. É claro em uma época em uma escola que havia limitações, porque Santos só havia o colégio Canadá, depois é que abriu o Luiza Macuco. Em São Vicente só havia o Martim Afonso, então pra gente conseguir estudar na escola pública tinha que passar por um exame de seleção. Então estudei no Canadá, fiz o Ginásio, fiz escola Normal no Canadá, fui para São Paulo estudar na USP, fiz pedagogia, terminei em 1962, coleí grau em 1963 e em 68/69 fiz pós graduação em educação na USP. Depois com aquela confusão de ditadura e aquela complicação de você nunca saber o que é e o que não é, já de saco cheio fui estudar direito...Ai fui estudar direito na Unisantos, fiz direito e me formei em 1982 [...] dez anos que ficou sem concurso o concurso foi feito em 68 desde 58 não tinha concurso. Em 1968 veio o concurso, sabia que tinha sido aprovada, mas atribuição de aulas ia ser no ano seguinte. [...] Como tinha pouca escola aqui, só chegava em fim de carreira. Professor novo tinha que ingressar no interior do Estado, longe, e lá fui eu na minha escolha, fui parar em São José do Rio Preto [...] Sabia que ia acontecer isso e pedi pro delegado de ensino arrumar uma escola para eu ser diretora, porque sendo convocada para diretora eu não precisava ficar lá no interior eu ficava aqui comissionada.

(Sônia Paolozzi, entrevista em 22/12/2013)

Sônia Elizabeth de Faccio Paolozzi assumiu a administração do Ginásio Estadual de Santos em 1969 permanecendo até o ano de 1976, momento em que houve a fusão da escola. Passou pelas etapas do Ginásio, II colégio Estadual de Santos e Ruy Ribeiro Couto.

O nome Ruy Ribeiro Couto foi atribuído ao II Colégio Estadual de Santos após uma eleição em que houve grande campanha para a escolha do patrono desta escola e em um momento político, a ditadura militar, que não havia eleições no país. Sônia em depoimento relata da seguinte maneira a sua chegada ao GESC Visconde de São Leopoldo para comandar o Ginásio de Santos:

O Ruy Ribeiro Couto, foi uma duplicação do Visconde de São Leopoldo, aquele prédio antigo...Visconde de São Leopoldo...uma estrutura arquitetônica espetacular que comportou um segundo andar absolutamente idêntico ao primeiro, construído entre 1967 à 1970, mais ou menos. Eu cheguei lá em 1969, quando entregaram a reforma. Eles falam em reforma mas não, foi uma duplicação extraordinária e ... tinha um nome...eram duas escolas. Uma escola funcionava no período da manhã e no intermediário e a nossa funcionava no 2º da tarde e a noite. A aula começava às 16:30, nós tínhamos quatro períodos de aula: dois com o primário e dois com o ginásio. (Sônia Paolozzi, entrevista em 22/12/2013).

Embora a diretora do colégio ressaltasse a obra como espetacular, deixa claro que para ela houve duplicação do prédio seguindo o padrão da construção do Grupo Escolar. Também esclarece que o Estabelecimento Escolar funcionava em quatro turnos divididos entre primário e ginásio. Após a criação do II Colégio Estadual de Santos, passa a ser a diretora designada deste colégio. Neste sentido relata as suas dificuldades para fazer esta escola funcionar no seguinte depoimento em 22/12/2013:

Resolveram que o ginásio ali não tinha colegial e devia se abrir um colegial. Eu fui para lá no dia 9 de março, e o colegial foi instalado em abril, ele foi criado e passou a funcionar com um retardamento... um atraso em relação as outras escolas. Por essa razão o colegial, o 1º ano não teve exame de seleção. Nós ficamos catando alunos para formar a primeira turma do II Colégio Estadual de Santos, formamos a 2ª turma que só funcionava a noite porque como era ginásio, nos tínhamos no período intermediário, as classes a noite ficavam ociosas e era um pecado as classes ficarem ociosas a noite, então conseguimos colocar o colegial lá.

A procura das novas estruturas de ensino desenvolveu-se paulatinamente.

O II Colégio Estadual de Santos começou a inscrever os alunos para o exame de seleção em 02 de março de 1970, encerrou as suas inscrições em 6 de março de 1970 com 229 candidatos. Neste primeiro momento de funcionamento não houve processo seletivo e todos

os que se inscreveram foram matriculados. No ano de 1970 foram abertas diversas inscrições para o exame de seleção para o 1º ano do curso Colegial, iniciando com 554 inscritos no mês de junho com reabertura das inscrições para o exame de admissão em setembro do mesmo ano encerrando-se em 16 de setembro com um total de 591 candidatos. Em dezembro de 1970 reabre as inscrições para os exames de admissão para o curso colegial desta vez com 85 inscritos. Em 1971, no mês de janeiro abre as inscrições para o exame de admissão para o curso ginásial desta vez com apenas 36 inscritos. Em 30 de dezembro de 1971 houve 142 candidatos para concorrer as vagas no curso colegial do II Colégio Estadual de Santos. Nos anos de 1972 e 1973 ainda constavam inscrições para o exame de seleção no Colégio Estadual Ruy Ribeiro Couto que funcionava dentro do GESC Visconde de São Leopoldo.

Em agosto de 1971 reabre as inscrições para o exame de admissão para o curso ginásial e entre 23 de agosto à 10 de setembro houve 605 inscrições. Estas inscrições estão bem detalhadas, em livros de registro da escola (o número da inscrição, nome do candidato, sexo, idade, data de nascimento, assinatura, bairro, procedência e ano de conclusão). Este exame traz candidatos de diversas áreas da cidade de Santos e outros municípios como Guarujá e Cubatão. O número de candidatos masculinos inscritos ao processo de admissão é superior ao feminino perfazendo um total de 326 candidatos enquanto as inscrições femininas alcançaram o número de 279 candidatas. As idades dos participantes deste exame em questão variam entre 9 anos o candidato mais novo e 49 anos de idade o candidato mais velho.

A tabela produzida para visualizar a origem dos candidatos e quantidade de participantes por cada bairro é importante para entender que o II Colégio Estadual de Santos posteriormente Colégio Estadual Ruy Ribeiro Couto atendia a população de seu entorno e a população de bairros mais distantes que vinham em busca de uma vaga neste estabelecimento de ensino.

Tabela 6 Relação de bairros/ candidatos ao exame de admissão em 1971.

Bairros /cidade	Número de candidatos
Boqueirão	34
Bom Retiro	01
Campo Grande	02
Caneleira	01
Casqueiro	02
Centro	04
Encruzilhada	22
Embaré	14
Estuário	01
Gonzaga	08
Jabaquara	01
Jardim Piratininga	01
Macuco	390
Marapé	03
Mercado	33
Morro da Penha	01
Paquetá	10
Ponta da Praia	08
Vicente de Carvalho	01
Vila Belmiro	01
Vila Matias	58
Vila Nova	08
Vila Santista	01
Vila São Jorge	01
Total	605

Fonte: Livro de Inscrição para o Colégio, (1971, p.20/40).

Autora: Hebe P.O.S. Kuwahara.

A escola atendia cerca de 450 alunos do bairro e adjacências, regiões pobres. Entretanto 53 alunos vinham das regiões das Praias (Boqueirão, Embaré e Gonzaga).

Montar o Ginásio Estadual requereu muito trabalho esforço e dedicação:

Um prédio com 20 salas, 10 em cima e 10 em baixo, das 7 às 16 horas escola primária, das quatro e meia da tarde as onze e meia da noite era o ginásio depois o Colégio Estadual. As diretoras eram completamente diferentes e as escolas também. A diretora efetiva do curso primário estava em vias de aposentadoria quando eu cheguei e ela havia sido companheira de escola com minha prima em São José do

Rio Preto, quando ela viu meu nome perguntou se eu era parente se colocou a minha disposição, apresentou todo o pessoal e deu ordens expressas de que do que eu precisasse. Então eu cheguei muito bem recebida naquela escola eu não posso me queixar, a escola estava sem mobiliário, tinha acabado de ser entregue a reforma, eu tive que providenciar o transporte, porque eu recebi umas faturas que tinha que buscar em São Paulo, mas a ordem era buscar o material. Trouxe todo o material para as 10 salas superiores porque debaixo já estava mobiliada. Os alunos, professores, funcionários ajudaram a descarregar o caminhão Sobe e desce, era o andar superior oito horas da noite o caminhão foi embora vazio. Fui para lá dia 09 de março e fiz as matrículas porque estava cheio de matrículas, os alunos tinham feito a matrícula, mas não havia o deferimento, não tinha diretor, então eu fiz o requerimento, nós organizamos as classes. Peguei o currículo e fiz as atribuições de aulas, dia 14 de março a escola estava mobiliada, o horário estava pronto e os professores estavam todos com aulas já atribuídas... Não fiz nada sozinha os professores estavam lá sem saber o que fazer, não sabia se pegava aula ou não pegava, falei a primeira coisa é pegar o aluno, vamos montar as classes Eu não conhecia ninguém e não conhecia a escola, nós criamos a escola, nós montamos o currículo, nós atribuímos as aulas e começamos a trabalhar. Montamos a escola em 5 dias, mas trabalhamos, tinha professores que trabalhavam comigo, alguns já falecidos, que trabalharam comigo até uma, duas horas da manhã, para não interromper. Aquela separação de alunos, idades, a classe... Não conhecia ninguém eles não me conheciam, com exceção de uma professora que foi minha colega no ginásio, essa me ajudou muito, ela talvez tenha falado muito bem de mim e tal história quando você tem alguém de referência tenha ajudado os outros a me aceitarem tão bem, como me aceitaram, ela era líder, ela era muito bem aceita pelo corpo docente, pelos colegas e ela estava do meu lado. (Sonia Paolozzi, entrevista em 22/12/2013).

O II Colégio Estadual de Santos, portanto foi montado em cinco dias com a ajuda de funcionários, professores e alunos. O andar superior do prédio do GESC Visconde de São Leopoldo não havia sido mobiliado porque a fatura deste mobiliário estava em nome de D. Sônia e cabia a ela encontrar o meio necessário para buscar e descarregar o material adquirido para as salas de aula do II Colégio. Embora com o tempo exíguo conseguiu montar o colégio em curto período de tempo pois contou com a ajuda necessária. Não encontrou resistência no professorado que muito a ajudou.

A clientela do colégio Ruy Ribeiro Couto, segundo dona Sônia era de 60% de alunos de pai desconhecido na certidão de nascimento. Gente humilde, pobre. A escola era localizada a duas quadras da zona do meretrício, Rua Xavier Pinheiro, conhecida na cidade de Santos na década de 70, por essa alcunha e a três quadras do cais. Nem sempre os professores sabiam entender essa situação, Sônia relembra um caso de uma professora que deu uma atividade para um aluno e ele fez um desenho que segundo a opinião da professora era muito ruim, esta arrancou a folha do caderno do aluno e o colocou para a fora da sala de aula. O aluno foi levado até diretora Sônia e a professora foi chamada a atenção.

Em comum acordo com a diretora Zélia Ruiz, Sônia fez uma campanha para montar um laboratório para atender os alunos do colegial, pois apesar da duplicação do prédio não havia previsão para laboratório.

D. Sônia permaneceu como diretora do Ruy Ribeiro Couto até 1975 quando assumiu um diretor efetivo, João Batista Grosso, que após a reorganização que absorveria os alunos do Ruy Ribeiro Couto seria o diretor da Escola Estadual de 1º Grau Visconde de São Leopoldo.

3.4 As Reformas educacionais de 1971 e as repercussões nas escolas do Visconde de São Leopoldo.

Em nível nacional

Após um longo período de debates é aprovada a Lei 5692/71 que tratava especificamente da reforma do ensino do Primeiro e Segundo Graus. Recebida pelo Estabelecimento Escolar como mais uma legislação a ser cumprida. O país atravessa um período de prosperidade e a Reforma Educacional é bem recebida pela sociedade e pelos educadores. Neste sentido Germano (2011, p.160):

Nessa perspectiva, a Lei 5692/71 foi recebida entusiasticamente pelos educadores. A proposito, afirma o professor Francisco das Chagas Pereira: “estávamos, na época, todos possuídos de messianismo, esta é que é a realidade. Vivíamos também no plano econômico, uma época de euforia nacional, aquela época já hoje tão estigmatizada como período do ‘Milagre’”.

Ao mesmo tempo em que o país prosperava economicamente o sistema político se tornava mais duro. Com a edição do Ato Institucional nº 5, vários setores da sociedade foram calados e as lutas oposicionistas mudaram o foco. Se na década de 1960, uma das bandeiras levantadas era a mudança no sistema educacional brasileiro com ênfase na ampliação do número de vagas no ensino superior, na década de 1970 o foco das lutas deixará de ser a educação para voltar-se contra a situação política do país. Neste sentido afirma Germano (2011, p.162):

A conjuntura que precede a elaboração da Lei 5692/71 é, ao invés pelos motivos já expostos, desprovida de mobilização e de demandas organizadas em favor da ampliação das oportunidades de escolarização e de verbas para a educação ou

qualquer outra reivindicação substancial nesse campo da vida social. Até mesmo os grupos radicalizados – cujos militantes eram originários em grande parte, senão na sua maioria, no movimento estudantil — abandonam, quase por completo, as bandeiras por eles defendidas nas suas seguidas manifestações públicas na década anterior. Na verdade no pós-1964 – sobretudo no período de 1969-1971--, as questões educacionais e culturais quase não aparecem nos manifestos, programas e documentos políticos das várias organizações de esquerda que pretendiam revolucionar a sociedade brasileira.

O país presidido pelo presidente Emilio Garrastazu Médici (1969-1974) enfrentou um período que ficou conhecido como anos de chumbo. A política econômica alinhada aos Estados Unidos encontrava-se em grande expansão e para continuar crescendo era necessário investir também na qualificação de mão de obra, forma-se o elo desenvolvimento/ educação. Nesse contexto, o Brasil apresenta um quadro ruim, há um alto índice de evasão e repetência por outro lado há um aumento na demanda de mão de obra especializada e que atendesse ao mercado industrial e comercial em franca expansão. Nesse sentido, Germano (2011, p.166):

A política educacional tem igualdade à pretensão de suprir uma *carência efetiva*. Tal carência se traduz do ponto de vista das classes populares, na pura e simples exclusão da escola de grandes contingentes populacionais que são alijados, portanto, do acesso à cultura letrada. Isso tem inegáveis repercussões no que diz respeito à vida social, ao exercício da cidadania e ao mundo do trabalho. Por outro lado, no que concerne ao Estado, o quadro de carência era incompatível à ideia de “Brasil-potencia”.

Com efeito, de acordo com o próprio ministro Passarinho (1985), em 1971, quase 30% das crianças de 7 a 14 anos não tinham acesso à escola; a evasão e a repetência assumiam dimensões assustadoras: para cada mil crianças que entravam na 1ª série do primário, em 1961, por exemplo, menos da metade (446) chegavam a 2ª série e somente 56 logravam ingressar no ensino superior em 1972. A taxa de perdas era na ordem de 76% só no primário. Além do mais, no tocante a escolarização obrigatória de 4 anos, o Brasil se igualava a Maurítânia e somente o Laos apresentava taxa inferior, 3 anos.

A totalidade de crianças matriculadas no ensino primário no ano de 1961 não conseguia avançar e finalizar sua instrução no grau superior. Apenas algumas crianças atingiam os objetivos proposto pela educação primária e chegavam a cursar a educação de nível superior. Na década de 1970 a situação não era diferente. A reforma educacional vem para aumentar a escolaridade de 4 anos para 8 anos e traz no seu bojo o fim dos exames de admissão já que a obrigatoriedade da expansão da escolaridade de 1º grau independe de exame. Na extensão da escolaridade obrigatória houve a junção do primário com o ginásio e a generalização do ensino profissionalizando no nível médio ou 2º grau Germano (2011, p.168).

A preocupação com o número de repetência e evasão levou a Secretaria de Educação de São Paulo a emitir um formulário para que as instituições escolares respondessem e informassem sobre a situação da escola toda desde 1968, sobre as possíveis causas da reprovação e desistência em 1970. Esta informação consta no livro de atas de reunião pedagógica do II Colégio Estadual de Santos. A lista compreendia os seguintes itens referentes ao professor, aos alunos e à escola:

Tabela 7 Relação sobre as possíveis causas referentes à repetência e desistência dos alunos em 1970.

	Referentes ao professor
1º	Preocupação com o programa
2º	Linguagem inadequada para o nível dos alunos
3º	Pretender obter muito sem conhecer o nível dos alunos
4º	Desatualização
5º	Mau relacionamento professor-aluno
6º	Sobrecargas de trabalho
7º	Critérios de avaliação
8º	Critérios de avaliação pouco flexíveis
9º	Aulas sem motivação
10º	Pequena duração das aulas

Livro de Atas Pedagógicas do II Colégio Estadual de Santos 1970/1971, (1971, p.19).

Autora: Hebe P. O. S. Kuwahara

Tabela 8 Relação sobre as possíveis causas referentes à repetência e desistência dos alunos em 1970.

	Referentes ao aluno
1º	Deficiência econômica
2º	Trabalho
3º	Falta de base
4º	Problemas de saúde
5º	Problemas emocionais
6º	Problemas de ajustamento social
7º	Reprovação

8º	Falta de estímulo
9º	Desconhecimento das técnicas de estudo
10º	Exames de madureza

Livro de Atas Pedagógicas do II Colégio Estadual de Santos 1970/1971, (1971, p.19).

Autora: Hebe P. O. S. Kuwahara

Tabela 9 Relação sobre as possíveis causas referentes à repetência e desistência dos alunos em 1970, relacionadas à administração.

	Referentes à Escola
1º	Deficiência de ordem administrativa
2º	Falta de atividades de recuperação
3º	Falta de motivação para o trabalho
4º	Planejamento inadequado da escola e do ensino
5º	Falta de entrosamento dos professores
6º	Falta de recursos didáticos
7º	Falta de atividade entre escola e comunidade

Livro de Atas Pedagógicas do II Colégio Estadual de Santos 1970/1971, (1971, p.19).

Autora: Hebe P. O. S. Kuwahara

Esses itens motivaram uma discussão na reunião pedagógica que levou uma professora a fazer o seguinte comentário:

“O primeiro problema é que pegamos o rebotalho de todos os colégios— D. Sônia— “Falta de base” “Não é falta de base, não — continuou a professora Silvia é problema de pegar o rebotalho com a democratização do ensino vem esse rebotalho”. A professora Maria Aparecida ingressou nos debates, dizendo: “ a turma da noite faz tempo que não vê aquilo”. Nesse momento os debates se cruzaram até que, levantado a voz , a diretora disse: “Não é bem falta de base é que os últimos classificados vem para nós”. Tabela 6, Relação sobre as possíveis causas referentes a repetência e desistência dos aluno em 1970, Livro de Atas Pedagógicas do II Colégio Estadual de Santos 1970/1971, (1971, p.19).

Questões como repetência e desistência estavam nas pautas das reuniões pedagógicas e causavam grandes discussões, entre elas a democratização do ensino apontada como uma

das causas para uma professora; má qualidade do ensino ou a falta de base apontada pela diretora ou o acesso das classes populares ao ensino médio com o fim dos exames de admissão.

O exame de admissão para os níveis de ginásio e colegial tem seu fim decretado indiretamente nos seguintes artigos da lei 5692/71:

Art.18. o ensino de 1º grau terá duração de oito anos letivos e compreenderá, anualmente, pelo menos 720 horas de atividades.

Art.19. Para o ingresso no ensino de 1º grau, deverá o aluno ter idade mínima de sete anos.

§ 1º as normas de cada sistema disporão sobre a possibilidade de ingresso no ensino de primeiro grau de alunos com menos de sete anos de idade.

Art. 21. O ensino de 2º grau destina-se à formação integral do adolescente.

Parágrafo único. Para ingresso no ensino de 2º grau, exigir-se à a conclusão do ensino de 1º grau ou de estudos equivalentes.

Embora o Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo continuasse ofertando a educação primária, em 1972, abre a sua primeira classe no nível ginásial, uma turma de 5ª série. Em contrapartida a Escola Ruy Ribeiro Couto mantém a sua pratica de ofertar o ensino ginásial e colegial e continuou realizando a seleção de ingresso em seus cursos nos anos subsequentes até 1974.

A legislação sobre a reforma educacional foi citada em uma ata do II Colégio Estadual de Santos apenas como “aberta à sessão, explicou a diretora que ia ler a lei nº 5692 com a finalidade de divulgar o seu conteúdo”. Fez a leitura até as “Disposições transitórias”. Livro de Atas Pedagógicas do II Colégio Estadual de Santos 1970/1971, (1971, p. 19).

No final de 1972 há novamente uma alusão à lei 5692/71(Reforma de 1º e 2º grau) demonstrando o recebimento desta reformulação da seguinte forma, Livro de Atas Pedagógicas do II Colégio Estadual de Santos (1972 p.39/40). Percebe-se que as modificações vieram de cima, mas as professoras estão preocupadas com elas.

A professora Maria Altina levantou o problema da hora aula nos períodos vespertino e noturno. A professora Sonia Elizabeth de Faccio Paolozzi esclareceu que as aulas deverão ser de cinquenta minutos, dependendo de um trabalho conjunto das duas direções dos estabelecimentos que funcionam no mesmo prédio. O professor Adolfo Libman perguntou a Senhora Presidente se haveria um aumento do numero de professores, com as trinta aulas para cada um. Foi explicado que a intenção é a diminuição do numero de professores, mas não do numero de aulas do currículo do estabelecimento. Disse ainda a senhora diretora, que é preciso pensar, que dado um prazo de cinco anos, para a implantação da reforma, nós já estamos atrasados um ano. O que aconteceu, foi somente a mudança do nome de primeira série, para quinta série. O currículo deve mudar a partir do próximo ano, levando em consideração o ponto de chegada dos alunos que fizeram a quarta série.

Só assim, estaremos trabalhando dentro do espírito da reforma, que é uma escolaridade continua de oito anos. O professor Menegatti, perguntou da possibilidade da criação do colegial no período vespertino. A senhora presidente explicou que isso depende de vários fatores ainda em estudo e que o governo tem como meta prioritária, a educação dos sete aos quatorze anos. O professor Adolfo Libmam, aparteou, dizendo que os alunos maiores de quatorze anos, iriam para o curso supletivo. A senhora diretora completou o pensamento do professor, dizendo que está em estudos, um convênio do Estado com os colégios particulares. Leu inclusive um convênio publicado no Diário Oficial, entre o Estado e o município, com relação a escolas municipais e estaduais, onde haverá um entrosamento necessário, para que a reforma alcance seus reais objetivos. O nosso Colégio, não possui prédio próprio. Possivelmente, no ano que vem, mudaremos para o prédio do Colégio Andradadas.

Os professores mostravam preocupação com as mudanças trazidas pela reforma do ensino de 1º e 2º grau no sentido da reformulação da grade curricular relacionada ao numero de aulas que passariam de 44 para trinta com atividades que chegariam às 44 horas semanais, Sônia demonstrava preocupação com a demora a implementação das mudanças que já estavam atrasadas em um ano, visto que, o prazo pra a implantação total da reforma era de 5 anos. Também havia a possibilidade de mudar para outro estabelecimento escolar, visto que o Colégio Ruy Ribeiro Couto não tinha prédio próprio e que a preocupação prioritária do governo nesta reformulação do ensino era os alunos da faixa etária de 7 anos a 14 anos.

Enquanto as atas pedagógicas do Colégio Ruy Ribeiro Couto registrava em varias passagens a reformulação do ensino primário e secundário, os problemas de repetência e desistência, as atas do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo não mencionaram as possíveis mudanças na escola, à evasão e repetência talvez não fosse um problema para este nível de ensino.

3.5- A reorganização do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo em 1975.

O decreto que instituiu a reorganização das escolas publica é curto em seus doze artigos e parágrafos, disciplina e regulamenta a organização das escolas a luz da legislação Federal Lei 5692/71.

Em 1975, o então governador do Estado de São Paulo, Paulo Egydio Martins lança mão do decreto 7400 para promover a reorganização das escolas públicas paulistas e redistribuição de alunos e professores, esse decreto vai promover a unificação das escolas do “Visconde de São Leopoldo” para atender aos requisitos da reforma instituída.

Diante deste novo quadro, as escolas públicas paulista passaram a ser reorganizadas pelos seguintes critérios: ou seriam Escolas Estaduais de 1º grau, ou Escolas Estaduais de 2º grau ou Escolas Estaduais de 1º e 2º graus ou Centros Estaduais Interescolares.

Outro aspecto desta legislação seria o desdobramento de turno, com 4 horas de duração, com o máximo de 35 alunos por sala. Estas escolas seriam dirigidas por um diretor e um dos critérios para assumir este cargo seria por antiguidade, ou seja, o diretor que tivesse mais tempo na função de diretor ou de magistério permaneceria na direção desta escola reorganizada.

O decreto 7400/75, em seu artigo 2º e incisos também deu poderes para o Secretario da Educação para criar, conservar, transformar, fundir, incorporar, desdobrar, alterar e extinguir classes e cursos, alterar estabelecimento de ensino, relotar cargos do quadro do magistério e do quadro da Secretaria da Educação, bem como redistribuir funções, no âmbito da própria Secretaria, promover a transferência, se necessária, de materiais e equipamentos, de um para outros estabelecimentos e por fim transferir alunos de um para outro estabelecimento.

Na prática, para o Grupo Escolar houve uma transformação enorme já que coube ao Grupo Escolar assumir as turmas ginasiais do Colégio Ruy Ribeiro Couto.

3.6 Enfim a fusão: a face da Escola Estadual de 1º Grau Visconde de São Leopoldo.

Enfim chegava ao fim o prazo para começar a implementação da Lei Federal 5962/71 que previa a Reforma do Ensino de 1º e 2º graus, para regulamentar a legislação federal o governador do Estado de São Paulo lança mão do decreto 7400/75 que ordenava a reorganização das escolas públicas paulistas. No prédio do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo funcionava também a o Colégio Estadual Ruy Ribeiro Couto, as escolas dividiam o mesmo prédio em turnos diferenciados. Durante alguns anos para completar a carga horária semanal, as escolas funcionavam também aos sábados. A adaptação não fora fácil, pois com níveis de ensino diferenciado e uma metodologia própria, a reorganização gerou alguns conflitos. Como já dizia o decreto o Grupo Escolar absorveu os alunos e os professores do ginasial do Colégio Ruy Ribeiro Couto. A administração da escola de 1º Grau coube à direção do então Grupo escolar que neste momento recebeu um diretor efetivo que permaneceu pouco

tempo vindo a ser substituído novamente por d. Zélia Ruiz sua assistente de direção. Neste sentido d. Zélia fez o seguinte relato:

Havia duas linhas: o primário, professoras de postura impecável, o aluno se espelhava na professora, na unha, cabelo, roupa. Essas professoras eram do CPP (Centro do Professorado Paulista), linha antiga, uma linha mais conservadora e havia a linha da APEOESP (Associação dos professores do Estado de São Paulo), que era totalmente diferente. De repente junta-se as duas turmas. Choque! Nesse choque que o Professor João se afasta, neste momento eu era auxiliar de seu João até o afastamento dele, o pessoal do ginásio apresentava uma certa resistência pois eu era diretora primária do Grupo Escolar. Eles tinham formação superior, iam aceitar ser administrado por uma professora primária? Mas nem aí, nem aí... Tudo deu certo. Não era diretora de gabinete era de transitar pela escola inteira. À noite quem ficava era o assistente, mas, duas vezes por semana eu ia lá para ver a disciplina. (Entrevista em 22/12/2013).

Embora já houvesse a previsão da integração das turmas das escolas, esta não foi muito fácil, pois o decreto não fora discutido com os maiores interessados: professores, funcionários e pais de alunos.

Quando houve a fusão das escolas Sônia Paolozzi deixou a administração do Colégio Estadual Ruy Ribeiro Couto e foi trabalhar na Divisão Regional de Ensino de Santos no setor de assessoria jurídica. Deixou um legado de professores do ensino ginásial e colegial acostumados a exercerem os debates dentro de suas reuniões pedagógicas como os registrados em livros atas de reunião pedagógica, tinham um perfil diferente como bem descrito por Zélia Ruiz. Sendo o perfil dos professores e do alunado ginásial e do colegial diferenciado do primário, a fusão trouxe transtornos para a rotina da escola primária. Para exemplificar melhor segue o relato da professora Maria Aparecida Rossignole:

Entrei em 1975 no Leopoldo para lecionar de 1ª a 4ª série, mas quando faltava o professor do ginásio não podia soltar o aluno. Os alunos não respeitavam porque os alunos sabiam, dava aula para os pequeninos e naquele tempo os alunos obedeciam muito. Em cada classe tem alunos indisciplinados. A gente não gostava de substituir o professor do ginásio. (Maria Aparecida Rossignole, entrevista realizada em 17/05/2014).

A professora Maria Aparecida Rossignole, fez o Curso Normal no Itá Liceu Educacional e fez pedagogia em Barretos. Começou a carreira em Santos, no ano de 1975, no Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo, entrou como substituta efetiva, ganhando um terço do salário e tinha que ir todos os dias. Contratada inicialmente para substituir faltas de todos os tipos das professoras primaria após a fusão passa a substituir também as faltas dos

professores do ginásio. A professora Maria Aparecida guarda ainda o documento de sua admissão como professora substituta efetiva e sua carteira de estudante do curso normal do colégio Itá.

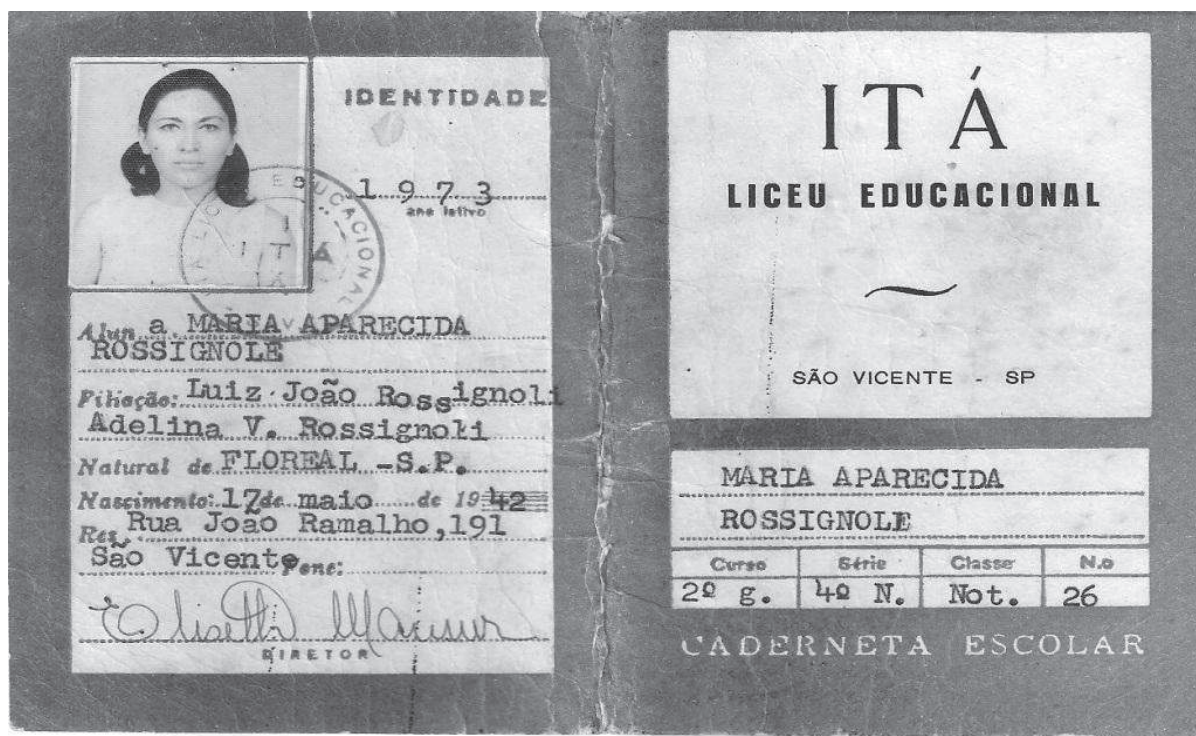


Figura 26. Capa da caderneta de D. Maria Aparecida Rossignole

Acervo particular.

A dinâmica do Grupo escolar como já relatado era diferente do Colégio após a fusão funcionava no período da manhã e da tarde o 1º grau com alunos matriculados no primário e no ginásio. Neste sentido, a professora Maria Aparecida faz o seguinte relato:

O primário fazia fila, o professor ia buscar a fila, não podia encostar-se às paredes, dois andares, o ginásio ia entrando e ia para a classe e cada canto das escadarias, ficavam serventes no pé da escada e subiam e desciam para o lanche no maior regime militar. O ginásio era o recreio após o primário, a quadra era utilizada: primeiro pelo primário e depois pelo ginásio. Como professora tinha que ficar na tensão com os alunos, não podia isso, não podia aquilo, a gente não queria que a classe da gente fosse chamada a atenção, estava sempre com medo do sermão. A convivência com o professor do ginásio muita coisa não gostava, mas deixava para lá, havia muitas brigas, muitas fofocas, faziam reunião misturava tudo, o assunto era diferente, mas aos poucos foi se organizando. (Maria Aparecida Rossignole, entrevista realizada em 17/05/2014).

Embora a lei 5692/71 estendesse o ensino obrigatório de 4 pra 8 anos na ocasião de sua promulgação é somente no ano de 1975 que será lançado o decreto da regulamentação da

reorganização das unidades escolares do Estado de São Paulo. O ano letivo de 1976 começa para o Estabelecimento Escolar já reorganizado, o Grupo Escolar passa a se denominar Escola Estadual de 1º Grau Visconde de São Leopoldo a frente de sua administração João Batista Grosso com Zélia Ruiz como assistente de direção. No mesmo ano o então diretor se afasta para exercer outra função na então Divisão Regional de Ensino e Zélia Ruiz assume a direção da escola onde permanecerá até o ano de 1984, quando se aposenta da escola Visconde de São Leopoldo.



Figura 27 Reunião pedagógica, 1976. Sentada da esquerda para direita de roupa clara d. Zélia Ruiz, atrás em pé de d. Zélia a professora Maria Aparecida

Acervo particular de Maria Aparecida Rossignole.



Figura 28 Em pé de calça escura Prof.^a Cida Rossengnole, atrás Professoras Edna e Mercedes e alunos. Ao fundo, lateral da escola na década de 70.

Acervo particular de Maria Aparecida Rossignole.

Considerações Finais

O Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo, erigido em 1915, nasceu com a vocação de escola primária e atendia os anseios da comunidade de seu entorno. O único Grupo Escolar no bairro de Vila Macuco, seu quadro de professores em sua essência era feminino. Localizado na área central da cidade de Santos, no litoral paulista era uma escola legitimamente urbana. No início atendia somente em um turno, mas devido à carência de outras unidades escolares e a demanda por vagas nas décadas seguintes passa a dobrar o horário de atendimento aos educandos.

Entre 1960 e início da década de 1970, o Grupo Escolar oferecia exclusivamente o ensino primário modificando apenas no ano de 1972 quando abre a sua primeira turma de ensino ginásial.

Paralelamente no ano de 1967 em atendimento à demanda do ensino ginásial da Escola dos Andradas funcionam no prédio do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo, duas classes de extensão deste estabelecimento.

O Macuco, onde o Grupo Escolar foi construído, é um bairro comercial, portuário e residencial. Ao lado das casas de porte médio existem exclusão social e moradias precárias. Com o fechamento de grande parte dos estabelecimentos comerciais a vocação portuária do entorno afetou a vida do bairro, pois o número de residências diminuíram e os cortiços aumentaram.

Em 1963, assume a direção do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo, Isaura de Barros Mainardi. Além de diretora do Grupo Escolar era também auxiliar de inspetoria de escolas isoladas. Fez uma atuação pautada no censo do civismo evidenciado nas Atas de Reuniões Pedagógicas e reafirmado no depoimento de Denilda Mainardi, irmã de Isaura. As comemorações cívicas eram muito bem planejadas e colocadas em prática em sua administração. A mudança do regime político ocorrido durante a administração Mainardi pareceu não abalar a rotina do Grupo Escolar.

O corpo docente composto por professoras formadas por diversas escolas normais em Santos e em outras cidades do Estado de São Paulo evidencia o papel feminino no magistério, profissão: professora, uma extensão da maternidade e do lar no ambiente de trabalho.

A abertura das classes de extensão do Ginásio dos Andradas inicia a criação de outra unidade escolar no mesmo prédio do Grupo. A solução encontrada para resolver o problema da demanda e o aumento do nível de escolaridade foi a utilização de prédios escolares que tivessem salas ou períodos ociosos, solução econômica para resolução dos problemas educacionais da década de 1960.

A criação do II Colégio Estadual de Santos, posterior Colégio Estadual Ruy Ribeiro Couto, gerou problemas de ordem administrativa e pedagógica, pois uma escola dentro de outra escola embora em períodos diferenciados causassem transtornos. A dinâmica da escola primária era diferenciada da do ginásio. Por exemplo, os produtos das atividades realizadas pelos alunos do primário e expostos pela escola eram danificados pelos estudantes ginásiais. A escola primária tinha a sua organização para comemorar os Símbolos Pátrios e as Bandeiras eram expostas em salas de aula, porém as Bandeiras sumiam ou eram rasgadas, segundo afirmação do Grupo Escolar eram realizados pelo ginásio ou colegial do Ruy Ribeiro Couto. Embora os alunos do Grupo Escolar recebessem merenda os alunos do Colégio não tinham a mesma oferta de alimentação. O Colégio Ruy Ribeiro Couto iniciava seu turno às 17h30minh e terminava às 23h30minh, muitos alunos vinham direto do serviço e não se alimentavam; era necessário ter uma cantina que atendesse a essa necessidade e ela não foi aberta.

Através das atas pedagógicas das duas instituições, é possível perceber o perfil do professorado de cada uma. A escola primária era majoritariamente feminina e a escola secundária possuía quadro pedagógico misto. Na escola primária, a diretora passava as informações que eram registradas nas atas; e a escola secundária realizava reuniões com a participação efetiva de professores com suas opiniões registradas também em atas. A escolha do Patrono Visconde de São Leopoldo foi realizada para dar outro nome ao Grupo Escolar de Vila Macuco. A mudança do nome II Colégio Estadual de Santos para Ruy Ribeiro Couto ocorreu através de eleições. O funcionamento de duas unidades escolares de perfis diferentes trouxe muitas confusões que acabaram influenciando no clima organizacional destas escolas.

A escola primária seguia uma cultura organizacional tradicionalmente rígida. É de se notar pelo perfil de suas diretoras. Isaura de Barros Mainardi administrava a escola com eficiência e firmeza, quando foi desempenhar função no Serviço de Orientação Pedagógica por duas vezes deixou em seu lugar pessoas que seguissem o seu perfil e a escolha de Zélia Ruiz como diretora substituta para esta função não foi por acaso. Zélia Ruiz foi uma diretora de seu tempo, firme, prezava pela eficiência e organização do trabalho exercido pelas

professoras que redundariam na disciplina escolar. Esta disciplina refletiria na formação de filas para a entrada na sala de aula, na utilização do uniforme escolar, no material pedagógico utilizado pelas professoras, nas festas realizadas pela escola e nos concursos que participavam e angariavam prêmios. Para administrar o Grupo Escolar, a diretora Zélia diz que não encontrou resistência por parte das professoras, pois elas tinham uma formação mais tradicional, de não contestação. A resistência veio com a fusão, pois encontrou um grupo de professores que eram resistentes ao perfil organizacional da escola primária.

A Unidade Escolar, dirigida por Sônia Paolozzi, possuía um perfil diferente de atuação. O Colégio Estadual Ruy Ribeiro Couto era uma instituição com uma cultura diversa do Grupo Escolar. Criada para atender a demanda para ginásio e colegial. O grupo de professores possuía formação em nível superior para atuar nas diversas disciplinas que compunham o currículo. A Associação de Pais e Mestres do Ruy Ribeiro Couto junto com a do Grupo Escolar promoveram diversas ações para montar o laboratório da escola. Para frequentar o Colégio Estadual era necessário se inscrever no processo de admissão/seleção. Participavam, de seu exame de seleção, alunos vindos de todos os bairros da cidade de Santos e região da baixada, mas o número maior era do próprio bairro. Com o advento da Lei de Diretrizes e Bases 56925/71 o exame de admissão deixou de existir. As escolas ofereceriam obrigatoriamente o ensino de 8 anos, isto significa que os alunos concluiriam o ensino primário e automaticamente prosseguiriam para o ginásio.

Além do aumento da escolaridade outras mudanças viriam no bojo desta lei: a duração do turno de aulas, a quantidade de alunos em sala de aula, a reestruturação da rede de ensino, reescalonamento dos servidores e o fim do ganho das aulas excedentes. Mudanças que demoraram a acontecer. Baseado na Lei de Diretrizes e Bases o governo do Estado de São Paulo lançou o decreto 7400/75 que tratava da reorganização da rede física das escolas públicas paulistas. O colégio Ruy Ribeiro Couto deixa de funcionar no prédio do Grupo Escolar, este absorveu os alunos ginasiais e se transformou na Escola Estadual de Primeiro Grau Visconde de São Leopoldo. A fusão não foi nada fácil. À frente da administração desta escola estava Zélia Ruiz, diretora com o perfil da escola primária. Os alunos e professores demoraram a se adequarem: era difícil serem administrados pela diretora do primário.

Os professores primários faziam intervalos em turnos diferenciados para que os alunos maiores não machucassem os menores. As professoras substitutas efetivas que antes cobriam

a falta dos professores do primário agora cobriam as faltas dos professores do ginásio e os alunos notavam a diferença.

A fusão entre as escolas não levou, portanto, em consideração as especificidades de cada nível de ensino e mais uma vez venceu a economia sobre as questões educacionais. As salas estavam cheias como queriam os militares, governo vigente entre 1964 a 1985, com maior democratização, porém, a qualidade da educação precisava melhorar muito. Para trazer o desenvolvimento para o país, os militares fizeram vários acordos e implementaram no país a educação tecnicista. Estes acordos e sua aplicação na educação, contudo, não trouxeram o avanço almejado no setor social.

FONTES PRIMÁRIAS E BIBLIOGRAFIA

Documentação primária:

Arquivo da E.E. Visconde de São Leopoldo (2013)

Fontes manuscritas

GESC VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Livro de Atas de Reunião Pedagógica, 1960-1963.

GESC VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Livro de Atas de Reunião Pedagógica, 1963-1964.

GESC VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Livro de Atas de Reunião Pedagógica, 1969-1974.

GESC VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Livro de Atas de Reunião Pedagógica, 1974.

GESC VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Livro de Atas de Reunião Pedagógica da Caixa Escolar. 1946-1968.

GESC VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Livro de Visitas Oficiais, 1955-1976.

GESC VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Livro de Relações de papéis enviados, 1964-1965.

GESC VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Livro de Prontuário de Funcionários, 1947-1970.

GESC VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Livro de Registro de Correspondência, 1960-1963.

GESC VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Livro de Registro de Correspondência, 1965-1966.

GESC VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Livro de Registro de Correspondência, 1966-1969.

GESC VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Livro de Protocolo de Requerimento, 1960-1963.

GESC VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Livro de Protocolo de Requerimento, 1963-1974.

GESC VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Livro de Atas de Reunião de Grêmio de Leitura, 1963-1970.

GESC VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Livro de Protocolo de Ofício, 1969-1971.

E.E. DE 1º GRAU VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Livro de Comunicados, 1976.

II COLÉGIO ESTADUAL DE SANTOS. Livro de Atas de Reunião Pedagógica, 1970-1974.

Fontes impressas:

GESC VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Livro de Retrospectiva Histórica, 1915-1985.

FONTES ICONOGRAFICAS:

Fotos avulsas;

Álbum de fotografias;

Plantas arquitetônicas do Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo.

Obras de referência

Mirian Gosberg, 2001

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação: Paixão pelo possível**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

ARENDT, H. **O que é política?**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, pp. 25-44. Disponível em: <http://www.4shared.com/office/Ax0bGHpd/Hannah_Arendt_-_O_que_poltica.html>. Acesso em 13/12/2012.

BIKLEN, Sari Knopp; BOGDAN, Robert C. **Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal, Porto Editora, 1994.

BRASIL, Márcio. **O Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo e a escolarização de vila Macuco durante a 1ª República**, 2008. Dissertação de Mestrado em Educação Universidade Católica de Santos, Santos.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Por uma história cultural dos saberes pedagógicos**: São Paulo, 1998.

COUTO, Ronaldo Costa. **História indiscreta da ditadura e da abertura**: Brasil, 1964-1985. Rio de Janeiro: Record. 1998.

_____. ESCOLANO, Augustín Benito. **La cultura material de la escuela y la educación patrimonial**. Educatio Siglo XXI, vol.28 n°2, pp.43-65, 2010. Disponível em: <<http://digitum.um.es/xmlui/bitstream/10201/27116/1/La%20cultura%20material%20de%20la%20escuela%20y%20la%20educaci%C3%B3n%20patrimonial.pdf>> Acesso em: 16 set.2013.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Educação no Brasil anos 60. O pacto do silêncio**: São Paulo: Loyola, 1985.

FRAGO. Antonio Viñao. **História de lá educación y história cultural**. Revista Brasileira de educação: Porto Alegre, v. 35, n. 01, abr. 2012. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-25822012000100002&Ing=pt&nrm=iso>. Acesso em 08/11/2012.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e Educação no Brasil (1964-1985)**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HORTA, Jose Silvério Baía. **Liberalismo, Tecnocracia e Planejamento educacional no Brasil**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1982.

JULIA, Dominique: **A cultura escolar e como objetivo histórico**. Revista Brasileira de História da Educação: rio de Janeiro, v. 1-n. 1- jan/nun.2001. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index/rbhe/issue/view/26/show.toc>>. Acesso em 12/09/2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LIMA, Idelsuite de Souza. **A cultura escolar e a pesquisa em História do currículo**. Espaço do currículo, V3, N1, PP.275-282, março de 2010 a setembro de 2010. Disponível em: <<http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/9090-11183-1-pb.pdf>>. Acesso em: 28/09/2012.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história da mulher**. Bauru, SP: EDUSC, 2000

MILENIO, Novo. **História e lendas de Santos**. Disponível em: <www.novomilenio.inf.br/santos/lendas.htm>. Acesso em: 28/09/2012.

MODIN, Leda. **História do Macuco**. 06 out. 1982. Disponível em: <www.novomilenio.inf.br/santos/lendas.htm>. Acesso em: 28/09/2012.

NORA, Pierre. **“Entre memória e história – a problemática dos lugares”**. Projeto História. São Paulo, n. 10, dez, 1993, p. 7-28. Disponível em: <www.4shared.com/office/v6OUjVAD/Entre_memria_e_a_histria.html>. Acesso em: 13 dez. 2012

NORONHA, Olinda Maria. **História da Educação: a escola no Brasil**. São Paulo: FDT, 1994. 302p. (Coleção Aprender&Ensinar).

PORTELLI, Alessandro. “A filosofia e os fatos – narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. *Tempo*. Rio de Janeiro: v. 1, n. 2, p. 59-72. Disponível em: <www.4shared.com/office/v76URZ6L/A_Filosofia_e_os_fatos.html>. Acesso em: 13 dez. 2012.

POULOT, Dominic. “Um ecossistema do Patrimônio”. In: CARVALHO, Cláudia S. R. (Org). **Um Olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008, p. 26-43. Disponível em: <www.4shared.com/office/OKJR-FPQ/POULOT_Dominique_-_Um_ecossist.html>. Acesso em: 13 dez. 2012.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002 (Coleção Descobrindo o Brasil).

REMOND, René. “Uma história presente”. **Por uma história política**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003, pp. 13-36. Disponível em: <http://www.4shared.com/office/NY65vIDq/Ren_Remond_-_Uma_Historia_prese.html>. Acesso em: 13 dez. 2012.

_____. SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da Pátria: Escola primária e cultura escolar no Estado de São Paulo (1890-1976)**. São Paulo: Mercado das letras: 2009.

_____. SOUZA, Rosa Fátima de. **A renovação do currículo do ensino secundário no Brasil: as últimas batalhas pelo humanismo (1920-1960)**. *Currículo sem fronteiras*, v9-n. 1, pp. 72-90, jan/jun. 2009.^b Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/v9iss1article/4-souza.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2013.

SOUZA, Rosa Fatima. **Tempos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Edunesp, 1998.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

VIEIRA, Evaldo. **Estado e Miséria Social no Brasil de Getúlio a Geisel**. 4. Ed. São Paulo: Cortez. 1983.

Legislação:

Brasil, Lei nº 4024, 20 de dezembro de 1961. Fixa diretrizes e bases da Educação Nacional.

Brasil, Lei nº 5692,20 de dezembro de 1961. Fixam diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências.

São Paulo, Decreto 7400, de 30 de dezembro de 1975. Estabelece a estrutura da rede oficial de ensino do estado e dá providencias correlatas.

III – ENTREVISTAS:

Adilson Maraucci Pacheco, ex-aluno, ex-funcionário, em 13/06/2014, duração 2 horas.

Denilde de Barros Mainardi Nagata, irmã de Isaura de Barros Mainardi, em 17/05/2014, duração 45 minutos.

Marcia, ex-aluna, 1973, em 09/08/2012 (1 hora e 30 minutos), sala de coordenação da E.E. Visconde de São Leopoldo.

Maria Aparecida Rossengnole, ex-professora, entrevista 17/05/2014, duração 1 hora e 30 minutos.

Maria Conceição Veloso, ex-funcionária em 12/09/2013 (1 hora e 30 minutos), na residência de Zélia Ruiz.

Rosângela, moradora do bairro Macuco há mais de 40 anos; em 28/09/2012 (50 minutos) na secretaria da E.E. Visconde de São Leopoldo.

Sônia Elizabeth de Faccio Paolozzi, ex-diretora, em 06/11/2013 (2 horas), em sua residência.

Zélia Ruiz, ex-diretora em 12/09/2013 (2 horas), em sua residência.

Anexo

HISTÓRICO

Grupo Escolar "Visconde de São Leopoldo"

Criado no governo do Conselheiro Rodrigues Alves, que tinha como secretário do Interior o Dr. Altino Arantes, no início de fevereiro de 1915, só começou a funcionar o antigo Grupo Escolar "Villa Macuco", a 18 de fevereiro desse ano distante.

Nessa ocasião, época em que não havia ainda a Delegacia Regional de Ensino de Santos, era inspetor regional o Prof. Primo Ferreira, figura de destaque a quem Santos deve relevantes serviços no setor da educação e ensino.

Para organizar o Grupo, foi nomeado como diretor o Prof. José Olivar da Silva que permaneceu na direção do Grupo por 20 anos e soube imprimir ao Estabelecimento em tal ritmo de trabalho que grangeou à esta Casa de Ensino, a tradição de Estabelecimento de escol.

Dotado das melhores instalações em aparelhos didáticos que havia na época, desde o início teve, excelentes resultados o ensino aqui ministrado.

O corpo docente na época da fundação compunha-se dos srs. professores: João Oliveira da Silva, Rosalina Alves Rodrigues, Maria Fontes e Amália Labruciano.

A princípio funcionou num só período, com 450 alunos matriculados nas dez classes existentes.

O número sempre crescente de candidatos à matrícula levou à necessidade de criação de novas classes, passando a funcionar em dois períodos com vinte classes, número máximo que o prédio comportava, nos bons tempos dos horários apenas desdobrados.

Com o correr dos anos a expansão do bairro cada vez maior, obrigou a criação de mais classes passando o Estabelecimento a partir de 9 de abril de 1931, a funcionar com 23 classes e em horário tresdobrado.

Atualmente conta com trinta classes, número máximo que o prédio comporta, abrigando em seu teto 1.200 alunos.

Por decreto do Ilmo. Sr. Governador do Estado, datado de 22 de agosto de 1922, como preito de merecida homenagem, passou o Grupo Escolar de "Villa Macuco" a denominar-se Grupo Escolar "Visconde de São Leopoldo", propiciando aos nossos alunos como paradigma a figura do ilustre santista-Conselheiro José Feliciano Fernandes Pinheiro, cuja memória grata a toda Santos é reverenciada com especial carinho pelos que militam nesta Casa de Ensino.

Nesses cinquenta anos de existência o "Visconde de São Leopoldo", tradicional Estabelecimento de Ensino, desta cidade, inquestionavelmente vem prestando relevantíssimos serviços

PAULO EGYDIO MARTINS, GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, no uso de suas atribuições legais e com fundamento no Ato Institucional nº 8, de 2 de abril de 1969 e à vista do disposto na Lei federal nº 5692, de 11 de agosto de 1971, que fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus.

Decreta:

Artigo 1º - A rede oficial de ensino do estado de São Paulo terá a seguinte estrutura

- I - Escolas Estaduais de 1º grau;
- II - Escolas Estaduais de 2º grau
- III - Escolas Estaduais de 1º e 2º graus;
- IV - Centros Estaduais Interescolares

Parágrafo único - Cada estabelecimento de ensino será dirigido por um Diretor de escola

Artigo 2º - Para a implantação da estrutura a que se refere o artigo anterior o Secretario da educação poderá:

- I - criar, conservar, transformar, fundir, incorporar, desdobrar, alterar e extinguir classes e cursos;
- II - conservar, transformar, fundir, incorporar, desdobrar e alterar estabelecimento de ensino;
- III - relotar cargos do Quadro do magistério e do Quadro da Secretaria da Educação, bem como redistribuir funções, no âmbito da própria Secretaria
- IV - promover a transferência, se necessária, de materiais e equipamentos, de um para outros estabelecimentos, objetivando sua racional utilização;
- V - transferir alunos de um para outro estabelecimento.

Artigo 3º - Na execução das medidas previstas nos incisos I e II do artigo anterior, deverão ser observados os seguintes critérios e condições:

- I - prioridade para o atendimento da demanda do ensino de 1º grau na faixa etária dos 7 aos 14 anos;
- II - existência de prédio que possibilite instalação adequada para o grau de ensino a ser ministrado e que permita ao estabelecimento funcionar em turnos diários de 4 horas, com o máximo de 35 alunos por classe e com o mínimo de 180 dias letivos por ano;
- III - integração vertical de estabelecimentos de ensino de 1º grau, de uma mesma área comunitária, em unidade mais ampla para evitar duplicidade de meios objetivando fins idênticos e equivalentes;
- IV - integração horizontal no 2º grau de ensino para propiciar a intercomplementariedade de escolas, por meio dos centros estaduais Interescolares destinados ao atendimento simultâneo de estabelecimentos da região;
- V - racionalização administrativa da escola com o adequado aproveitamento do prédio e a melhor utilização dos recursos materiais e humanos existentes.



SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO

RESOLUÇÃO N.º 4, DE 31-1-72

"QUESTIONÁRIO INFORMATIVO"

Dependência Gisa Visconde de São Leopoldo Folha n.º _____

Localidade Rua Jacó Guerra N.º 251 Município Santos S.P.

Delegacia de Ensino Básico de Santos D. R. E. de Litoral

1 - NOME DO SERVIDOR Maria Aparecida Rosquini R. G. 5.566.000
 CIC 722 839 908 Agência Centro Grupo de Pagamento N.º 3
 Conta bancária _____

2 - CARGO OU FUNÇÃO ef. Sub. Quadro DM P.P. T II Padrão 16-A

3 - PROVIDÊNCIA designado (nomeado, transferido, relotado, redistribuído, removido, designado, comissionado, admitido, readmitido, exonerado, etc.) por decreto, resolução ou portaria de 14/02/75 publicado em _____ para exercer a função de Substituta efetiva no Gisa Visconde de S.L.

4 - POSSE 14/02/75 EXERCÍCIO 14/02/75

5 - CERTIFICADO DE SANIDADE E CAPACIDADE FÍSICA N.º _____ expedido em _____ pelo Departamento Médico do Serviço Civil do Estado, ou Laudo Médico n.º 15/75 de 14 fevereiro 75 expedido por Antônio Soudi Santos
 Título de Eleitor n.º 6118 Zona 102 Município Manduaia S.P.
 expedido em 24/03/72 Votou nas últimas eleições - Sim Sim Não _____
 Justificou _____ Certificado do Serviço Militar n.º _____
 Categoria _____ Expedido em _____ por _____

6 - DIPLOMA EXIGIDO PARA A FUNÇÃO normalista
 Número e data do registro 686, de 02/08/74
 Certificado de habilitação em concurso para _____
 n.º _____ expedido em _____ por _____
 Acumula cargo ou função: Não não Sim _____ Qual _____
 Autorização da C.P.A. publicada no D.O. de _____
 Outra atividade remunerada: Não não Sim _____ Qual _____

7 - VANTAGENS PERCEBIDAS PELO FUNCIONÁRIO

Padrão	Importância	Cr\$
Adicionais: n.º de quinquênios	Valor	Cr\$
Sexta parte		Cr\$
Salário esposa		Cr\$
Salário família: n.º de filhos	Valor	Cr\$
Regime de Dedicação Exclusiva: 100% _____ 50% _____		Cr\$
Outros regimes especiais _____ %		Cr\$
Outras vantagens		Cr\$
TOTAL		Cr\$

8 - DADOS PESSOAIS DO SERVIDOR

Pai Luiz Jacó Rosquini Mãe Adelina Vendramini Rosquini
 Nascido em (data) 17/03/42 Localidade Floral Estado S.P.
 Estado civil solteiro Regime de Casamento: _____
 Nome do cônjuge _____ Exerce atividade remunerada? _____